

OS LIMITES DO CORAÇÃO

CAPÍTULO 1

“Século XV. Os primeiros habitantes chegam à Ribeira Grande, sentindo-se atraídos pela fertilidade do local e pela abundância das águas.

Vieram do concelho da Povoação e de Vila Franca do Campo e permaneceram perto do mar, junto à foz da grande ribeira; grande ribeira esta que deu nome ao nosso concelho. A nossa Ribeira Grande.

O concelho cresceu no que toca a tamanho e a importância com estas novas gentes. Foram surgindo novos povoados, dispersos pelas terras férteis em seu redor.

A cultura do trigo foi, durante o primeiro século, a principal actividade económica dos habitantes.

Nunca podemos esquecer a importância que o trigo conferiu à Ribeira Grande. A maior parte do trigo produzido na Ribeira Grande era, por exemplo, enviado para abastecer a guarnição militar Praça de Magazão, ocupada pelos portugueses no norte de África.

Foi assim que a Ribeira Grande se constituiu no celeiro da ilha de São Miguel.

O caudal da ribeira fornecia a energia necessária às inúmeras azenhas que transformavam os cereais produzidos.

Tal era a importância deste nosso concelho, que alguns almocreves de Ponta Delgada se deslocavam até aqui de propósito para moerem os seus cereais.

A história da constituição da Ribeira Grande continuou durante muito tempo até ser como a temos hoje em dia.

Assim, no século XVIII, instalou-se na Ribeira Grande a actividade da tecelagem e do linho. Com isso, registou-se uma nova fase na vida do nosso concelho, o que trouxe ao mesmo um grande desenvolvimento económico e social.

Este mesmo desenvolvimento marcou o seu espaço nos séculos seguintes, com o aparecimento de várias outras actividades agro-industriais, como a pecuária, os lacticínios, a cerâmica e as culturas do tabaco. Como se não bastassem todas estas actividades, apareceu também a beterraba sacarina, a batata, a chicória e o chá.

No século seguinte, chegou-nos do Brasil o maracujá, através do qual nos dedicamos à indústria de produção de licor de maracujá.

Além disso, surgiu também o sector da construção civil, o qual foi, juntamente com a indústria do licor de maracujá, uma importante referência económica da Ribeira Grande.

A energia geotérmica e a sua exploração chegaram ao concelho já no final do século XX. Esta significou um importante passo para o desenvolvimento regional e um factor de prosperidade para a Ribeira Grande.

O concelho está localizado na costa norte da ilha de São Miguel e é delimitado pelo Oceano Atlântico a norte e pelos concelhos do Nordeste a Leste, da Povoação a Sueste, de Vila Franca do Campo e da Lagoa a Sul e de Ponta Delgada a Sudoeste e a Oeste.

É com muito gosto que estou aqui a falar das minhas origens, com as minhas pessoas e espero, sinceramente, que tenham apreciado toda a informação que aqui deixei e que apreciem tanto ou mais o trabalho que ainda tenho para desenvolver convosco.

Peço-vos uma salva de palmas para a nossa mais recente habitante, Júlia Correia, a qual será uma parte fundamental do nosso dia-a-dia, pelo menos no que toca à nossa história, nos próximos tempos. Bem-vinda, senhora professora.”

Não podia ser. Era estranho demais para ser realidade. Aquele era o seu texto para apresentar naquela mesma sala, naquele mesmo dia. E aquela criatura, fosse ela quem fosse, tinha-no roubado. Tinha feito plágio, simplesmente. E que iria ela discursar quando tivesse que se dirigir ao público? Estava tramada, mas ele também estaria quando saíssem daquela sala.

Era verdade que ela tinha apresentado o texto na sua coluna de opinião de uma revista sobre história, na qual escrevia todos os meses, mas a revista nem era tão conhecida assim e nunca pensou que alguém lhe fosse roubar o texto.

Aquele sujeito também deveria ter pensado que ela não iria apresentar o mesmo texto duas vezes, mas enganou-se. E ele estava a arriscar demais em apresentar um texto dela num local onde ela estaria. Devia pensar que ela não era capaz de se chatear no primeiro dia que estaria nos Açores, para não dar má impressão. Só que se enganou, coitado, e recebeu as suas palavras cruéis na frente de todos.

Enquanto ainda estava nos seus devaneios e no seu momento de fúria, ouviu alguém a chamar-lhe para que ela subisse ao palco.

Alguma coisa haveria de sair, ela não costumava bloquear naquelas situações. O ressoar das palmas era sempre bom de ouvir e ela adorava. Por momentos, sorriu sinceramente para o público, mas quando viu o olhar cínico na sua direcção, lembrou-se logo do que tinha a fazer.

- Boa noite a todos. Para quem não sabe eu sou a Júlia Correia, tenho 29 anos, e sou professora de história no Continente. Estou aqui para leccionar um curso anual sobre a

história da Ribeira Grande. Este será apenas uma experiência e conforme a adesão e o sucesso do curso, o mesmo decorrerá nos próximos anos. Sinto muito gosto em estar aqui, até porque sou natural de cá e os meus pais sempre viveram e conheceram-se cá. Só depois fomos viver para o Continente. É bom voltar às origens e tenho a sensação de que esta experiência vai ser muito boa para mim. – Afirmou ela, com os olhos atravessados para o ladrão do seu texto. – Não tenho nenhum texto para apresentar esta noite além destas palavras soltas que estou a proferir neste momento. Mas isto tem um motivo. Não pensei em aparecer na minha festa de boas-vindas sem umas palavras importantes para vos presentear, só que apresentar o mesmo texto na mesma noite seria aborrecido para vós. – Ela sorriu de tanta raiva, que nem se apercebeu que ele estava inclinado na cadeira, com a mão na boca, a tentar esconder o espanto. – Amavelmente, o senhor que abriu a cerimónia para mim, que tenho a pena de não lhe conhecer o nome, fez questão de ler o texto que tinha preparado para esta noite. E como teve ele acesso ao texto, perguntam vocês? Eu tinha publicado este mesmo texto numa revista de história, mas nunca pensei que alguém quisesse ser gentil comigo ao ponto de me poupar o latim, lendo o texto por mim. Sendo assim, muito obrigada ao senhor, mas não precisava, porque eu adoro ler os meus textos em público.

Estava dito e de uma forma completamente bem-educada. Ele não esperava por aquela atitude, ela nem precisava de o conhecer para saber disso. A parte menos educada viria depois, na penumbra, onde ninguém, além dele, lhe conhecesse a fúria.

- Espero que este curso corra realmente muito bem e que eu me sinta completamente integrada na vossa terra, que afinal é minha também. As inscrições devem ser realizadas no final desta sessão, porque ainda temos um mês para tratar das mesmas. Neste tempo irei habituar-me à minha nova casa, o Solar do Lalém, e procurar conhecer a cidade da Ribeira Grande de uma ponta à outra. Fico muito grata a quem me quiser ajudar nisso.

As palmas começaram a eclodir. Ela tinha mesmo jeito para dominar públicos e dominar aquela cidade não iria ser tarefa difícil. Estava na sua terra, afinal de contas.

Ainda demorou um pouco para que parassem de lhe saudar com palmas. Havia apenas uma pessoa na sala que não batia palmas. Ele estava tão abismado que nem se mexia e reparava em todos os pormenores daquela mulher relâmpago que bem podia destruir-lhe a vida se fizesse uma acusação dele.

Ela estava com as mãos em cima do púlpito, com os braços muito esticados, tal como o sorriso. O cabelo preto e bastante encaracolado davam-lhe um ar inocente, mas ele já

tinha percebido que inocência era uma coisa que ela já não tinha há muito tempo. O corpo esguio, mas não muito grande, exibia um fato de casaco e saia preto, acompanhado de uma blusa vermelha e de uns sapatos altíssimos da mesma cor. Ela estava radiante e quando lhe fosse dirigir a palavra a pedir satisfações pelo plágio, seria muito mais difícil fazer a sua defesa perante uma beldade daquelas, mas ele lá se conseguiu safar.

- Quem pensa que é para roubar o meu texto e ainda por cima apresentá-lo na mesma sala onde me encontro? – Perguntava-lhe ela a um canto da sala, onde ninguém os podia ver.

- Não sabia que era seu. Entregaram-me o recorte da revista, mas já não continha a parte onde surge o autor. – Disse ele, tentando escapulir-se.

- Ora, mas que conveniente. Acha mesmo que eu vou acreditar?

- Não, acho que não. – Afirmou ele a sorrir sorratamente.

- Então acha bem, porque não caio nessa. Deixou-me sem texto, acha isso normal?

- Não se saiu mal, não se preocupe.

- Não foi isso que perguntei. Sabia que posso fazer queixa de si? – Interrogou-lhe ela, com as mãos nas ancas e com a voz já um pouco alta.

- Primeiro fale baixe, vão perceber que estamos a discutir.

- Tem receio por isso é?

- Eu não, mas você deveria ter.

- Porquê? Sou um historiador respeitado do concelho da Ribeira Grande e como você bem disse na sua intervenção, apenas lhe fiz o favor de poupar o latim.

- E acha mesmo que todos pensaram que de facto o que você me fez foi uma gentileza? Por favor!

- Não, não penso, mas sei que se a virem a falar alto comigo na primeira noite que se encontra cá não vão ficar com uma boa ideia de si.

O raio do homem tinha razão. E por isso ela controlou-se o máximo que pude e afirmou:

- É por este mesmo motivo que não vou apresentar queixa de si quanto ao roubo do meu texto, mas apenas porque acabei de chegar e quero que isto me corra bem. Não por ter alguma consideração por si.

- Mas isso é óbvio. Não pode ter consideração por uma pessoa que não conhece minimamente.

- Pois não conheço. Mas já vi o suficiente de si para perceber que me devo manter afastada.

- Mas aí vai ter pouca sorte. – Disse ele a rir descaradamente. Ver a fúria daquela professora estava a ser interessante. – Isto porque a cidade não é assim tão grande e porque também estou a morar, temporariamente, no Solar do Lalém.

Apesar de ter ficado surpreendida, ela simplesmente disse:

- Se é só temporariamente, o assunto está resolvido!

CAPÍTULO 2

O dia estava ameno. O sol brilhava e o ar estava bastante fresco. Era Setembro, portanto o Verão estava a queimar os seus últimos cartuchos e Júlia saiu bem cedo para os aproveitar.

Já tinha passado dois dias desde a sua apresentação perante a população da Ribeira Grande e, felizmente, Júlia não tinha voltado a encontrar o seu inimigo número um, ou pelo menos era assim que ela costuma pensar nele.

O seu destino naquele dia seria conhecer o famoso Jardim do Paraíso, que se situava no centro do concelho. Saiu a correr de casa para não perder o seu hábito de correr todas as manhãs e dirigiu-se ao jardim. Pelo menos a manhã seria passada lá; à tarde haveria de ver o que fazia.

Correu o mais depressa que pode, sabendo que para chegar ao jardim ainda teria um pouco para andar, o Solar do Lalém ainda ficava longe para quem não estava habituado. Exactamente por esse motivo, ela saiu de casa às oito horas da manhã.

Enquanto corria, não pensava em mais nada, a não ser na óptima sensação que tinha ao estar na sua terra de origem. Ela tinha um estranho pressentimento de que aquela nova experiência iria correr bem. Júlia conhecia bem a história da Ribeira Grande, tinha estudado bem a lição, para poder fazer aquele curso com o máximo de qualidade possível. Muitas pessoas já se haviam inscrito, o que era uma óptima notícia. Mais mulheres que homens, mas ela já estava habituada a isso. Havia sempre mais mulheres que homens nas aulas de história, porque seria diferente daquela vez?

O suor já começava a escorrer pelas suas faces; a roupa já estava colada ao corpo e Júlia já tinha vontade de voltar para casa mesmo antes de chegar ao jardim. Afinal era mesmo longe da pousada para o jardim, mas fosse como fosse iria chegar à sua meta. Para regressar seria bem pior, mas isso seria um pormenor para pensar depois.

Quando chegou ao jardim, encontrou uma bela paisagem. Tinha valido a pena o esforço. Sentou-se num banco de madeira e começou a fotografar o jardim. Tinha prometido aos pais que lhes mandaria fotos da cidade para que eles vissem as diferenças. Eles já não vinham a São Miguel há muito tempo, daí terem a noção de que o concelho pudesse estar muito diferente.

Já cansada de estar sentada, Júlia levantou-se e atravessou a ponte por cima da ribeira que corria sem parar, decidida e rápida. Debruçada na ponte, Júlia conseguia ver

perfeitamente o mar que rodeava a ilha. Era de facto uma dádiva morar num local como aquele. Ela sempre teve vontade de voltar a morar na Ribeira Grande, mas os pais não podiam voltar por causa dos seus postos de trabalho e por isso, quando ela recebeu o convite da Câmara Municipal não pensou duas vezes na resposta. Tinha de voltar.

Continuou a andar pelo jardim, a fotografar cada pormenor que via. Os canteiros de flores estavam tão bem tratados, que mais parecia um jardim privado. Vermelho, laranja e verde eram as cores que ressaltavam aos seus olhos. O vermelho e o laranja das flores e o verde das árvores que enchiam ainda mais aquele espaço.

Prosseguindo a caminhada pelo jardim, ela passou pelos baloiços e pelos outros objectos capazes de entreter as crianças, e não só, e acabou por chegar o mais perto possível das grandes arcadas. Eram magníficas, tal como os pais lhe haviam dito. Júlia ficou muito tempo parada a olhar para a ribeira e para tudo o que envolvia o jardim e começou a pensar no que havia deixado no Continente.

Além dos pais e dos amigos, ela havia deixado um amor. Não muito importante, porque se o fosse ela não o tinha deixado com tanta facilidade, mas dadas as circunstâncias ela não tinha outra solução. Nunca iria dar certo.

O facto era que aquele trabalho em S. Miguel tinha vindo mesmo a calhar. Tinha sido uma óptima oportunidade para sair daquela relação.

E enquanto pensava no antigo problema, o seu mais recente surgiu-lhe, como se de uma coincidência infeliz se tratasse. Aquele iria ser de facto o seu novo problema, mas ela ainda não sabia.

- Então vizinha, não a tenho visto. – Disse o historiador com o seu ar mais matreiro.

- Nem precisa. Ou teve saudades?

- Não precisa ser tão arrogante. Só estou a tentar ser simpático.

- Acha mesmo que dá para eu aceitar a sua simpatia? Depois do que me fez? – Ripostou ela.

- Peço-lhe desculpas. Mas a cidade é pequena. Vamo-nos encontrar muitas vezes e será muito desagradável para ambos se tivermos sempre esse tipo de atitude.

- Não precisamos de nos relacionar, simplesmente.

- Acha? Vai precisar mais de mim do que pensa. – Indagou ele.

- E pode dizer-me porquê? – Perguntou ela, tirando os óculos de sol da cara e colocando-os na testa, de forma a ver melhor a expressão daquele impostor.

- Porque ambos trabalhamos na área da história e devo saber alguma coisa que você não saiba. Logo, vai precisar de mim. Vai precisar de trabalhar em conjunto comigo.

- Poderia dizer isso se não houvesse mais professores de história na Ribeira Grande e se não houvesse livros nas bibliotecas. Deve-se achar muito importante.

- Por acaso até acho. Sou historiador, com uma grande bagagem sobre o meu concelho. Todos os professores me vêm pedir conselhos e tirar dúvidas. Porque seria diferente consigo?

- Porque não o suporto. – Afirmou Júlia com os dentes cerrados.

Ele ria a alto e a bom som, o que a fez sentir-se mais irritada ainda.

- De que se ri você?

- De si, desculpe a sinceridade.

Ela não respondeu, apenas coçou o nariz, um hábito que tinha quando estava a perder o controlo da situação.

- Ainda vamos ser grandes amigos. Pode crer.

- Duvido.

- Já agora – acrescentou – Sou o Afonso Medeiros. Sou professor na escola secundária há muitos anos e gostava de a conhecer melhor.

- Não precisa. Deixe estar. Dizer-me “olá” e “adeus” já nos chega.

Na mesma hora, ela virou costas e começou a correr em direcção a casa. Dessa vez corria mais depressa, era sempre assim quando estava irritada.

Ele ficou a olhá-la, arrependido por lhe ter roubado o texto. Mas já tinha feito aquilo tantas vezes e tinha sempre se saído bem. O facto é que aquela mulher o fascinava e dizer-lhe “olá” e “adeus” era óbvio que não bastava.

CAPÍTULO 3

- O concelho da Ribeira Grande está localizado na costa norte de São Miguel. É delimitado pelo Oceano Atlântico a Norte, pelo Nordeste a leste, pela Povoação a Sueste, por Vila Franca do Campo e pela Lagoa a Sul e por Ponta Delgada a Sudoeste a Oeste.

A explicação era dada por Júlia, na primeira aula do curso. A sala da escola destinada àquele curso estava cheia, o que lhe era agradável, e a maioria dos alunos eram mulheres, como ela desconfiava que fosse acontecer.

Já estava na sala há cerca de uma hora. Tinha escolhido como tema da primeira aula a geografia do concelho e a sua história inicial.

Depois de fazer toda esta introdução, iria partir para as histórias particulares do concelho. Iria abordar o aparecimento de cada freguesia da Ribeira Grande e os marcos mais importantes dos sítios mais conhecidos.

O curso estava a correr bem. Todos faziam muitas perguntas e ela, claro, sabia as respostas, pois era uma mulher muito estudiosa e esperta.

- O relevo do concelho da Ribeira Grande é dominado pelo maciço vulcânico da Serra de Água do Pau, em cuja caldeira se situa a Lagoa do Fogo. – Continuava ela. – E quais são as principais elevações do nosso concelho, alguém sabe?

Uma mão surgiu no ar. Era um rapaz com cerca de 20 anos que a estendia. Parecia que sabia a resposta. Depois de Júlia ter estendido a mão na sua direcção, ele começou a falar.

- As principais elevações da Ribeira Grande são o Pico da Barrosa, com 947 metros, e o Monte Escuro, com 890. É aqui que reside a nascente da Ribeira Grande, sendo esta a linha de água com maior caudal do concelho.

- Oh... - Ela percebeu que já não se lembrava do nome dele. Era só a primeira aula, mas ela tinha uma enorme dificuldade em fixar o nome dos seus alunos.

- Rodrigo. – Respondeu ele a sorrir.

- Rodrigo, como sabes esta informação de forma tão detalhada? Muitos parabéns.

- Obrigada. – Afirmou ele a corar. – Eu estou a estudar história na Universidade dos Açores e há pouco tempo apresentei um trabalho sobre a Ribeira Grande, daí saber isso.

- E então porque resolveste frequentar o curso? Quando não puder vir já sei quem me pode substituir. – Disse ela a brincar.

- Nem pensar nisso, professora. Tenho muito a aprender consigo, pois é detentora de um grande conhecimento. Tenho visto os seus trabalhos e os seus artigos.

Júlia nunca soube lidar com elogios. Depois de corar um pouco, sorriu para Rodrigo e prosseguiu.

- Sabem por que razões é recordada a origem vulcânica do maciço de Água do Pau? – Perguntou ela, fazendo o giz bater no quadro preto. Vendo que ninguém respondia, nem Rodrigo, ela continuou. – Pela existência de fumarolas na Caldeira Velha e nas caldeiras da Ribeira Grande. Além disso, várias nascentes de água mineral encarregam-se de recordar esta mesma origem vulcânica.

Ela continuou falando sobre aquele tema, tirando uma e outra dúvida com muito gosto. Depois de todos terem percebido toda a matéria até então, ela continuou, falando de outros factos interessantes da Ribeira Grande.

- O litoral do nosso concelho é recortado, predominando as arribas, por vezes altas, interrompidas em certos espaços por troços de praia. A área da Ribeira Grande é de 179, 5 quilómetros quadrados e o concelho alberga 28. 462 pessoas, segundo os censos do ano de 2001.

Olhando para o relógio, Júlia apercebeu-se de que a sua hora se estava a esgotar. O curso era pós-laboral, para que qualquer pessoa se pudesse inscrever, independentemente da sua actividade profissional. Assim, já faltavam apenas dez minutos para as 22 horas, tempo que sinalizaria o final da primeira aula.

- Estamos quase a terminar a nossa primeira aula. Para terminar vou vos apresentar algumas imagens das freguesias da Ribeira Grande, as quais já conhecem muito bem.

E à maneira que ia mostrando as fotos, Júlia enumerava as freguesias do concelho onde agora vivia:

- Nossa Senhora da Estrela, Conceição, Ribeirinha, Ribeira Seca, Santa Bárbara, Calhetas, Pico da Pedra, Rabo de Peixe, Porto Formoso, São Brás, Maia, Lomba da Maia, Fenais D' Ajuda e Lomba de São Pedro.

Ela desligou o data show no final da apresentação das fotos e depois de colher as primeiras considerações sobre o curso, deu por finalizada a primeira lição.

- Muito obrigada pela vossa presença. Espero que tenham gostado. Amanhã vamos estudar a história da sede do nosso concelho. Até amanhã.

Todos saudaram-na meigamente e quando ela se viu sozinha na sala, tratou de arrumar as suas coisas, de fechar as luzes e de trancar a porta. Dirigiu-se rapidamente para casa, porque as noites de fim de Verão já começavam a perder o calor.

Enquanto se dirigia para casa, percebeu que a sua vida estava bem assim, que se sentia feliz a trabalhar, mas que algo mais tinha de surgir.

Ela reparou que uma das suas alunas estava grávida e recordando-se da mesma teve a certeza de que queria voltar a estar naquele estado. Mas para isso, tinha muito trabalho pela frente. Antes de mais nada, tinha de deixar de acreditar que a sua vida estava mais que preenchida.

CAPÍTULO 4

O dia da próxima aula chegou depressa. Júlia sentia-se muito cansada naquele dia, mas tinha de ir dar a aula, não podia, simplesmente, faltar à segunda lição do curso.

O tempo também não estava muito bom e portanto pouco convidativo a trocar de roupa e sair. Estava muito nublado e ameaçava chover. Depois de todo o dia em casa a ver televisão e a ler, era de facto complicado sair àquela hora. Mas lá foi. Escolheu a sua melhor roupa, como sempre fazia quando estava mais tristonha, calçou uns sapatos a condizer e saiu de mala castanha na mão.

O facto bege ficava-lhe bem e o salto alto também. Ela sentia-se bem naquela nova fase da sua vida e isso significava que poderia muito bem ficar por lá.

Começou a chover e ela simplesmente estava a pé. Era extremamente chato ficar duas horas seguidas a dar uma aula e a sentir a roupa molhada no corpo. Mas ela não tinha solução. Isso pensava ela. Como com um toque de mágica, parou-lhe um grande carro ao lado da marca Nissan. Ela até sorriu pela gentileza da pessoa e pela sorte que a tinha atingido, mas aquela sensação só durou até perceber quem era o condutor.

- Precisa de boleia, dona? – Perguntou ele com o ar mais irónico possível.

- Não obrigada. Estou quase a chegar ao destino. – Respondeu ela rispidamente a Afonso.

- Se for para o curso ainda lhe falta uma grande parte do percurso. E não é muito agradável dar uma aula com a roupa molhada, pode ficar doente.

Exactamente o que ela pensava. Por mais que ela não quisesse, cruzava-se sempre com aquela malfadada criatura. Era verdade que o concelho até era pequeno e que encontrarem-se com frequência poderia ser normal, mas parecia um exagero. Viam-se quase todos os dias e Júlia não tinha saudades nenhuma de Afonso. Após uns breves instantes disse:

- Não precisa de saber para onde vou e nem se preocupe se fico doente ou não!

- É sempre assim tão ríspida?

- Não, só para quem o merece. Porquê?

- Porque deveria ser sempre.

- E porque diz isso? – Perguntou ela intrigada.

- Porque fica bonita. Bastante mais bonita.

Ela rangeu os dentes e virou o rosto. O barulho do motor continuava lá. Ele andava ao mesmo passo que ela, o que a irritava solenemente. A chuva miúda começou a aumentar e o cabelo da Júlia já estava a pingar. A raiva saía-lhe pelos olhos e o pior era que a sua vontade era entrar no carro. Apanhar chuva era uma das coisas que mais a irritava.

- Júlia, não seja prepotente. Entre no carro que a levo até ao curso. É a minha última oferta.

Ela não respondeu e quando ele já ia começar a acelerar o carro, a chuva ficou mesmo intensa.

- Espere, espere.

- Já precisa de boleia?

- Só com uma condição.

- Ah, o carro é meu e você impõe as condições? Muito bem.

Ela já ia começar a revirar os olhos e Afonso disse:

- Diga lá. Não se chateie que ainda lhe criam rugas precocemente.

- Aceito a sua boleia se não me dirigir a palavra ao longo de todo o caminho.

- Muito bem. Entre.

Ela ficou a olhar para ele, tentando esquecer que estava a dobrar o seu orgulho.

- Não está à espera que eu saia do carro para lhe abrir a porta, pois não? É porque eu não vou. Detesto apanhar com chuva.

- Claro que não estou à espera disso.

- Então entre.

Ela entrou sem reclamar. Tal como tinham combinado, ao longo de todo o caminho, ninguém falou. Chegados à escola, Júlia olhou-o muito fixamente e disse:

- Muito obrigada.

- De nada. Não me custou. Eu vinha para esses lados.

Ela assentiu e colocou a mão na maçaneta do carro para sair, quando ele a tocou agressivamente no braço. Sentindo as sobrancelhas em bico, Júlia olhou para trás.

- Posso só fazer-lhe uma pergunta? – Disse Afonso.

- Sim. Diga.

- Porque raio não queria a minha boleia?

Ela coçou a cana do nariz com a ponta do dedo indicador e chegando-se mais perto do rosto dele afirmou:

- Porque você irrita-me.

Tirou o seu braço do dele rapidamente, saiu e bateu com a porta.

Ele ficou a vê-la ir embora e sorrindo pensou:

- É sempre assim que começa.

Dez minutos de atraso. Que chatice. A sala já estava cheia e ela nem sequer tinha começado a aula. Apanhou o cabelo o mais que pude, passou um lenço sobre o rosto para tirar os pingos de água que ainda restavam e tirou o casaco. Estava mais confortável. Começou a tirar todos os materiais para a aula e sorriu para os seus alunos.

- Desculpem o atraso, mas com a chuva não consegui chegar mais cedo.

Passados uns segundos, ela já estava estabilizada para começar a aula.

- Tal como vos disse no último dia, hoje vamos saber qual a história da Ribeira Grande, da sede do nosso concelho. – Remexendo nos seus apontamentos, Júlia colocou os óculos e começou. – Até 1507, o aglomerado habitacional da Ribeira Grande estava situado, na sua maioria, na nascente da ribeira.

- Onde hoje está a Ermida de Santo André, não é? – Perguntou a aluna grávida.

- Exactamente. – Esclareceu Júlia, fazendo o lápis girar entre os dedos, exibindo um sorriso confiante e extremamente largo.

- A 4 de Agosto de 1507, a Ribeira Grande foi elevada a vila, por alvará de El –Rei D. Manuel I. – Continuou ela. – Este evento decorreu do esforço de Lopo de Arez, um fidalgo natural da Ribeira Grande. Este, em Lisboa, requereu ao monarca que elevasse a Ribeira Grande a vila, porque era da opinião de que a sua terra tinha condições para isso. Alguma dúvida?

Vendo que ninguém respondia, Júlia acenou afirmativamente e continuou.

- Nessa altura, a Ribeira Grande tinha apenas a freguesia de Nossa Senhora da Purificação, ou Nossa Senhora da Estrela, padroeira da Igreja Matriz. Mais tarde resolverem construir uma ponte em madeira sobre a ribeira. Esta durou até 1520 e o objectivo da sua construção era dar mais comodidade à população.

- Esta ponte pode estar relacionada com a que está hoje no Jardim do Paraíso? – Perguntou uma jovem de cabelos pretos e olhos muito azuis.

- Claro que sim. Quando a ponte de madeira deixou de existir, em 1520, Fernão d'Alves, um pedreiro, construiu a ponte de pedra que está no jardim hoje em dia.

A rapariga sorriu para Júlia e anotou o que ela tinha acabado de dizer. Era muito interessante ver que o que ela dizia tinha importância. Era por isso, talvez, que Júlia adorava ser professora.

- Três anos depois: 1523. A Ribeira Grande ainda é um pequeno povoado, registando um fraco desenvolvimento. Um século mais tarde, o desenvolvimento começa a chegar à Ribeira Grande, tornando-se numa das mais promissoras povoações de São Miguel. Foi assim que em 1981, a Ribeira Grande foi elevada a cidade, dado o seu crescimento. E a cidade foi crescendo cada vez mais, até se tornar numa das mais ricas municipalidades dos Açores, como hoje é considerada.

Virando a página do caderno dos apontamentos que tinha na mão, Júlia continuou a narrar aquela história:

- Mas nem tudo foi um mar de rosas. Aconteceram coisas boas e outras menos boas para levar a Ribeira Grande até ao desenvolvimento que hoje se conhece. Para falarmos sobre elas e sobre outros aspectos pelos quais a Ribeira Grande já passou, escolhi um texto de Soares de Sousa para retirar a informação que vos interessa.

Decorreram grandes acontecimentos que geraram progresso, assim como grandes calamidades naturais, como por exemplo a erupção das entranhas da Serra de Água do Pau, em 1563. Este acontecimento destruiu grande parte das suas construções urbanas e tornou improdutivos muitos dos terrenos férteis à sua volta. Outro facto que também foi muito importante para a nossa terra foi a fixação das famílias abastadas, pois assim foi possível aparecer edifícios de porte digno e com uma harmoniosa expressão arquitectónica.

De súbito, uma senhora de cerca de 40 anos perguntou descaradamente a Júlia:

- Pois, isso tudo é muito bonito, mas se não fosse a religião se calhar não tínhamos chegado a lado nenhum. Só que os jovens como a senhora não dão importância a isso, não é?

Júlia sorriu, mas percebeu que teria de dar muito bem a volta àquela sua aluna mais velha, para que ela não ficasse a pensar mal de si.

- Senhora Ana, eu não penso assim. Nem acho que os jovens pensem assim, pelo menos não todos. E de facto tem muita razão naquilo que diz. A religiosidade das pessoas foi muito importante na história da Ribeira Grande. Isso foi o passo para se poder criar os templos e os conventos. Alguns destes edifícios ainda são valores emblemáticos e patrimoniais. Foi a fé das pessoas que fez com que a Ribeira Grande crescesse no que

diz respeito a igrejas e conventos. Mas metade do que outrora foi construído já não existe. As pequenas igrejas primitivas e as construções do início do povoamento há muito que desapareceram. Foi tudo destruído, quer pelos abalos de terra, quer pelos desastres naturais. Mas existiram e por isso têm de ser valorizados.

Já cansada de andar, Júlia sentou-se na sua confortável cadeira e ainda sentindo a roupa húmida.

- Aquilo por que o concelho já passou é tão importante que o património edificado da Ribeira Grande tem muitos edifícios arquitectónicos dos séculos XVII e XVIII. Mas não só. Temos também construções dos séculos XIX e XX. Ou seja, é muito importante aquilo que se faz hoje, a evolução que se atinge, mas a história que temos é o que nos dá os pilares para continuar esta mesma evolução. Alguém sabe quais os templos mais importantes da Ribeira Grande?

Júlia ficou satisfeita quando surgiram dois ou três voluntários no cenário da sua sala de aula. Alguém andava a estudar a lição, alguém andava a ler os livros que ela emprestara aos alunos. Escolhendo um aluno aleatoriamente, Júlia ouviu assim a resposta à sua pergunta, vinda de um senhor de cerca de 30 anos.

- A Igreja Matriz, o Convento de S. Francisco, a Igreja da Conceição e a Igreja do Espírito Santo ou dos Passos são os templos mais importantes.

Acenando afirmativamente, Júlia deu a palavra a outra aluna que parecia querer acrescentar alguma informação.

- A Igreja do Espírito Santo é importante porque possui uma invulgar e rica ornamentação e concepção de fachada. Isto faz dela um exemplo único na Região do barroco italianizante.

Ela adorava dar aula aos adultos. Eles estavam ali, porque queriam, não porque os obrigavam e vinham sempre com a lição estudada. Ser professora tinha sido uma ótima escolha.

- Tenho um trabalho de casa para vocês. Não vai ser hábito, mas para não ser apenas eu a falar, acho que assim conseguimos aulas mais dinâmicas e interessantes. Quero que façam uma pesquisa nos livros que vos dei sobre como cresceu a Ribeira Grande e sobre algumas das coisas que ainda hoje perduram no tempo e que foram criadas há muitos anos. Claro que há muito material para se poder fazer esse trabalho, por isso não teremos conteúdos muito repetidos.

Todos assentiram e ela pensou automaticamente no segundo ponto da matéria daquele dia. Depois de ter feito quilómetros na sala, sempre com os apontamentos na mão, Júlia voltou ao seu lugar e começou a procurar a informação do tópico seguinte do programa.

- Perceberam tudo, ou querem que repita alguma informação?

Ninguém se manifestou, por isso ela continuou.

- Muito bem. Agora vamos começar por estudar o percurso de cada freguesia do concelho. Umas com mais pormenores do que outras, pelo seu grau de importância. Como ainda nos falta um pouco para terminar a aula, vamos partir para o estudo da freguesia do Pico da Pedra. Temos alguém aqui desta freguesia?

Levantaram-se duas mãos. A Joana e o Renato.

- E algum de vocês sabe alguma coisa sobre a vossa freguesia?

O Renato sabia.

- Sei que o nome da freguesia deve-se a um alto pico basáltico que lá existe. – Respondeu o rapaz.

- Muito bem. É uma informação interessante.

Voltando a pôr-se de pé, Júlia começou a contar o que sabia sobre o Pico da Pedra.

- O povoamento do Pico da Pedra teve início em meados do século XVII. Mais tarde, no século XIX, por pedido dos habitantes, o Pico da Pedra foi elevada a freguesia. No que toca a património cultural edificado desta freguesia, deve-se destacar a sua igreja paroquial, sob a invocação de Nossa Senhora dos Prazeres. Esta foi edificada no século XIX.

Júlia começou a distribuir umas fotos da igreja pelos seus alunos, tornando mais prática e interessante a sua aula.

- Antes da igreja ser edificada, a missa era ouvida na Ermida Nossa Senhora dos Prazeres, cuja construção é de 1604. Na ermida encontrava-se uma imagem da Nossa Senhora, em terracota, do século XVII.

Recolhendo as fotos e distribuindo outras relativas ao fontenário no Largo do Trabalhador, Júlia contou a história do mesmo.

- Este fontenário que vêem nas fotos foi construído em 1836, o qual comemora a chegada da água canalizada à freguesia do Pico da Pedra. A freguesia tem hoje um dia um bom cartão-de-visita, que é o museu local. Este está sob a alçada da junta de freguesia e é repartido por duas salas: uma possui elementos que dizem respeito à

temática local e a outra é uma galeria para exposições. Sugeriu que fossemos fazer uma visita ao museu. Calculo que muitos já tenham visto, mas eu não. Que acham?

Todos concordaram e a visita ficou agendada para a semana seguinte. Mais uma vez a aula correu bem e Júlia sentia-se feliz. Apanhou a boleia de um aluno para casa e no mesmo instante decidiu que não podia mais continuar à mercê de boleias, muito menos de boleias inesperadas.

CAPÍTULO 5

Há um mês que Júlia não via Afonso, parecia incrível, mas era verdade. Moravam na mesma casa, mas mesmo assim não se viam. Parecia que andavam com horários trocados, o que era bom. Mas naquele dia, não sabendo explicar porque, apetecia-lhe vê-lo. Ele era bonito, de facto era. Se calhar até fazia parar o seu pensamento quando o via e quando discutia com ele, mas ele parecia do estilo de gostar de enganar as mulheres e ela já estava um pouco, só um pouco, farta disso. Queria vê-lo, fosse como fosse, naquele exacto dia, naquele exacto momento. Já eram 11 horas da noite e ela não tinha sono. Tentava ler, mas não conseguia; tentava dormir, mas a cama não lhe oferecia o mínimo conforto.

Subitamente começou a pensar porque motivo ela e Afonso tinham aquela disputa constante. Ela era mais agressiva, claro, mas mesmo assim ele também parecia ter algo contra ela. E desde pequena que Júlia sempre sentiu necessidade de por os pontos nos IS em tudo o que estava mal na sua vida. Porque seria diferente daquela vez? Levantou-se rapidamente da cama, vestiu o robe e, completamente decidida, atravessou o corredor para bater na porta do seu vizinho mais adorado. Se estivesse a dormir, havia de acordar. Ela é que não ia conseguir dormir enquanto não estivesse ao pé dele, para esclarecer o problema que eles tinham, claro.

Depois de três toques, Afonso abriu a porta. Ele não fez cerimónias em vestir robes ou camisas. Veio em calções, apenas. Quando um homem irritava e era bonito era a junção perfeita, as amigas sempre lhe diziam isso.

- Mas isto é uma invasão? Estava quase a dormir.

- Pois, calculei, mas precisava de falar consigo. Senão não adormeço!

- Por acaso tiro-lhe o sono? – Perguntou ele, enquanto estendia o seu rosto para mais perto da cara de Júlia.

Mexendo no cabelo e sentindo o rosto a corar, Júlia sentiu-se, pela primeira vez na sua vida, sem resposta. E para insinuações daquelas ela tinha sempre resposta. O que se estava a passar? Ela nem queria perceber.

- Não tem resposta? Sinceramente, gosto quando deixo uma mulher sem resposta.

- Não é isso. – Já recomposta, Júlia continuou o discurso. – Claro que não me tira o sono. Apenas quero perceber porque razão tem-me tanta raiva que o faz discutir comigo todas as vezes que nos vemos!

Com esta questão ela já estava bem irritada, o que a deixava mais bonita aos olhos de Afonso. Depois de a olhar de cima a baixo, ele disse:

- Eu não discuto consigo. A Júlia é que fica sempre enervada quando nos encontramos. Ainda não percebi porquê.

- Não se tente desviar do problema!

- Temos um problema, é? Estamos a evoluir. – Afirmou ele com um sorriso manhoso.

- Claro que temos. Se não tivéssemos não nos daríamos mal, certo?

- Eu dou-me muito bem consigo.

- Ai sim? Não parece nada. – Ripostou a professora.

- Não parece? Pois já vai ver como não tenho problemas consigo.

Ele olhou para os dois lados do corredor, chegou-se bruscamente para Júlia e sem ela se aperceber de como aquilo tinha acontecido, ele já tinha os seus lábios grudados nos dela e as mãos nos ombros. O beijo selvagem foi ficando doce e calmo e, repentinamente, ele estava a deslizar as suas mãos pelos braços dela, como se estivesse a fazer uma carícia.

- Agora sim temos um problema. Não achas, Júlia?

Ela sabia que era exactamente aquilo que queria quando se dirigiu ao quarto de Afonso. Sentiu-se atraída por ele desde o primeiro momento, mas não sabia se ele iria reagir como ela queria só porque resolveu enfrentá-lo.

Sem responder à pergunta que Afonso lhe havia feito há alguns segundos atrás e, desafiando todos os limites da sua razão, Júlia entrou no quarto e fechou a porta.

Eles olharam-se, uma e outra vez sem se mexerem. Por mais estranho que parecesse, Júlia foi a primeira a avançar. Desta vez foi ela quem começou o beijo e fê-lo com a maior doçura que podia; com muita calma e sentindo as pontas dos seus dedos a deslizar na face de Afonso. Ele era completamente fantástico, bonito e sedutor. Com esta consciência vinha-lhe a certeza que tanto temia: estava apaixonada novamente e das outras vezes tinha sempre corrido mal. Correria mal daquela vez também? Ela desejava que não. Afinal nunca tinha sentido raiva por ele, mas sim atracção.

Sentiu que o robe lhe descia do corpo e as mãos dele estavam directamente na sua pele. Anestesiada. Era a palavra mais correcta para o que Júlia estava sentindo. Já tinha feito sexo com muitos homens, mas amor tinha sido apenas uma vez e naquele momento parecia que estava prestes a fazer pela segunda.

Afonso também se sentia rendido. Ao contrário de Júlia, ele nunca se havia enganado sobre o que sentia por ela e sabia que aquilo ia acabar assim, mas estava apenas à espera de que aquela fricção toda desse uma boa noite de sexo, não uma boa noite de amor.

Passados poucos instantes, estavam os dois deitados na cama, a olharem-se sistematicamente.

- Não queres dormir? – Perguntou Júlia, com um ar muito mais descontraído.

Enquanto ele ajustava os seus lábios nos dela, proferiu a frase que ela sempre quis ouvir:

- Não. Por mim ficava assim contigo aqui, sem fazer mais nada.

Não era só sexo. Era mais que óbvio, nem que fosse pela forma que ele a olhava. Mas mesmo assim, para ter a certeza ela perguntou:

- Para ti não é só sexo?

- Até hoje pensei que fosse, mas quando te beijei percebi que és especial. Já estamos a falar demais. Beija-me.

Ela obedeceu e depois de muito obedecer, começou a sentir a chama da paixão por ele a subir no seu peito. Beijou-o mais velozmente, mexendo-lhe no corpo desesperadamente. Eles olharam-se e perceberam que não tinham mais nada que esperar. Olhavam-se como se conhecessem há anos e como se formassem um casal há tempo sem fim; como se não precisassem de dizer mais nada um ao outro. Foi então que a puxou para si e começou a entrar no seu corpo. Primeiro lentamente, muito lentamente, a sentir a respiração dela ofegante mesmo no seu ouvido. Quando aquela calma já não era mais suportável, eles passaram a ser selvagens, como se estivessem toda a vida à espera daquele momento.

Ela era muito mais saborosa do que aquilo que ele imaginava, sendo que não conseguia parar de beijar todo o seu corpo. Cinco minutos mais tarde os corpos deles já estavam muito lânguidos, tanto que os seus movimentos, ainda unidos, eram muito mais lentos.

Ele ficou com a cabeça no peito dela alguns segundos, enquanto ela lhe mexia no cabelo.

De facto um “olá” e um “adeus” não tinha sido suficiente para Afonso. Ele queria muito mais de Júlia, muito mais do que ambos pudessem imaginar. Mas como sempre, as coisas não seriam tão fáceis e tão harmoniosas como eles desejavam que fosse.

CAPÍTULO 6

Quando acordaram, já era dia. Júlia foi a primeira a dar pela claridade. Estavam completamente enroscados. Como sabia bem dormir abraçada a alguém. Regra geral, Júlia não partilhava a cama com os seus amantes, não para dormir. E aquele amante era mesmo bonito e sedutor. O que iria ela fazer com ele naquela cama? Saltar-lhe de novo para cima e beijá-lo ferozmente? Daquela vez apetecia-lhe sexo, para acordar. Mas ele dormia tão bem que ela não conseguiu acordá-lo.

O quarto dele era maior e mais confortável do que o dela. Era mesmo quarto de homem. Pouco decorado, mas bonito. Como ela faria se tivesse de decorar o quarto de um homem. Tinha uma secretária, uma estante cheia de livros e uma prateleira da mesma estante cheia de carros em ponto pequeno. Afinal o historiador também tinha tido uma fase de menino, claro, e parecia que adorava os amigos de quatro rodas.

Curiosa, Júlia, puxou uma t-shirt de Afonso perdida em cima da cadeira ao lado da cama, e levantou-se, dirigindo-se à estante. Ela nunca resistia a uma bonita estante de livros. Começou a ver um por um e, para seu espanto, não eram todos de história. Havia uns quantos romances e pareciam interessantes. Ela abriu um e estava assinado com o nome de Antónia Rodrigues. Tinha o mesmo sobrenome que ele. Havia de ser uma familiar, pensou. Na coluna abaixo encontrou um livro que dava pelo nome de Solar do Lalém. Achou interessante. Tirou-o da estante e sentou-se à escrivaninha a ler. Era a história daquela bonita casa onde ela estava a morar actualmente.

Começou a ler e ficou deveras entretida com a leitura. De repente sentiu uma mão quente e forte mexer-lhe no ombro. Sem olhar para trás, Júlia deixou a cabeça cair sobre a barriga de Afonso e pensou como poderia ser possível ter amansado tanto em relação à raiva que sentia por ele.

- A história da Maia está, em parte, resumida ou testemunhada pelo Solar do Lalém. – Começou ele por dizer.

- Sabes isso tudo é, historiador? – Perguntou ela, girando a cadeira e ficando de frente para o seu mais recente amante.

- Mais ou menos. Já li este livro muitas vezes e acho a história muito interessante.

- Então conta-me. – Pediu ela, enquanto o beijava ternamente nos lábios quentes, acabados de acordar. Depois de lhe responder ao beijo, Afonso continuou:

- Esta casa onde hoje estamos foi edificada no local onde terá existido uma primeira ermida de São Sebastião, nos primeiros tempos de povoamento. Esta habitação resulta de umas obras que foram concluídas em 1850.

- E porque raio se chama Solar do Lalém? – Perguntou ela, enquanto os seus ombros eram educadamente massajados por Afonso.

- Dizem que é porque fica “lá além” da freguesia. O teu pai não te contou estas coisinhas?

- Não. Sobre o Solar não. O que é que sabes mais? – Perguntou ela com o seu ar mais curioso e ele para satisfazer-lhe a vontade continuou a contar o que sabia.

- Nos últimos 25 anos do século XX, o Solar esteve quase a ficar arruinado. Foi então que Afonso Moniz Quental transformou-o numa unidade de turismo de habitação. E bastante mais tarde, o casal Gerard e Gabriela Hochleitner, alemães, tomaram posse do solar.

- Que história bonita. – Disse ela ironicamente.

- Sim, é engraçada. Gosto sempre de saber as raízes de por onde ando. Por isso quero saber as tuas, que achas?

Ela sabia que não podia revelar tudo, mas alguma coisa haveria de lhe contar. Além disso, também queria saber quem era a Antónia Rodrigues. Mas estas histórias ficariam para depois.

- Sim, podes saber. Mas antes, vou fazer o que quiser contigo. Estivemos muitos dias chateados e por isso tenho que abusar de ti agora. E vou começar já nesse sofá.

Com a mão envolvida no pescoço dele, Júlia levantou-se, obrigou-o a sentar-se e encaixou-se no colo de Afonso. Beijou-o até mais não poder. As faces, as orelhas o pescoço, a boca. Ele nunca se manifestou; deixando-se abusar por aquela mulher fascinante que estava encaixada no seu corpo. As mãos dela percorriam o peito de Afonso com uma rapidez tal que ele começou a perceber que a excitação dela deveria muita. Foi pensando nisso mesmo que lhe subiu uma ânsia pelo peito que o fez agarrá-la pelas costas e devorá-la num beijo feroz e apaixonado. Sim, porque era isso que ele sentia por ela. Paixão. Estava apaixonado, declaradamente. Ela começou a entrar dentro dele, enquanto ele encaixava os seus dedos nas coxas de Júlia. Eram tão saborosas que ele não conseguia desprender as mãos. Em poucos minutos, ela agitava-se dentro dele como se não houvesse amanhã e sentia que estava a um nível muito superior em relação

à terra. Tinha atingido o auge rapidamente, o que nem sempre acontecia. Ele emoldurava-lhe a cara, vendo-lhe a boca aberta, enquanto ela arfava de prazer.

- Não pares por favor. Estou a ficar louca por ti.

Ele obedeceu, sem pensar duas vezes. Mexiam-se cada vez mais depressa um colado ao outro e quando, finalmente, foram desvanecendo o ritmo daquele acto tão nobre, Júlia desvaneceu-se no abraço de Afonso. Agora ela quem se deixava beijar uma e outra vez, de olhos fechados e de sorriso na boca. Também ela estava apaixonada e que bom que era. Apetecia-lhe mais uma vez fazer sexo, ou amor com ele, mas melhor do que isso era dormir e dormir muito agarrada a ele.

Voltaram para a cama e dormiram calmamente. Quando acordassem tinham muito para contar um outro, mas também muito para esconder, e umas boas horas de sono seriam o ideal.

Meio-dia era a hora marcada no relógio quando Afonso acordou. Ela ainda estava a dormir serenamente. Brincando com o cabelo de Júlia, Afonso percebeu que tinha um grande caminho pela frente. Não lhe iria contar tudo, claro, mas a parte essencial. Tinha prometido a si mesmo que aquela história tinha acabado e aquele não era o momento ideal para recordar o passado; até pelo contrário...era uma oportunidade para começar de novo.

Ainda embrenhado nos seus pensamentos, ele deu pelos olhos de Júlia a fixarem o vazio. Se calhar estava a pensar em algo tão importante como ele.

- Dormiste bem? – Perguntou ele para afastar aquelas ideias da sua mente.

- Muito bem. – Respondeu Júlia, acariciando o rosto do seu amante.

- Vamos almoçar? Posso ir buscar comida e comemos mesmo aqui.

- É uma boa ideia passar o dia no quarto, mas não me posso esquecer da aula. – Afirmou ela a rir.

Sem proferir nenhuma palavra, ele saiu da cama, trocou de roupa e dirigiu-se à porta. Chegado aí, olhou para trás e mandou-lhe um beijo terno. Há muito tempo que ele não fazia aquilo: demonstrar carinho e afecto por alguém. Júlia seria uma boa oportunidade na sua vida, desde que não descobrisse o seu passado. Não valia a pena remexer nele.

Passados uns largos 20 minutos, ele voltou com dois sacos com comida: um continha bebidas frescas, daquelas que faziam lavar a alma, e no outro tinha dois pequenos

caixotes de comida feita, que por acaso também era algo que preenchia qualquer um; era lasanha.

Assim que Júlia viu a comida, ficou super entusiasmada. Andar toda a noite e toda a manhã enfiada na cama a fazer sexo dava fome, e como estava ela esfomeada.

Comeram mesmo na cama. Já com a fome praticamente saciada, Afonso começou a falar:

- Então vamos falar das tuas raízes? – Sugeriu Afonso. Era bem melhor que ficassem pelas delas.

- Sim, vamos começar a nossa sessão de histórias. Posso começar? – Perguntou ela com um sorriso rasgado, como as crianças no dia dos anos.

Ele acenou afirmativamente e ela continuou.

- Nasci aqui, na Ribeira Grande, mas fui muito nova para o Continente. Até agora morei lá. Estudei lá e trabalhei sempre lá. Adoro morar lá, mas estou a gostar muito de cá estar. É muito bonito e como os meus pais são os dois de cá, tinha muita curiosidade em saber como é viver nos Açores, porque fui embora muito cedo. Ainda quero conhecer todas as ilhas. - Afirmou ela a sorrir. A sua vontade era dizer “o bom era podermos partilhar isso juntos”; mas claro que ela não disse. – Adoro ler e passear, viajar mais especificamente. Sou filha única e é esta a minha história. Não sou uma pessoa com uma longa história de vida. – Disse ela, sabendo que não estava a contar tudo. Não valia a pena. – E tu?

- Não tens mais nada para me contar? – Ripostou ele, sem saber como contar apenas uma parte da sua vida. Seria difícil ocultar a outra. Ela disse que sim, com os olhos a sorrir, e ele começou a contar parte da sua vida. – Eu sou de cá. Estudei nos Estados Unidos da América, mas sempre soube que queria viver cá. Os meus pais estão em França. Já estão reformados e como a minha tia mora lá foram viver com ela durante alguns anos. Sou solteiro e muito bom rapaz. – Não era mentira que era solteiro, pensou ele. Queria contar tudo a Júlia. Desabafar com ela aquilo que nunca tinha desabafado com ninguém, mas não podia. Tinha prometido a si próprio que nunca mais falava naquilo. Era um segredo só seu, um problema que nunca estaria resolvido dentro de si. – Sou uma pessoa normal, assim como tu. Gosto muito de história, mais um ponto em comum, e adoro a minha profissão. O resto já descobriste ontem à noite. – Disse ele com um ar arisco.

- E é só isso? – Questionou ela com um ar de indignada.

- Não, não é. Mas com o tempo descobres todo o resto. – Disse ele beijando-lhe a testa.
O resto ficaria no sótão, como estava há muitos anos. Não valia a pena mexer.

CAPÍTULO 7

Quase todos os alunos já tinham apresentado o seu trabalho sobre o crescimento da Ribeira Grande. Só faltava aquele grupo. Graças a Deus!, pensou Júlia. Estava completamente impaciente. Só pensava em ir ter com Afonso, que a vinha buscar ao final da aula. Desta vez não iria apanhar boleia sem ter vontade. Queria mesmo estar com ele. Há muito tempo que não se sentia assim e já lhe fazia falta. Era muito bom ter alguém para jantar, para sair e para passar quase todas as noites. Eles não eram namorados, mas estavam cada vez mais próximos.

Com a caneta a pender-lhe dos dedos, Júlia apercebeu-se que a turma estava à sua espera para que o grupo começasse a apresentar o trabalho.

- Ah desculpem a distração! Deve ser do cansaço! – Afirmou ela, sabendo que não tinha motivos para estar cansada. Só trabalhava algumas horas por dia; a não ser que fosse pelas noites mal dormidas, mas mesmo assim era muito agradável dormir pouco naquelas circunstâncias.

Depois de dar a permissão para que o grupo começasse a apresentação, Júlia virou-se para o quadro, onde eles se encontravam, e assim ficou até ao final. Agora sim estava atenta. Tinha de estar.

- A evolução e o crescimento da Ribeira Grande decorreram ao longo dos séculos XIX e XX. – Começou o porta-voz do grupo. Era um rapaz, com cerca de 30 anos. Muito bem-parecido e muito simpático. Vestia umas calças de ganga, uma t-shirt e umas sapatilhas. Foi com agrado que Júlia se apercebeu que os seus alunos não faziam cerimónia para frequentar as suas aulas. Ela já tinha dado aulas em universidades e alguns alunos iam vestidos de uma maneira mais formal do que ela própria. Eram apenas aulas, não cerimónias religiosas, como muitos faziam parecer. Voltando novamente à terra, Júlia fixou-se novamente na matéria. – Este crescimento foi resultado do espírito empreendedor da população. A agricultura naturalmente farta, com bons terrenos envolventes da cidade e arredores também foi algo muito benéfico para o crescimento do concelho. – Continuou o rapaz. – Tanta importância teve o desenvolvimento daquela época que hoje em dia ainda temos algumas das suas construções.

Passando o slide para a página a seguir, o porta-voz começou a enumerar cada edifício que havia permanecido no tempo e na história da Ribeira Grande.

- Ainda hoje temos o conjunto dos mercados de agricultura e gado e a ponte dos oito arcos, na foz da ribeira, por exemplo. Não podemos esquecer que o nosso Teatro também foi construído no século XX.

Depois de feita a enumeração, o grupo continuou a apresentar diversos aspectos interessantes do concelho, passando para a fase final do trabalho.

- Na Ribeira Grande desenvolveram-se muitas actividades fabris, como a indústria do linho, a do chá, da chicória e a fábrica do álcool. Hoje em dia, predomina a indústria dos lacticínios, a da cerâmica, do chá e a da construção civil. – Ele olhou para os colegas e para a professora, à procura de alguma dúvida e prosseguiu. – Para finalizar, não poderíamos deixar de referir os cursos de água, que ajudaram imenso no aparecimento dos nossos moinhos de água. Estas informações foram baseadas num texto de Soares de Sousa. – Afirmou o rapaz, terminando a apresentação.

No final da aula, Júlia percebeu que tinha ficado satisfeita com o panorama geral das apresentações. Era nisso que ela estava a pensar quando Afonso chegou e a puxou pela cintura.

- Até me assustaste. – Disse ela, depois de o beijar.

- Porquê?

- Porque estava distraída a pensar na aula.

- Pensava que fosse a pensar em mim. – Protestou ele a rir.

- Não, por acaso agora não estava mesmo a pensar em ti. Estava a pensar como gostei da apresentação dos trabalhos dos meus alunos. – Explicou Júlia.

- Eram sobre o quê as apresentações?

- Sobre o crescimento da Ribeira Grande.

- É muito interessante a nossa história.

- Qual? A minha e a tua?

- A do nosso concelho, que de facto é minha e tua. És daqui, também.

Ela sorriu e depois disse.

- E aqui tive de voltar para me encontrar e para te encontrar a ti. – Beijando-o docemente, Júlia propôs: - Vamos jantar juntos?

- Claro que sim. Cozinho eu. – Sugeriu Afonso.

- Estava a falar de irmos jantar fora. – Respondeu a professora entusiasmada.

- Mas apetecia-me algo mais caseiro, mais sossegado. Importas-te? É que estou cansado.

Ela pensou que não houvesse mal nenhum naquela proposta e aceitou, apesar de também querer ir dar uma volta. Porém, a cabeça de Afonso sabia que o facto de não aceitar a sugestão dela só revelava uma coisa: ele ainda não estava preparado para dar aquele passo.

CAPÍTULO 8

Já tinham passado dois meses desde que Júlia e Afonso tinham começado a andar juntos. Não estavam ainda propriamente a namorar, porque ele nunca queria estar com ela em público. Júlia aceitava aquela situação com naturalidade, na maior parte das vezes. Pelo que ele lhe tinha contado, não tinha uma pessoa há muito tempo e aquela situação podia ser frágil para si. Ela era compreensiva, o que por vezes tornava tudo mais difícil de perceber. Daquela vez não era excepção. Afonso tinha de facto algo que o levava a não andar publicamente com Júlia e se não tivesse acontecido aquele imprevisto, de certo que andariam assim por muito mais tempo.

Estavam os dois deitados na cama de Afonso, como era habitual, quando alguém lhes bateu à porta do quarto do Solar do Lalém. Com os problemas na sua casa, Afonso acabou por ficar mais tempo do que pensava no Solar, e até gostava, porque tinha a sensação que morava na mesma casa que Júlia, só que em quartos separados.

Ainda era cedo, por isso estavam a dormir. Júlia não acordou, mas Afonso já se sentia incomodado com a insistência da pessoa que estava do outro lado da porta, apesar de serem sete e meia da manhã. Levantou-se devagar, para não acordar Júlia que dormia profundamente. Ela de facto não acordou, apenas respirou mais fundo. Afonso estava de calções apenas, pelo que teve de vestir o robe. Não se sentia bem a abrir a porta naqueles trajes; não sabia quem era a visita. Enquanto vestia o robe, pensou que no dia em que Júlia o visitou de surpresa, quando estiveram juntos pela primeira vez, não se tinha preocupado com isso. Talvez tivesse sido a sua intuição a dizer-lhe que a visita gostaria mais de o ver apenas de calções. Mas naquele momento, achou melhor compor-se. Não fossem os donos do Solar a bater à porta. Poderiam colocá-lo na rua, por falta de respeito. Ainda foi à casa de banho passar água no rosto, porque detestava que as pessoas o vissem com o aspecto de acabado de acordar. Agora sim podia abrir a porta. Deslocou-se até lá, não sabendo se a pessoa ainda lá estaria, pois fê-la esperar durante uns largos minutos. Enquanto colocava os seus grossos dedos à volta da maçaneta, Afonso percebeu que a visita ainda insistia, pois continuava a bater. Os seus olhos ainda estavam preenchidos por uma névoa que o fazia ver as coisas um pouco desfocadas. Foi por isso que ele pensou estar a ver mal. Foi por isso que quando ele a viu pensou que estava a sonhar.

- Antes eras bem mais rápido para abrir a porta às pessoas. Odiavas deixar alguém à tua espera, não era amor?

Ali estava ela. Depois de tantos anos de espera e de falsas esperanças. Ali estava a suposta mulher da sua vida. Mas com Júlia era diferente. Era ainda mais forte e com o regresso daquela mulher tudo ia ser diferente. Júlia iria querer saber porque raio ele nunca lhe havia falado daquela pessoa. Como podia ele adivinhar que ela voltaria? Como podia ele pensar que aquela história seria desvendada quando a sua ex-mulher tinha desaparecido no meio de um acidente de viação? Tinha morrido! Mas, pelos vistos tinha ressuscitado. Ou nunca tinha morrido. Claro que era isso. Antónia nunca tinha morrido. E ele chorou tanto a sua ausência, a sua morte inesperada e tão indefinida. Não era justo voltar tudo agora. Ele já tinha ultrapassado aquela situação, apesar de se recusar a falar dela. Lembrou-se de cada momento que sofreu sem ela, de cada momento que desejou que ela não tivesse entrado naquele avião. Mas agora ela estava ali. E ele não queria.

- Então não me dizes nada? – Perguntou ela indignada.

Antónia estava diferente. Muito mais feminina, muito mais bonita, mas muito mais velha. Tinha desaparecido há mais de cinco anos. Não parecia muito tempo, mas ela estava de facto diferente. Ele queria perguntar onde tinha andado, porque não o tinha procurado, mas não conseguia falar. Júlia continuava a dormir, o que tornava a situação um pouco mais fácil. Com medo de ter de enfrentar duas mulheres ao mesmo tempo, Afonso saiu e colocou o sapato de Júlia entre a porta para que esta não se fechasse. Dirigiram-se para o corredor e aí ele conseguiu falar.

- O que fazes aqui? – Conseguiu ele dizer.

- Desculpa? Não ficas contente por me ver? Eu estou viva!

- Exactamente. E nunca me disseste nada. Como foste capaz?

Antónia fez tiritar o conjunto de pulseiras pendente do seu braço, enquanto coçava a testa. Não estava à espera de uma resposta daquelas. Esperava que ele a abraçasse e a beijasse como sempre fazia quando ela chegava a casa. Por isso disse-lhe:

- Beija-me Afonso.

- As coisas agora são diferentes, Antónia. Eu segui com a minha vida. Porque não me contaste que estavas viva?

- Não podia.

- Como não podias?

- Tenho muito para explicar. Queres jantar comigo? Aí explico-te tudo.

Ele já tinha planos com Júlia, mas tinha de saber por que motivo Antónia tinha desaparecido do mapa sem lhe dizer nada.

- Não precisamos jantar juntos. – Disse ele com a maior rigidez que pude. - Basta que venhas aqui às nove da noite e que me contes tudo. Mas fica sabendo que nunca te vou perdoar por aquilo que me fizeste.

Antónia virou as costas sem dizer nada e Afonso ficou a vê-la desaparecer no corredor, a pensar como se iria safar daquele problema.

Ainda faltava meia hora para Antónia chegar, mas Afonso já estava às voltas no quarto. Ele tinha dito a Júlia que acordara indisposto e que por isso precisava de ficar a repousar o dia todo. Não lhe contou nada sobre a visita relâmpago que teve de manhã. Não valia a pena, pelo menos por enquanto. Ela não achou estranho, nem fez mais perguntas. Simplesmente aceitou a desculpa dele, o que tornou as coisas mais fáceis. Afonso não conseguia parar de pensar no regresso da sua mulher. Ele julgava-se viúvo e de um momento para o outro tinha uma esposa novamente, que por sinal foi a mesma que ele pensava ter morrido. Como podia ser? Estaria ele a sonhar e Antónia não lhe tinha aparecido, de todo, logo de manhã no seu quarto? Não, não podia ser. Ele tinha-a visto; tão bonita, tão charmosa como sempre fora. Parecia ainda mais bonita do que era antes de “falecer”. Se Júlia não tivesse aparecido na sua vida, o mais provável seria Afonso voltar para Antónia. Claro que não se atiraria nos braços dela no primeiro instante em que a visse, mas sabia que bem lá no fundo não iria ficar muito tempo indiferente à única mulher que o havia feito feliz. Mas agora tudo era diferente; Júlia tinha surgido no seu caminho e ele não a queria deixar fugir. Gostou dela no primeiro instante que a viu a referir-se a si como um ladrão de textos e depois gostou mais ainda quando a tomou nos seus braços e a sentiu dentro de si. Afonso sabia que estava a ficar apaixonado por Júlia, mas rever Antónia depois de tanto ter sofrido e esperado por ela, era mais do que conseguia aguentar. E se Júlia se lembrasse de lhe fazer companhia naquela noite? Não seria nada que já não tivesse acontecido, mas ele tinha-lhe dito que estava indisposto e cansado. De certo que ela iria respeitar a sua privacidade, pois não lhe apetecia nada perder Júlia por uma pessoa que estava morta para si. Sim, porque se Júlia visse Antónia com Afonso de certo que não quereria vê-lo tão cedo. Mas não, ela não iria visitá-lo. Não podia. Enquanto dava voltas à cabeça sobre como decifrar aquele triângulo, Afonso

sentiu três toques na porta. Só podia ser ela. Era sempre assim que Antónia batia no escritório quando Afonso estava a trabalhar. Que saudades ele sentiu, por momentos. Além disso, eram nove da noite e ela nunca foi de chegar atrasada, excepto o atraso de cinco anos que levou para voltar para o seu marido.

- Olá. – Disse Antónia com um largo sorriso no rosto quando Afonso abriu a porta. – Posso entrar?

- Podes e deves. – Afirmou Afonso. Não fosse alguém passar naquele momento e ver que ele tinha outra mulher no quarto que não Júlia; aliás, não fosse a sua actual amante passar naquele derradeiro momento.

Ele fechou a porta com força, como para deixar isolado naquele quarto aquele problema.

- Devo entrar porquê? – Perguntou Antónia, retomando a conversa.

- Porque não quero que te vejam entrar no meu quarto. – Disse ele, controlando-se por não a abraçar. Ela estava mais sedutora do que nunca e Afonso percebeu que nunca a tinha esquecido. O perfume era o mesmo, de coco e o cabelo estava mais liso e maior do que era anteriormente. Apetecia-lhe mesmo tocar nela, para acreditar que estivesse viva. Durante aquele tempo todo, ele quis que Antónia estivesse viva e quando a viu a única reacção que conseguiu ter, foi desejar o contrário. Afonso saiu do seu devaneio quando se apercebeu que Antónia estava a falar.

- Não queres que me vejam a entrar aqui porquê? Tens vergonha?

- Não sei se tenho, mas não quero. Tenho esse direito.

Ela percebeu que não deveria seguir caminhos complicados com o seu ex-marido e esperou que ele desse o primeiro passo naquela dolorosa conversa.

- Começa a contar-me o que te aconteceu para não me apareceres à frente durante cinco anos. – Afirmou Afonso.

Antónia acenou afirmativamente e passou a língua pelos lábios, como se fosse uma preparação para ter aquela conversa. Foi naquele instante que Afonso percebeu que ainda se lembrava de todos os jeitos dela: Antónia sempre molhava os lábios antes de dizer coisas difíceis.

- Naquele dia em que me julgaste morta, eu tive um acidente de viação.

- Sim, eu já sei essa parte. – Disse ele com enfado.

- Não me interrompas, por favor. – Ela respirou fundo e continuou. – Estava a caminho de Boston e simplesmente o avião começou a cair. A descida era cada vez mais rápida e

nem mesmo os tripulantes conseguiam estar calmos. Íamos todos morrer e todos sabíamos disso. Eu agarrava-me ao banco como se fosse a minha vida que estivesse nas minhas mãos, mas não havia hipóteses. O avião iria despenhar-se, bem no meio do mar. Todos gritavam como se estivéssemos no meio do inferno, mas a dado momento o silêncio foi-se apoderando de nós e percebemos que não valia a pena gritar mais. Íamos morrer. Sentimos as asas a bater na água e sabíamos que logo depois o avião ia afundar. Nesse momento, as peças começaram a desmontar-se e nós fomos projectados para o mar. Deves estar a perguntar-te como estou aqui. A minha sorte foi ter ao meu lado um capitão de barco profissional. Ele apanhou-me pelo braço e caímos juntos na água. As peças estavam a boiar no mar e foi nestas mesmas peças que nos apoiamos. Ele conhecia muito bem aquela rota, porque a tinha feito muitas vezes no seu barco e enquanto tantas pessoas gritavam, apenas com a cabeça suspensa na água, ele pegou em mim, prendeu-me sob uma das peças e começamos a andar para parte incerta. Nunca se encontraram destroços ou algumas das pessoas a bordo no avião, porque todos desistiram muito rapidamente. Menos eu e o Carlos. Era assim que ele se chamava. Levamos muito tempo a boiar, até que ele começou a perceber exactamente onde estávamos e conseguimos chegar a terra. Apesar de sentir os pés no chão, pensava que não iria conseguir sobreviver. Estava completamente gelada, não comíamos há muito tempo e a minha cabeça parecia que ia explodir. Nunca mais vou conseguir esquecer isso. Mas foi por isso mesmo, para tentar apagar este mau momento das nossas vidas, que eu e Carlos decidimos não contar a ninguém que éramos dois dos passageiros a bordo daquele avião. No hospital, demos outros nomes. Eles caíram que nem uns patinhos na história de que o nosso barco se afundou e que com ele a nossa documentação também se havia perdido. Só passamos lá uma noite, por isso também não nos conseguiram apanhar. Eu e Carlos levamos muitos utensílios da enfermaria. Não fosse algum de nós piorar. Era um hospital muito grande, por isso ninguém deu pela nossa falta, nem pela falta dos medicamentos e das ligaduras. Ele conseguiu um barco, com uma pessoa conhecida, e começamos a vender peixe. – Antónia riu, sabendo que nunca seria capaz de fazer aquilo se não fosse um caso de vida ou de morte. – Tínhamos que ter uma boa alimentação e o dinheiro não podia cair do céu. Carlos, como óptimo marinheiro que era, apanhava imensos peixes. No início usávamos apenas para comer, mas depois pensamos que aquilo nos podia render muito. E assim foi.

Vendíamos muito peixe a bom preço, mas só há pouco tempo conseguimos o valor necessário para podermos voltar.

- Desculpa, mas vou ter que te interromper. Porque raio não contactaste comigo? Eu ia-te buscar, não precisavas de vender peixe para sobreviver. Além disso, era melhor dizeres de facto quem eras do que ficar a viver esta vida, não achas?

Ela baixou o rosto e começou a pensar em tudo o que a fez não voltar, em tudo o que a fez não assumir quem era. Foi ele. Foi Carlos que a impediu de voltar. Ela começou a amá-lo como nunca tinha amado ninguém, nem sequer Afonso, mas agora não fazia mais sentido continuar lá, uma vez que Carlos estava morto e Afonso era melhor solução do que ficar sozinha. Era assim que ela pensava, só não sabia que ia ter de enfrentar Júlia, por isso pensava que o jogo ia ser bem mais fácil.

- Eu não podia contactar contigo. Não tinha forma.

- Não digas isso Antónia, conseguias dinheiro para fazer uma chamada, ou não?

- Eu estive muito tempo em baixo. Vivíamos no barco e eu estava sempre deitada, nem conseguia ajudar Carlos com o peixe. Era horrível, Afonso, eu juro. Só há pouco tempo me recompus.

- E o Carlos, o que é feito dele?

- Ele morreu. – Afirmou ela com pesar. – Teve um ataque cardíaco há cerca de dois meses e aí não tinha mais nada que fazer por lá. – Confessou ela.

- E porque só voltaste agora?

- Porque estive a tratar das nossas coisas.

- Que coisas? – Perguntou Afonso espantado.

Sentindo os olhos muito abertos e o coração à velocidade da luz, Antónia percebeu que tinha falado demais e que tinha de remediar aquela situação.

- Oh, tive de vender o barco e tratar do funeral dele, por exemplo. Tu sabes a que me refiro. – Disse ela desconcertadamente.

- Não sei muito bem, mas pronto. Continua.

Claro que Afonso não sabia. Ele não podia saber que Antónia lhe estava a mentir e que tinha tido uma vida ao longo daqueles cinco anos com Carlos. Eles tinham vivido juntos, tinha-se amado até à última gota e tinham tido uma vida de ricos, já que Carlos era uma pessoa de bem na vida. Antónia simplesmente não tinha querido voltar para Afonso, porque estava melhor com Carlos. Mas agora era diferente e Afonso haveria de ser útil para a sua solidão.

- Não há mais nada para contar. Foi isso que se passou. O resto resume-se ao sofrimento e às dificuldades por que passei e estas eu não sei descrever.

Afonso sentiu pena de Antónia por momentos e, instintivamente, colocou a sua mão na mão dela. Todos os sentimentos presos naqueles anos em que ela estivera “morta” começaram a despoletar no seu coração. Ele queria abraçá-la, beijá-la, penetrá-la. Deveria fazer isso? Se deveria ou não ele não sabia, mas também não teve muito tempo para descobrir qual a melhor atitude a tomar. Poucos segundos depois apercebeu-se que estava a sentir a respiração ofegante de Antónia mesmo na sua boca. Eles estavam tão próximos que bastava um único movimento para que os seus lábios colidissem. Mas nem foi preciso um movimento muito brusco para que isso acontecesse. Afonso beijou Antónia tão ferozmente que nem se apercebeu do que estava a fazer. Naquele beijo estavam reprimidos cinco anos de saudades, de angústia, de solidão. Ele queria-a toda para si e assim foi. Ele levantou-se, puxando-a de encontro a si. Antónia estava rendida ao encanto do seu marido, deixando que ele fizesse o que quisesse consigo. O vestido bege e castanho de Antónia saiu rapidamente do seu corpo, deixando espaço para Afonso mergulhar os seus lábios nos seios da sua esposa, afinal era isso que ela era. Entretanto, Afonso já não tinha o camiseiro azul e branco, mas sim as mãos de Antónia a percorrer toda a zona que se encontrava a descoberto. Eles não fizeram rodeios antes de entrarem um no outro. Apesar de terem ficado distantes durante cinco anos, conheciam-se como se tivessem feito sexo todos os dias. E era isso que eles estavam a fazer. Sexo, não amor. Enquanto o corpo de Antónia balançava rapidamente entre a secretária e o corpo de Afonso, ele lembrou-se da pessoa com que andava a fazer amor. Júlia. O que pensaria ela daquela situação? Ele estava com Antónia porque queria, ela não o tinha forçado. E sabia tão bem tê-la de volta. Mas não era com Antónia que ele queria ficar, disso tinha a certeza. Desprendendo-se dela, Afonso vestiu-se à pressa e atirou-lhe o vestido, dizendo-lhe indirectamente que se recompusesse.

- Então, que se passa? – Perguntou ela.

- Isso não devia ter acontecido. Já me explicaste tudo. Agora podes sair. – Ripostou Afonso.

- Mas diz lá se não foi bom! – Disse Antónia, passando os lábios pelo pescoço húmido do marido. Ele empurrou-a, fazendo com que ficasse sentada na cama.

- Não interessa se gostei ou não. Já passou e já não és minha mulher.

- Ai não? Não me parece. Não nos divorcíamos e eu não morri, não é verdade? – Disse ela, rindo fortemente, deixando a cabeça balançar de encontro às costas.
- Não, não morreste, nem nos divorcíamos, mas vamos fazê-lo.
- Porquê? Podíamos reatar e voltar a ser felizes.
- Agora? Depois de teres desaparecido este tempo todo? Nem pensar. Eu tenho uma pessoa que gosta de mim e que não me ia deixar cinco anos pendurado. Antónia levou inconscientemente à mão boca. Não conseguia acreditar que ele tivesse outra pessoa. Sempre tinha vivido para si e por mais que tivesse desaparecido durante cinco anos nunca pensou que ele pudesse beijar outra mulher.
- Como foste capaz? Quem é ela? – Perguntou ela sem ter noção de que não podia exigir que ele ficasse à sua espera quando ela própria não o fez.
- Não tens nada a ver com isso. Eu gosto dela e odeio-me por ter ido para a cama contigo hoje. Sai por favor. Não te quero ver mais.
- Bem podes não querer, mas não te vou dar este gosto. – Afirmou Antónia batendo com a porta. Naquele mesmo instante, ela teve a certeza de que Afonso não seria um homem divorciado nem tão cedo. E a outra mulher da vida dele de certo que não ia conseguir aguentar muito tempo. Antónia tinha muitos trunfos na manga, bastava saber usá-los na hora certa.

CAPÍTULO 9

Há dois dias que Júlia não via Afonso. Apesar de morarem muito perto, eles simplesmente não se encontravam e Júlia percebeu que algo de estranho se passava. Desde o dia em que ele lhe disse que estava indisposto e que não se podiam encontrar que ela não sabia nada dele. Ligava-lhe mas ele não atendia; apenas lhe enviou uma mensagem de voz a dizer que estava meio constipado e que por isso não a tinha procurado. Claro que Júlia achou estranho, mas não podia invadir a vida dele sem autorização. Por isso resolveu esperar mais dois dias. Se ele não dissesse nada de novo, iria procurá-lo. Porém, naquele momento, não tinha tempo para pensar naquele suposto problema. Tinha de ir dar mais uma das suas aulas. Enquanto apertava bem a trança que tinha caído por cima do ombro esquerdo, Júlia apercebeu-se de que nunca se sentira tão bem como naquele momento. Apesar do afastamento súbito de Afonso, ela tinha a certeza de que ele a amava, porque tinha visto nos seus olhos. Por isso, não estava preocupada, verdadeiramente preocupada, com aquela situação. Além disso, as aulas estavam a correr super bem e o ambiente na Ribeira Grande era ótimo. Era o escape que ela precisava, pois já estava cansada da rotina e da pressa que vivia no Continente. Estava muito bom tempo, pelo que Júlia decidiu que iria a pé dar a aula e não iria pedir boleia a ninguém. Depois no regresso algum aluno simpático haveria de lhe dar boleia. Ainda não tinha comprado um carro, mas estava para breve.

Tinha estado todo o dia a preparar o texto sobre a freguesia de Rabo de Peixe. Ainda tinha bastante matéria para leccionar naquele dia, mas seria mais fácil porque iria distribuir uma cópia do texto por cada aluno. Muitos dos factos narrados naquele artigo, que bem poderia servir para uma revista, já eram do conhecimento de Júlia, mas outros não. Isto deu-lhe muito gozo, pois pôde aprender mais.

Ao longo de todo o caminho foi relembrando cada ponto da matéria, para que não lhe ocorressem acidentes de memória. Chegou à hora em ponto para a aula. Ainda teve espaço para colocar um exemplar do texto que lhe roubou o dia todo em cima de cada secretária e para poder rabiscar alguns apontamentos no quadro. Os alunos entraram todos a tempo e Júlia mandou-os ler o texto, para que depois pudessem falar sobre ele. Era uma forma diferente de dar a matéria. Quando todos fixaram os olhos nas palavras por ela escrita, também Júlia resolveu ler o texto mais uma vez.

“Rabo de Peixe é uma das freguesias mais interessantes da Ribeira Grande, a meu ver. Digo isto pela existência de duas vertentes tão distintas. Se por um lado tem uma camada da população muito desfavorecida quer a nível monetário, quer a nível intelectual, por outro possui uma das zonas mais ricas por aqui conhecidas. Das grandes e altas casas passa-se repentinamente para habitações mais degradadas, com um cenário pouco caloroso, com crianças pela rua a toda a hora, muitas das vezes em trajas impróprios. Nota-se, por um lado, a despreocupação com a vida e por outro, os altos padrões de vivência e a preocupação em ter tudo o que de melhor existe. Podem pensar que estou a exagerar, mas se virmos bem, se pensarmos bem, é mesmo assim. Existe uma grande discrepância nos modos de vida de Rabo de Peixe, pelo que se torna um exemplo dos grandes contrastes existentes no mundo.

E isso não é uma crítica, muito pelo contrário. É um elogio à forma como a freguesia está dividida e à riqueza de conceitos e até, arriscaria a dizer, de culturas. Rabo de Peixe é muito conhecida, aqui e além, por causa disso mesmo. Julgo eu.

Falando especificamente neste pedaço de terra, parte integrante da Ribeira Grande, o Rabo de Peixe tem uma área geográfica de 16, 98 quilómetros quadrados. Confrontando com as Calhetas, Pico da Pedra, Ribeira Seca, Santa Bárbara, Livramento e Cabouco esta freguesia tem o nome que tem por dois motivos. Pelos menos os mais antigos, que são grandes sabedores, apontam duas histórias para o nome Rabo de Peixe.

Assim sendo, diz-se que a toponímia Rabo de Peixe surge devido às parecenças que uma das suas pontas de terra tem com uma cauda de peixe. A outra das teorias, esta de Gaspar Frutuoso, grande cronista açoriano, reza que se chama Rabo de Peixe pelo facto de em tempos se ter encontrado ali o rabo de um grande peixe desconhecido.

Não se conseguiu saber, exactamente, em que data se começou a povoar esta freguesia. Assim, aponta-se que por volta do século XV Rabo de Peixe, em conjunto com a Ribeira Grande, constituía freguesia. Mas foi a 25 de Abril de 2004, que Rabo de Peixe passou a vila.

Nunca nos podemos esquecer de que esta vila é o maior porto de pesca dos Açores. É também uma vila muito populosa, devido em grande parte aos casos de gravidez na adolescência.

Do seu património arquitectónico destaca-se a sua igreja paroquial, dedicada ao Sr. Bom Jesus.

Esta igreja tem três naves no seu corpo principal. Nesta se conserva uma capela-mor com talha do século XVIII, um quadro de S. Pedro atribuído ao Mestre Vasco Fernandes e um Cristo crucificado.

É portanto uma vila importante do nosso concelho, que merece toda a nossa atenção para que os casos de maior pobreza espiritual sejam extintos.”

Assim rezava o texto que Júlia escreveu para os seus alunos. Depois de um longo debate sobre as raízes daquela vila, a professora deu por encerrada a lição daquele dia. Os seus alunos estavam cada vez mais interessados e participativos, o que era bom porque mostrava que eles gostavam das aulas, mas por vezes era chato, sendo que as lições se prolongavam sempre mais do que o suposto.

Júlia foi para casa de boleia com um aluno que também morava na Maia e foi nessa viagem que ela ficou a saber o que andava Afonso a esconder.

- A Júlia já soube do sucedido? - Perguntou ele repentinamente.

- Não soube de nada.

- Não soube da mulher que se julgava morta e que voltou? A esposa do historiador?

Júlia parou por momentos. Não conhecia mais nenhum historiador na Ribeira Grande além de Afonso, mas era óbvio que poderiam existir outros.

- Qual historiador?

- O senhor Afonso.

Ela sentiu os olhos a abrirem-se com tal rapidez, que o seu aluno depressa se apercebeu do seu espanto.

- Não sabia que ele era, supostamente, viúvo! - Ela não sabia nada daquilo. Mas como? A raiva apoderou-se do seu corpo e se naquele momento ela encontrasse Afonso de certo que ele ficaria com a marca dos seus dedos na cara, ou até na garganta. Como tinha sido ele capaz de lhe esconder uma parte tão importante da sua vida? Ela também tinha segredos, quem não os tinha, mas esconder uma coisa destas era muito mau. - Eu não sabia nada disso. Como pude ele não me contar? – Pensou ela alto demais.

- Mas vocês nem se dão bem, pois não? – Questionou o aluno de Júlia indignado. Ela esqueceu-se que a população comum não sabia do “namoro” deles.

- Eu não queria dizer isso. Podes deixar-me mesmo aqui. Obrigada. – Ela foi salva pelo facto de estar mesmo a chegar a casa, o que significava que não tinha que explicar nada

ao seu aluno curioso. Porém, Afonso tinha que arranjar uma desculpa muito bem fundamentada para satisfazer a curiosidade e a ira de Júlia.

CAPÍTULO 10

- Eu não suportava o nosso casamento. No início era tudo um conto de fadas, mas depois, pouco antes dela desaparecer, o matrimónio tornou-se num inferno. – Afonso relatava cada pormenor a Júlia, enquanto ela ficava deitada na cama de frente para ele, a fazer caracóis com as pontas do cabelo que lhe caía pelos ombros. Depois de passar toda a ira e de Júlia ter gritado com Afonso o máximo que os seus pulmões permitiam, ela tinha resolvido parar e ouvir o que ele tinha para contar. Deveria haver uma boa razão para ele não lhe ter dito nada sobre a mulher. – Ela não percebia o que eu sentia. Eu queria que o nosso casamento continuasse bem e ela estava-se sempre a borrifar. Às vezes pensava que ela tinha outra pessoa, mas não tinha. Simplesmente não gostávamos mais um do outro, apesar de insistirmos continuar com aquela união estúpida. Nunca tínhamos sexo, algo tão básico num casamento, e ela, Antónia, era sempre tão fria. – Era a primeira vez, num diálogo de mais de meia hora, que ele proferia o nome da mulher. Já tinha contado a Júlia como se tinham conhecido, como era o casamento e como ela tinha voltado, mas nunca se referia à esposa de outra forma que não “ela”. Era como se magoasse menos falar naquele assunto sem ter de dizer o nome Antónia. – O grande mal foi quando ela morreu. Arrependi-me por tudo o que dizíamos um ao outro, por tudo o que não fizemos juntos por acharmos que a nossa relação só iria piorar. Mas no fundo, sabíamos que tínhamos muitas soluções, só que nenhuma estava ao alcance das nossas mãos e nenhum de nós queria esticar o braço para lá chegar. Não chegámos lá e perdemos tudo o que havíamos construído. E era tanto. – Dizia Afonso com pesar, passando a mão esquerda pelos cabelos desarranjados. Naquela hora, Júlia tinha vontade de o abraçar. De o deixar cair nos seus braços, sem se lembrar de mais nada. Sem se lembrar que ele escondera aquela grande parte da sua vida de si. E foi isso que fez. Aproximou-se do corpo do seu amante e puxou-o, lentamente, para si. Ele começou a chorar baixinho, sem saber o que pensar e talvez arrependido por ter traído Júlia. Não lhe podia contar. Iria perdê-la também, e isso ele não podia permitir a si mesmo.

- Porque nunca me contaste nada? – Questionou Júlia, percebendo agora quem era a Antónia Rodrigues do livro que ela tinha encontrado na prateleira de Afonso. Se bem que aquele nome ainda lhe era familiar por qualquer outro motivo, que naquele momento não lhe ocorria.

- Nunca consegui falar sobre isso desde que ela, supostamente, faleceu. Nem com a minha família, nem quando ela morreu, nem no dia da cerimónia que fizemos pelo seu corpo perdido. Falar significava obrigar-me a admitir que era viúvo e que estava sozinho no mundo, sem a única mulher que havia amado. A única até te encontrar. – Ele teve a preocupação de proferir tais palavras, não fosse Júlia pensar que ele a esquecera para voltar a correr para a mulher. Isso de facto tinha acontecido, mas não bem daquela maneira. Ele amava Júlia e por isso mesmo disse-o. – Eu amo-te Júlia, nunca te esqueças disso, por favor.

Ela compreendia, dentro da medida dos possíveis, o facto de ele ter escondido aquele acontecimento. Também ela guardava o seu segredo, do qual ninguém tinha tido conhecimento. Nem o seu namorado, que era o principal envolvido. Ela não conseguiria contar a ninguém, assumir perante ninguém o que tinha feito. Além disso, não havia necessidade de contar. A sua vida não iria mudar para melhor se contasse a alguém, até pelo contrário.

- Também te amo. Mas preciso que me prometas uma coisa, independentemente de Antónia ter voltado.

- Diz.

- Vamos começar a namorar abertamente. Não consigo mais andar às escondidas. Não tem lógica nenhuma.

Ela tinha razão, mas estaria ele preparado para dar aquele passo? Não sabia, mas de certo que iria saber dali a uns dias, quando se visse obrigado a assumir a relação.

CAPÍTULO 11

Ela reconheceu-a automaticamente. Era a médica, a mesma médica que lhe tinha feito a operação. Não podia ser. O que faria ela na Ribeira Grande? Podia estar de férias, mas porquê exactamente no mesmo local que Júlia? Só o nome dela é que não lhe era visível. Não se conseguia lembrar. O pior aconteceu quando ela se dirigiu a Afonso e o cumprimentou.

- Afonso. Vejo que estás bem acompanhado.

Ele engoliu em seco. Era a primeira vez que se encontrava na presença de Antónia e de Júlia em simultâneo. Continuou sem nada dizer à espera que uma das senhoras fosse mais simpática e comesse a falar.

- Então não ma apresentas?

- É a minha namorada. – Disse Afonso por fim. Júlia ainda teve capacidade para se sentir orgulhosa do nome que ele lhe tinha dado, mas a sua preocupação agora era saber se a médica a reconhecia.

- Eu sou a Antónia Rodrigues. – Disse a esposa de Afonso, fazendo com que Júlia sentisse uma dor imensa, como se um pau de basebol tivesse batido na sua barriga com toda a sua força. A sua médica e a esposa de Afonso não podiam ser a mesma pessoa. Era demais. Enquanto Júlia sacudia os cabelos que teimavam em cair nos olhos por causa do vento, Antónia prosseguiu o diálogo. Só ela parecia estar à vontade. – Não fique constrangida, até já nos conhecemos. Se me lembro de si quanto mais você de mim. Só apliquei aquela operação três vezes além da que fiz consigo. – Estava tudo perdido. Antónia não pararia de falar e Afonso descobriria que ela tinha feito aquilo. Que tinha feito um aborto. O que iria ele pensar? Sim, porque ela tinha vergonha do que tinha feito e ainda se arrependia. Mas para seu espanto, Antónia não seguiu com a conversa.

- Não devias andar com a tua namorada assim por aí. És um homem casado, já te esqueceste? – Disse ela.

- Sou viúvo. – Insistiu Afonso sem saber o que dizer perante tal comentário.

- Eu não pareço morta, pois não? – Perguntou Antónia ironicamente.

- Não vou perder tempo contigo. Com licença.

Antónia ficou a pensar na resposta de Afonso enquanto ele se afastava com Júlia. Se ela pensava que teria o caminho livre estava muito enganada. O destino só lhe estava a dar

mais trunfos. Quando Afonso soubesse o que a sua namoradinha fez ao seu feto, de certo que iria evitá-la. Ele sempre tinha sido contra o aborto. Não ia mudar agora.

- De que estava Antónia a falar? – Perguntou Afonso, fazendo a questão que Júlia mais temia.

- Foi uma operação muito arriscada que eu fiz quando tinha apenas 17 anos. – Disse ela, fugidamente.

- Mas que operação?

- Importas-te que falemos nisso noutra dia? Não gosto de tocar nesse assunto.

Ele respeitou o pedido dela, assim como ela havia feito consigo, mas não deixou de achar estranha a relação que ligava a sua namorada e a sua mulher.

A dúvida continuava latente na mente de Afonso. Que raio de operação tinha sido aquela que Antónia tinha feito a Júlia? E porque motivo não queria Júlia falar naquilo? Era só uma operação ou não?

Como que resposta para as suas perguntas, Afonso viu-se repentinamente acompanhado por Antónia na biblioteca municipal. Ele estava à procura de uns livros e como tinha aquele tempo livre resolveu dedicar-se a isso. Ela vinha provocadora, como da última vez que ele a tinha visto. Apesar de sentir uma grande paixão por Júlia, se Afonso pudesse, tinha agarrado Antónia naquele momento e tinha-a levado para algum sítio bem escondido. Ainda gostava dela, decididamente, mas a história que ela lhe contou sobre o tempo em que esteve desaparecida não lhe assentava muito bem.

- Estás a pensar ainda em como posso estar ligada à tua doce Júlia?

Como sabia ela o nome da sua namorada? Aliás, como sabia ela o que Afonso andava a pensar?

- Não me interessa. A Júlia há-de me contar. Não preciso que me digas.

- Não ia dizer. A não ser que me pedisses muito. Mas não achas estranho que a situação clínica dela ficasse tão bem guardada na minha mente, quando eu tinha imensos pacientes enquanto era médica?

Claro que ele achava estranho. Claro que ele queria saber o que se passava por detrás de todo aquele segredo e se Antónia estava a falar de novo naquele assunto era porque tinha algum tipo de importância.

- Sim, acho estranho. – Confessou. – Mas a Júlia há-de me contar quando achar necessário. Eu acredito nela.

- Ah, então ela não te contou? E se acreditasses nela por que motivo me dirias que achas estranha a nossa ligação?

Ele não sabia como mentir-lhe descaradamente e dizer que não queria saber o que se passava, por isso foi o mais sincero que pode. Afonso nunca conseguia mentir a Antónia, ao contrário dela.

- Se me puderes contar será melhor. Estou muito intrigado com esta situação.

- Eu vou contar-te, mas apenas quando achar que é a melhor altura.

Ele revirou os olhos, mas não sabia se por impaciência, se por irritabilidade perante a atitude infantil de Antónia. Mas no final de contas, também Júlia estava a ser infantil.

- Achavas que eu ia te entregar de mão beijada para aquela pequena? Pois estás enganado. Podes não me querer perdoar, nem querer voltar para mim, mas também não vais ter a vida facilitada com ela. Pede que ela te conte. De certo que ela não vai ter problemas quanto a isso. O que ela fez não é assim tão mau à vista da maioria das pessoas, mas pode sê-lo para ti. Se lhe perguntares já sabes.

Ela mais parecia uma encarnação do diabo, a fazer todas aquelas suposições e todas aquelas perguntas. Mas que raio tinha feito Júlia para Antónia ameaçar o bem-estar da relação deles com aquele assunto? Júlia tinha de lhe contar...por mais difícil que fosse para ela.

- Vou-me embora. Já vi que estás muito ocupado. – Disse ela a fugir do assunto. E assim foi ela. Desapareceu no ambiente da biblioteca tão depressa como apareceu. Foi deixar a semente do veneno e tinha conseguido. Agora Afonso não conseguia deixar de pensar naquilo que Júlia lhe andava a esconder. Ela teria de lhe contar, ou então seria Antónia. Mas ele precisava saber.

Quando chegou ao quarto de Júlia, ela estava deitada a ler. Fechou o livro ao ouvir os batidos na porta e apanhou o cabelo, porque este já lhe estava a cair do elástico. Quando abriu a porta e percebeu que se tratava de Afonso, começou a rir instantaneamente. Era bom vê-lo, ou melhor, era bom perceber que ele estava a procurá-la mesmo depois de ter percebido que havia algum segredo. O que não lhe ocorreu foi o verdadeiro motivo da sua visita: ele queria saber qual era o segredo.

- Olá amor. – Atraveu-se ela a dizer.

- Olá. Espero não estar a incomodar.

- Não, claro que não. Só estava a ler. Queres jantar comigo?

- Júlia, só vim para te fazer uma pergunta. Que raio de operação te fez a Antónia para ela nem se ter esquecido de ti?

Ela não podia acreditar que ele iria querer tocar naquele assunto de tal forma. Júlia não lhe podia contar, que mais poderia fazer para que ele entendesse isso?

- Não interessa, não contribui para o nosso bem-estar se eu guardar este segredo para mim.

- Queres com isso dizer que o meu segredo prejudicou a nossa relação? – Ripostou Afonso.

- Claro que sim. Tu enganaste-me. Nunca me disseste que tinhas uma mulher e agora não sei se sou tua namorada se tua amante. – Disse Júlia, já a gritar.

- Não mudes de assunto. Se não me contares vou perguntar a Antónia.

- Pois pergunta-lhe, ela deve estar mesmo inquieta para te contar e se caíres na armadilha dela estás a ser bem parvo. Não percebes que ela nos quer separar? Não percebes que isso que ela te quer tanto contar é só um pormenor?

- Então conta-me esse pormenor. Não te vai tirar pedaço nenhum, pois não?

Aquela pergunta fez-lhe nojo de si própria e do seu amante também. Era como se Afonso já soubesse a verdade e estivesse a tentar ver se ela lhe contaria. Olhou para ele fixamente e disse:

- Até por acaso vai!

CAPÍTULO 12

-Tens de me contar. A Júlia insiste em não me dizer nada. – Dizia Afonso a Antónia, enquanto passava as mãos pelos cabelos, já um pouco desesperado.

Antónia não dizia, mas estava completamente feliz por perceber que Afonso estava a desconfiar de Júlia. Era completamente impossível viver bem uma relação quando um dos parceiros esconde um segredo e o outro tem de recorrer a terceiros para saber a verdade.

- E porque razão é que ela não te conta? Ela é que é a tua namorada, ou seja lá o que for que lhe chamas.

- Deve ser algo muito grave para ela não me contar. Mas não percebo porque não o faz.

- Ela fez um aborto. Isso nunca te ocorreu? – Gritou Antónia no seu espaçoso quarto de hotel, enquanto o seu marido olhava para ela com a maior das atenções possível.

Agora tudo fazia sentido. Antónia contara-lhe que tinha feito três abortos e que não queria repetir, porque era muito violento para a mãe. E ela, apesar de ser médica, não conseguia suportar tal procedimento.

- Não falas? Agora já sabes a verdade. Não te lembras de eu falar da mãe solteira de 17 anos que me procurou para fazer um aborto? Pois bem. Foi a tua doce Júlia. – Ela estava sempre a usar aquela expressão, como se assim mostrasse mais nitidamente a raiva que tinha por ela.

- Não, nunca me ocorreu. – Disse ele assim que conseguiu pronunciar alguma palavra.

- E agora presumo que a vais deixar. Tu nunca concordaste com abortos. Deixaste de falar com aquela nossa melhor amiga porque ela o fez.

Ele não falava. Simplesmente acenava positivamente.

- Como é que ela me enganou assim? Como?

Ele estava vulnerável; o suficiente para que Antónia lhe conseguisse enfiar umas quantas coisinhas no cérebro.

- Uma mulher que faz isso não tem integridade. E por não contar-te tem menos ainda. Quanto tempo ela iria esconder isso de ti? Talvez anos, caso eu não te contasse.

Ela tinha razão, claro que tinha. Mas como conseguiria ele deixá-la? Não podia, simplesmente. Alguma coisa ele iria fazer, mas só o saberia quando chegasse à escola.

- O nome advém do seu porto, abrigado ao fundo daquela bela enseada, daí ser Porto Formoso. – Dizia Júlia, enquanto os seus alunos a olhavam fixamente. De certeza que todos já sabiam do triângulo amoroso entre Antónia, Afonso e Júlia e naquele momento, ela não sabia se olhavam para si por causa da matéria ou se por causa dos boatos. Ela estava a falar sobre a freguesia do Porto Formoso e independentemente do que pensassem sobre ela, iria continuar a dar a sua aula.

- A fundação do Porto Formoso – continuou ela – remonta ao início do século XVI. Podemos-nos certificar deste facto através do testamento do escudeiro Pedro Vaz Pacheco. Este, a 2 de Junho de 1509, mandou edificar a capela do Bom Jesus para servir de jazigo aos seus descendentes. E falando em questões religiosas, não podemos esquecer que a Igreja Paroquial do Porto Formoso tem como padroeira Nossa Senhora da Graça. Este templo já existia em 1509.

- Já que estamos a falar do Porto Formoso, queria fazer uma pergunta. – Disse uma das alunas mais novas de Júlia. – No caminho do Porto Formoso, que dá para a Ribeira Grande, está um objecto que nunca percebi o que é.

- É o Obelisco da Ladeira Velha. Representa a memória de uma batalhada ali travada durante as Lutas Liberais, que decorreram entre 1829 e 1834.

A aluna assentiu afirmativamente e Júlia continuou a sua aula.

- Nas imediações da Praia dos Moinhos, encontra-se a Ladeira da Velha. Aí existe uma nascente de água mineral, rica em potássio que brota a uma temperatura de cerca de 30°C. Antes, funcionavam umas termas nesta zona. Então, foi ali construída uma pequena casa de repouso para os doentes que se serviam das suas águas.

- Já visitou a Fábrica do Chá Formoso? – Perguntou um rapaz a Júlia.

- Não por acaso não, mas pretendo fazê-lo. – Respondeu ela sem parar de escrever no quadro.

- A minha mãe trabalha lá. É muito bonito.

- Então se a tua mãe trabalha lá deves saber umas coisas sobre a fábrica. Porque não nos contas?

- Por acaso sei, porque quando era mais jovem trabalhava lá no Verão. Então vou começar. – Disse o rapaz, coçando o nariz. – A fábrica já existe há muito tempo. Possui jardins panorâmicos, um espaço museológico, um salão de chá e uma loja de venda. É um óptimo sítio para se passar um dia ou até mais. Adorava a altura de trabalhar por todas estas razões, mas também é uma vida dura.

- Dura como? – Perguntou Júlia.

- As pessoas trabalham muito e exigem muito do seu próprio corpo para termos um bom chá na nossa mesa. É de louvar.

Júlia sorriu e deu a aula por terminada. Tinham fechado com um tema bom, por isso ela ficou satisfeita.

- Meninos, bom fim-de-semana. Até segunda.

Todos lhe desejaram o mesmo e saíram. Era bom ir de fim-de-semana. Júlia já estava a pensar num programa para si e para Afonso, apesar de não estarem muito bem um com o outro. Mas as suas expectativas ficaram por terra quando o ouviu proferir aquela palavra.

- Aborto? – disse ele.

Ela deixou a cabeça cair sobre o braço que estava a apagar o quadro.

- Não é o que tu pensas.

- Não é o quê? Um aborto é sempre um aborto.

Ela começou a ficar furiosa.

- E porque raio a Antónia te foi contar isso?

- Eu pedi-lhe que me contasse. Tu não me querias contar. – Admitiu ele.

Júlia sentou-se. Aquilo iria ser pior do que ela imaginava. Ele tinha ido falar com ela sobre aquele assunto? Como teria sido capaz? Ela estava a meter-se no meio dos dois e Afonso não percebia.

- Ela quer separar-nos, será que não percebes?

- Não interessa. De qualquer forma vou terminar tudo contigo. Não mereces estar comigo.

Ela fechou os olhos por uns escassos segundos e, ainda de olhos fechados, disse:

- Eu ouvi-te. Deixa-me explicar-te o que aconteceu. Vais ver que me compreendes.

Ele até podia compreender, mas noutra altura que não aquela, porque as palavras foram proferidas tarde demais. Afonso já se tinha ido embora da sala.

CAPÍTULO 13

Júlia já não conseguia viver sem ele. Já estava muito habituada a estar sempre na sua presença, independentemente da sua disposição. Ela gostava dele e tinha-o perdido, por causa de um estúpido aborto que a mulher lhe tinha feito. Se soubesse nunca o tinha feito. Não só por Afonso, mas pelo filho que podia ter hoje em dia. Principalmente pelo filho. Ele podia ter 12 anos e se fosse uma menina? Seria a melhor companhia nos momentos de solidão, que já começavam a ser tantos. Ela começou a imaginar como seria levá-la à escola, ensinar-lhe coisas sobre história, contar-lhe histórias de noite. Seria tão maravilhoso. Mas o namorado não a levava a sério, nunca iria querer ter aquela criança e com 17 anos, não se consegue criar um filho sozinha, pelo menos era isso que ela pensava na altura. Além disso, os seus próprios pais ficariam muito desiludidos e nunca a perdoariam. Ela não podia correr aquele risco e foi, infelizmente, procurar a esposa de Afonso como médica. Tinham dito que ela era muito boa e que podia ajudá-la, pagando uma boa quantia. Júlia guardava muito da mesada que os pais lhe davam e por isso não foi difícil conseguir o dinheiro. Ninguém sabia daquele aborto até então. E agora a esposa de Afonso e ele próprio já sabiam. Já não era um segredo. E se Antónia quisesse poderia muito bem espalhar a notícia. Não na terra dos seus pais. Eles ainda tinham muitos conhecidos na Ribeira Grande, pelo que podiam saber rapidamente da novidade. O que iria ela fazer? Nada. Só poderia esperar que Afonso a perdoasse.

Já tinha passado um mês desde o dia que ele a havia deixado. Eles viam-se, claro, moravam na mesma casa praticamente, mas ele nunca lhe dirigia a palavra.

Nesse dia, ela decidiu que ele tinha de a ouvir, assim como ela o ouviu. Vestiu um vestido vermelho comprido, que ele lhe tinha oferecido, como que para lhe mostrar que ainda pensava nele. No braço colocou um relógio preto e uns brincos também pretos. Nos pés levava umas sandálias altas pretas. Depois de apanhar o cabelo, Júlia foi até ao quarto de Afonso. Bateu e ele abriu logo. Ele ia começar a empurrar a porta para que Júlia não entrasse, mas ela conseguiu vencê-lo.

- Deixa-me entrar. Não penses que vais ficar mais um dia sem saber o que eu passei. Eu ouvi-te e tu vais-me ouvir também.

Ela estava linda, pensou ele. Era capaz de a abraçar naquele momento e de nunca mais a deixar. Mas o que ela tinha feito era muito grave, ele não podia deixar passar. Ele

também tinha errado com ela, mas não conseguia deixar de ser intransigente em relação ao que tinha feito. De qualquer forma, resolveu ouvi-la.

- Eu tinha 17 anos apenas. – Quando ela começou a falar, Afonso sentou-se na cadeira da sua secretária, na mesma onde tinham feito amor pela segunda vez. Lembrando-se daquele momento, o amante de Júlia sentiu uma grande vontade de a puxar para si. – O meu namorado dizia-me quase todos os dias que não me levava a sério e que só estava comigo porque de momento não tinha mais ninguém. Era horrível, mas eu gostava dele. Gostava mesmo e era por isso que suportava tudo o que ele me dizia. – Júlia mexeu no cabelo, com o olhar vago, como que arrependida por tudo o que tinha feito. – Um dia, acordei mal disposta e a indisposição manteve-se durante uma semana. Soube dias depois que estava grávida e fui ao hospital. Pedi conselhos e falaram-me na Dra. Antónia Rodrigues, na tua mulher. Eu arrisquei-me e tirei o meu bebé, porque nem os meus pais nem o meu namorado me iriam aceitar. Percebes isso?

Ele manteve-se impávido. Não dizia nada. E ela continuou.

- Eu não tinha condições de criar esta criança, percebes? Diz-me qualquer coisa, por favor.

- E porque não a deste para adopção? – Perguntou ele, quebrando o silêncio.

- Exactamente porque ninguém me iria acompanhar na minha gravidez.

Ele assentiu e disse.

- Agora podes ir embora descansada. Já te explicaste. Eu já te ouvi, como querias.

- Mas não me perdoas, pois não?

Ele não disse nada e ela pensou que já soubesse a resposta. Só mudou de opinião quando o viu avançar na sua direcção. Os braços dele deslizaram nos braços nus dela, como se ele a tivesse a tocar pela primeira vez. Como ela era bonita. Os lábios de Afonso começaram a roçar a sua pele do pescoço, fazendo-a sentir arrepios. Não era possível que ele estivesse a fazer aquilo se esta tão chateado. Talvez já tivesse esquecido, pensava ela. Passaram a noite abraçados, como se não houvesse amanhã e não precisaram de nenhuma palavra para perceberem que tinham reatado a relação.

CAPÍTULO 14

Afonso e Júlia estavam novamente juntos há mais de três semanas. Eles estavam realmente bem. Antónia não andava por perto, o que era de estranhar, e Afonso já quase tinha esquecido a história do aborto de Júlia, o que era bastante importante para ela.

Depois de mais uma aula, Júlia dirigiu-se a um restaurante, onde Afonso esperava por si. Eles tinham-se conhecido há precisamente quatro meses e achavam que por este motivo deveriam sair para comemorar.

Porém, o que Júlia não sabia era que o jantar estava condenado a correr mal. Ela tinha vestido o seu melhor vestido. Já tinha ido preparada para a aula, uma vez que iria sair de lá directamente para o restaurante. Ela já tinha um carro, não era uma grande máquina, mas dava para o que precisava. Falando ainda da sua roupa, Júlia envergava um vestido preto, que lhe caía abaixo dos joelhos. Os sapatos eram prateados e tinham um salto bastante grande. Ela fazia o possível por não usar aquele tipo de calçado enquanto conduzia, mas a ocasião merecia. O cabelo estava puxado com um elástico a aguentar, deixando o rosto completamente descoberto. A maquilhagem marcava presença com uma simples sombra e um pouco de rímel, nada de exagerado. Júlia queria parecer o mais natural possível, mas ao mesmo tempo bonita, pelo que acabou por recorrer um pouco à produção.

Ela já chegou um pouco atrasada, porque ainda não conhecia muito bem os trajectos da Ribeira Grande. Só tinha o carro há uma semana e antes, sempre que saía era com Afonso, pelo que não prestava atenção aos caminhos.

O restaurante não estava cheio, o que era deveras importante. Júlia entrou e vi-o sentado a olhar para a parede em frente, com as mãos pousadas exactamente abaixo do queixo. Assim sério, ele parecia-lhe ainda mais bonito. O desenho do rosto era quase perfeito, principalmente pelo toque da barba um pouco crescida na zona do queixo. Os seus olhos estavam sempre um pouco perdidos e Júlia sabia muito bem que teria um longo trabalho com ele, no sentido de o fazer voltar a ser um homem dito normal. Mas ela não se importava. Nunca tinha pensado daquela forma sobre um homem. Não era do seu estilo apagar-se de tal forma a um homem que a fizesse prometer a si mesma e a ele que ficariam juntos para todo o sempre. Nem sequer o pai do filho de que Júlia abortou abalou tanto a sua vida. Depois do aborto, eles ficaram muito tempo juntos, mas ela não sentiu a dependência que sentia com Afonso. Sabia perfeitamente que estava com

Guilherme, assim s chamava o pai do seu filho, apenas porque não encontrava ninguém “melhor” e porque não sabia viver sozinha. Mas era óbvio que também gostava muito dele.

De súbito, ele reparou que Júlia já tinha chegado. Da mesma forma que ela o avaliou quando chegou, ele apreciou cada pormenor de Júlia enquanto ela ajeitava a pequena mala na cadeira e enquanto se sentava.

- Estás linda. – Conseguiu dizer.

- Obrigada. – Afirmou ela a sorrir.

Ele ficou a olhá-la, calmamente, até que Júlia percebeu que ele não estava bem.

- Que se passa, Afonso?

Ele suspirou e coçou a cabeça. Passava-se qualquer coisa, decididamente.

- A Antónia veio falar comigo.

Júlia engoliu em seco e sentiu o estômago a dar-lhe murros, como se algo de terrível fosse acontecer.

- E depois? – Perguntou ela, a tamborilar na toalha branca de linho que tapava a madeira da mesa do restaurante.

- Ela contou-me algo muito importante.

- Conta-me tudo, sem me esconder nada Afonso. Mais mentiras não.

Ele acenou afirmativamente e percebeu que teria mesmo de ser muito sincero. Já bastava ter escondido a Júlia o facto de ter ido para a cama com Antónia no dia que se reencontraram. Já bastava esconder que lhe tinha sido infiel. Aquilo, ela nunca poderia descobrir, ou então nunca mais o perdoaria.

Antónia já estava sentada no quarto de Afonso quando ele regressou da biblioteca. Como sabiam que ela era sua esposa, devem tê-la deixado subir, concluiu ele.

- Não podias ter esperado lá em baixo? Apanhei trânsito, por isso atrasei-me.

- Não faz mal. Subi, porque não tinha lógica ficar lá em baixo a ver se chegavas. Eu sou tua mulher, ou não?

- Só no papel. – Afonso fez questão de afirmar a importância de Antónia. Ele tinha aceitado recebê-la, porque ela tinha algo muito importante para lhe contar, ao que parecia. Ele queria vê-la às escondidas, sem que Júlia soubesse, não fosse acontecer o mesmo do primeiro reencontro. – Diz lá o que vieste dizer. – Sugeriu ele, convidando-a a sentar-se na sua mesa de estudos. Afonso estava mesmo a seu lado e conseguia cheirar

a fragrância a coco que ela sempre usava desde que namoravam. Ela tinha um vestido lilás, com um colar preto a pender-lhe no peito. Novamente, a sua vontade foi beijar aquele peito bonito e sedoso, mas não podia. Porém, Afonso ficou a pensar se aquele desejo revelava algo menos bom, como ele não ter a certeza de quem amava: se a sua antiga, e ainda, esposa, se Júlia, a sua actual amante. Sacudindo os cabelos para afastar aqueles pensamentos, Afonso olhou para Antónia, cruzou os dedos com força, e esperou que ela começasse a falar. Percebendo o objectivo do marido, foi completamente directa.

- Temos um filho. De cinco anos.

Afonso parou de respirar por uns segundos, não sabia por quantos, mas parou para respirar. Não podia ser. Ela nunca queria ter filhos, como poderia aquilo acontecer agora? Ela tinha desaparecido há precisamente cinco anos. Já teria desaparecido grávida? Só podia. Não havia outra explicação. Mas ele não queria que aquilo estivesse a acontecer. Um filho naquela altura era tudo o que ele não podia ter. Se fosse de Júlia as coisas poderiam compor-se, mas de Antónia? Era impossível. Júlia nunca ia entender, nem ele ia conseguir ficar com uma mulher sabendo que tinha um filho de outra. Depois de pensar um pouco sobre a bomba que lhe rebentava sobre as mãos, Afonso gritou:

- Que raio estás a dizer? Quando engravidaste? Isso é impossível.

- Não, não é. Eu quando fui de viagem já estava grávida só que não sabia. Só descobri quando cheguei a terra.

- E como tenho a certeza de que é meu?

- Pelo amor de Deus, Afonso. De quem mais haveria de ser? – Perguntou Antónia fazendo-se ofendida e levantando-se da cadeira.

- Não faço ideia.

- Ele tem cinco anos. Exactamente o tempo em que eu desapareci. Não achas que tem lógica?

Ele pensou mais calmamente e perguntou:

- Onde está ele?

- Com os meus pais no Continente. Queres conhecê-lo?

- E o que lhe disseste? – Perguntou Júlia extremamente enfurecida para ser simpática. O simples e puro guardanapo de papel começou a ficar machucado com a força que ela fazia nele. Os seus pequenos e frágeis dedos estavam vermelhos de tanta raiva. Era

muita conspiração de certo. Era impossível que quando ela acertasse na escolha de um homem viessem tantos problemas seguidos.

- Eu disse que queria conhecer o miúdo. Que querias que eu fizesse? – Perguntou ele atordoado.

- Vais aceitar esse filho assim, de um momento para o outro? – Júlia já tinha deixado o guardanapo, ficando com a mão livre para poder expressar-se com as mesmas. Ele ia mesmo cair na teia que Antónia estava a montar e Júlia ia ter de vê-lo partir.

- Ele é meu filho.

- Tu não sabes isso. Nem conheces o miúdo. Ela pode muito bem ter tido outro homem enquanto esteve longe de ti.

- Ela não me ia mentir assim. – Disse ele cabisbaixo.

Foi naquele momento que Júlia percebeu tudo. Afinal ela não era assim tão indiferente para o seu marido. Antónia ainda se encontrava em algum canto do coração de Afonso.

- Tu ainda amas a tua mulher?

- Ela não é minha mulher.

- É sim. Mesmo que não queiras admitir, ela é tua esposa e será até querer se divorciar. E claro que com este filho ela nunca se vai querer divorciar de ti. Não me respondeste. – Voltou Júlia a dizer, enquanto os seus olhos lutavam contra as lágrimas que teimavam em cair. – Tu ama-la?

Ele não respondeu, mas também não precisava. Afonso sabia que não tinha esquecido Antónia, mas também não seria fácil esquecer Júlia. Sim, porque bem no seu fundo ele já tinha admitido que não poderia deixar a mãe do seu filho sozinha.

- Não me parece que eu vá esperar pela comida. Fiquei sem fome. – Afirmou Júlia, puxando a cadeira com tanta força para trás que as pessoas pararam para olhar para ela. Apesar disso, nem Júlia nem Afonso repararam na reacção dos outros clientes. Ele não se manifestou por ela dizer que se ia embora. Júlia pegou na mala, encaixou a cadeira na mesa, desta vez mais educadamente, e passando ao lado de Afonso, disse-lhe: - Nunca pensei que me deixasses por ela. Ela não te ama e esse filho pode não ser teu. Vais-te arrependar, mas nesta altura, posso não estar mais à tua espera.

CAPÍTULO 15

Uma cadela. Uma dogue de bourdeux, de nome Amanda. Era a nova companhia de Júlia. Já tinham passado três meses desde que tinha ido jantar com Afonso. Ele de facto tinha voltado para Antónia e por isso tinha saído do Solar do Lalém. Também Júlia tinha saído. Tinha encontrado uma boa casa, mais perto da escola e assim podia ter a sua cadela à vontade. A mãe tinha-lhe oferecido, exactamente para que não se sentisse tão só.

Júlia já tinha tido a oportunidade de ver Afonso com Antónia e com o miúdo. Ao que tudo indicava eles estavam felizes, mas ela não. Júlia passava os dias cabisbaixa e a pensar naquilo que tinha vivido com o seu mais recente ex-namorado. Ela não acreditava que tinha sido deixada pelo homem que mais tinha amado. Ele podia ser o pai dos seus filhos, ele poderia cuidar de Amanda com ela. Mas isso não ia acontecer.

Apesar de ter sido trocada, Júlia sabia que se Afonso quisesse voltar não pensaria três vezes, mas pensaria duas. Sim, duas seria o suficiente. Como ela o amava! Mas ele tinha feito outra escolha e ela não tinha mais hipóteses senão viver sem ele. A vida de Afonso estava restabelecida, por isso Júlia tinha de fazer o mesmo.

De calça de malha e casaco do mesmo material, Júlia resolveu calçar umas sapatilhas e ir passear com Amanda. Sempre arejava e não passava a tarde de domingo em casa fechada. Ela estava sentada junto a Júlia, na relva do jardim. Tinha a pele mais fofa e fina que Júlia havia conhecido. A sua pele enrugada dava-lhe um toque especial. A cor acastanhada naquela espécie de pele era a cereja em cima do bolo. Ela tinha a sua cadela há dois meses, pouco depois de Afonso a ter deixado. A mãe, como que adivinhando os seus sentimentos, ligou-lhe um dia e disse:

- Filha, mandei-te uma encomenda. Deve chegar daqui a dois dias a S. Miguel.

- Mas é o quê? – Perguntou Júlia, com a sua habitual curiosidade.

- Não digo, não achas? Só digo que vais gostar.

Dois dias depois ela tinha ido levantar a encomenda e de facto tinha adorado. Não tinha um cão desde os 10 anos. Ele tinha morrido, estava doente, e ela, nunca superando tal perda, não quis mais nenhum. Mas agora com quase 30 anos estava mais do que na altura para tratar daquele trauma. Daquele e de outros.

Não havia um dia que não passasse, no mínimo, uma hora com Amanda. Ela gostava da companhia da sua cadela, pelo menos não a trairia, disso ela tinha a certeza. Mas também não tinha muitas oportunidades. Amanda só saía à rua com Júlia, pelo que não tinha maneira de fugir. Se tivesse, será que se ia embora, tal como Afonso fez? Se Júlia

tinha lidado mal com a morte do seu primeiro e único cão até então, tinha lidado muito pior com a partida de Afonso, logicamente. Nunca mais poder tocar-lhe, poder senti-lo dentro de si, abraçá-lo, olhar para ele simplesmente. Aquela realidade era muito dura.

Não querendo mais pensar na falta que ele lhe fazia, Júlia bateu duas palmas e fez Amanda se levantar. Pegou-lhe na coleira e desceu a rua. Não tinha um destino, mas também não podia ir muito longe, porque passada mais uma hora seria de noite.

Depois de caminhar cerca de 1000 metros, Júlia chegou a um parque infantil. Era o cenário perfeito. Muitas crianças, pais e amas. O som era fantástico. O barulho das gargalhadas, da satisfação e da alegria das crianças era contagiante. Se Júlia não tivesse abortado, tinha um filho para lhe fazer companhia em vez de uma cadela. Mas assim era melhor; teria o seu filho do homem que a merecesse devidamente.

Ela tinha a esperança de ver Afonso com o filho, nem que fosse apenas para matar saudade do seu belo semblante. Como que por ironia, eles nem se tinham encontrado nos últimos tempos. Talvez assim fosse melhor. Ele não estava no jardim, concluiu Júlia depois de passar em revista todo o local. Mas o filho estava, com uma senhora nova, com cerca de 25 anos. Deveria ser a ama.

Todos os miúdos olhavam para ela por causa de Amanda e o filho de Afonso, que ela não sabia o nome, não foi exceção. Júlia sentou-se num banco meio escondido, mas mesmo assim o filho do seu ex-namorado dirigiu-se a ela.

- Olá. - Disse.

- Olá. Como te chamas?

- Chamo-me Santiago.

- Mas que nome bonito. – Disse ela a sorrir. Ele não tinha traços do pai, mas também Júlia não era parecida com o seu. Ela continuava a insistir na ideia de que aquele menino não era filho de Afonso, mas se ele acreditava que sim nada poderia ser feito para fazê-lo pensar de outra maneira.

- O teu cão é mais bonito.

- É uma cadela e chama-se Amanda. Queres mexer-lhe?

- Posso? – Perguntou ele com as sobrancelhas em bico. A ama estava mesmo ao lado dele, ouvindo atentamente a conversa.

- Claro que podes. Ela não te faz mal.

- Eu queria ter uma, mas a minha mãe não deixa.

Lembrando-se claramente da cara da sua rival, Júlia respondeu.

- Mas porquê?

- Porque a mãe diz que os cães são maus.

- Não são nada. A minha não é. – Afirmou sorrindo.

Enquanto Santiago mexia na cabeça de Amanda, que não se manifestava, Júlia aventurou-se a perguntar:

- Como está o teu pai, o Afonso?

- Eu gosto muito dele e ele está bom. Como sabes quem ele é?

Ela parou, lembrando-se de toda a história que eles tinham e percebeu que só tinha uma resposta:

- Ele é meu amigo.

Ele assentiu e continuou a mexer na cadela. Entretanto a ama chegou-se mais perto e, reconhecendo Júlia disse:

- Ouvi dizer que as suas aulas são muito interessantes.

- Dizem que sim. – Afirmou ela satisfeita.

- O que tenho de fazer para poder entrar no curso?

- Basta aparecer nas aulas. Pode ir quando quiser. Até agora será uma boa altura, porque vou começar de novo a matéria, para novos alunos.

- Então quando devo ir? – Perguntou ela mostrando-se bastante interessada.

- No início do próximo mês será uma boa altura.

Ela disse que iria aparecer. Quando Júlia deu por si, já passava das oito horas e ela tinha de voltar. A ama, de nome Carolina, era bastante simpática e quem sabe se não poderia ser uma ótima fonte de informação sobre Afonso. Naquele dia não iria perguntar nada sobre ele, mas noutra altura quem sabe.

No mesmo momento, também Carolina se apercebeu que era muito tarde.

- Que horror! Deixei-me conversar consigo e tenho de ir para casa. Minha chefe vai-me matar. Ela é muito rigorosa, aqui entre nós. – Disse ela, colocando a palma da mão direita encostada à parte esquerda da boca.

- Não se chateie com ela por minha causa, ela já se irritou demais comigo.

Carolina não se manifestou, porque sabia do que estava Júlia a falar. Todos sabiam que Afonso tinha-a deixado para ficar com a esposa e com o filho, por isso não era segredo.

Santiago deu um amável beijo a Júlia e foi para casa, onde estava o seu pai. Este ia dividir a cama e mais uma noite entre tantas outras com a sua mãe e não com Júlia. Era triste ver o pequeno ir embora para junto de Afonso e não poder ir com ele, mas era a

realidade. Pegando na coleira de Amanda, Júlia levantou-se lentamente do banco e caminho de regresso a casa.

CAPÍTULO 16

Antónia tinha saído há horas e Afonso aproveitou para descansar. A sua esposa dava-lhe muito trabalho. Era exigente, pedia-lhe que estivesse sempre consigo e a situação começava a piorar de dia para dia. Naquele dia, ela estava de folga e Carolina tinha ido passear no parque com Santiago. Ao menos ele tinha tempo só para si. Tinha começado a ver um filme, mas não se concentrava; começou a ler um livro sobre a vida de Da Vinci mas não estava suficientemente atento. Era ela. Era Júlia. Por mais tempo que passasse, ela não lhe saía da cabeça. Tinha-a deixado por causa de Antónia e por causa do seu filho, do seu suposto filho. Claro que ele pensava na hipótese daquele lindo menino não ser seu filho, mas não tinha coragem para pedir a Antónia que fizesse um teste de paternidade. Eles tinham casado e ela não lhe ia mentir daquela maneira, pensava ele. Mas no fundo, ele sabia que se Santiago não fosse seu filho, tinha perdido o amor da sua vida para sempre. Sim, porque o seu amor não era Antónia, como ele pensava antes de conhecer Júlia. Era aquela professora que fazia o seu coração saltar. Só de lembrar do nome dela, ele sentia-se fragilizado, sentia vontade de correr atrás dela.

E como ela era bonita, simples, mas bonita. Adorava conversar com ela. Júlia sabia sempre o que responder, sabia sempre o que dizer quando ele estava mais em baixo para que tudo parecesse bem. Ela era a ideal. A Tal, como ele costumava dizer. E agora tinha desaparecido da sua vida.

Ele tinha ouvido falar que ela comprara uma casa, que ia ficar por muito tempo na Ribeira Grande e isso dificultava a situação deles.

Se calhar ela estava bem, se calhar tinha seguido com a sua vida em frente, pensava ele. Já tinham passado alguns meses, porque haveria ela de ficar a pensar nele?

Como que para interromper os seus pensamentos, alguém colocou a chave na ferradura para entrar. Deveria ser Carolina. Ela até já estava a demorar. Naqueles breves instantes em que alguém estava a tentar entrar pela grande porta castanha, Afonso deu por si a imaginar se aquele alguém fosse Júlia. Eles sentar-se-iam nos sofás brancos da sala, impecavelmente limpos e conversariam sobre o dia de trabalho de cada um. Dariam um beijo fugaz, como faziam antes, porque a qualquer momento podiam fazê-lo...bastava quererem. Antes era assim. Sempre que queriam beijavam-se calma ou ardentemente, mas agora não. Ela estava tão distante que ele nem podia pensar na possibilidade de a tocar.

Era de facto Carolina. Ela entrou e Santiago correu para o pai. Afonso deu um salto para a realidade e passou os dedos grossos pelos cabelos finos do filho. Ele tinha cabelos muito pretos, com olhos grandes e igualmente pretos. O seu sorriso lembrava-lhe Júlia, pois contornava o seu rosto de um lado ao outro, tal como ela. Com cinco anos, ele já falava muito bem, mas para algumas palavras era preciso tradutor, neste caso tradutora. Era Carolina a tradutora. Ela tratava do menino desde que ele tinha ido para o Continente. Antónia já tinha ido para o Continente há cerca de um ano e, como conhecia Carolina, tinha-a levado consigo, por isso conhecia bem o menino.

- Vi a tua 'miga'. – Proferiu ele, na sua linguagem.

Afonso olhou para Carolina à espera de uma resposta.

- Nós encontramos a professora do curso teórico sobre a Ribeira Grande. A D. Júlia. – Disse ela. – E ela contou ao seu filho que era sua amiga.

Afonso ficou a olhar para as mãos cruzadas de Carolina, enquanto esperava que o seu coração parasse de bater tão forte. Santiago tinha estado junto de Júlia. Porque motivo não tinha sido ele a ir passear com o filho? Faria isso amanhã, sem dúvida.

- Viste a Júlia? – Perguntou ele ao filho, sempre sem tirar os olhos da ama.

Sim. Ela é muito bonita e simpática.

Afonso nada disse, apenas assentiu afirmativamente.

- E tem um cão.

- Uma cadela. – Corrigiu Carolina a sorrir.

- Um cão? Uma cadela?

- Sim, pai. Uma cadela. – Repetiu Santiago, como se o pai não entendesse nada à primeira.

- É bonita?

- Muito. Podíamos ter uma. – Sugeriu o pequeno.

- Sabes que a tua mãe não quer.

Ele não falou mais. Baixou o rosto e assentiu. A mãe nunca iria querer um cão em casa.

- Eu vou preparar o duche do Santiago, senhor Afonso.

- Sim, vai Carolina.

Assim que ela virou costas, Afonso chegou-se para mais perto do filho e perguntou:

- O que te disse ela?

- Ela quem?

- A minha amiga, a Júlia.

- Ahhh... nada demais. Perguntou-me como estavas.

- E tu que disseste?

- Que estavas bem.

Ele assentiu durante alguns segundos, o que fez Santiago perguntar:

- Porquê, não é verdade? Não estás bem? Estás doente?

Afonso sorriu com as perguntas inesperadas do filho.

- Claro que estou bem. Porque não haveria de estar? – Ele sorriu e puxou o filho, fazendo-lhe cócegas.

- És um pai fixe. A mãe tinha razão quando dizia que ia gostar de ti.

Ele beijou a testa do filho e levou-o pela mão para o banho.

CAPÍTULO 17

Era Setembro. Uma nova fase das aulas de Júlia já tinha arrancado. As aulas já tinham começado há uns dias e foi naquela quarta-feira, que Carolina apareceu.

- Já pensava que não vinhas. – Disse Júlia, com um ar brincalhão.

- Não pude antes. Sabe como é, trabalhar e estudar ao mesmo tempo nem sempre é fácil. O menino Santiago anda muito apegado a mim e por isso nem sempre consigo deixá-lo para vir frequentar as suas aulas.

Ela era muito simples, mas muito simpática. Devia ter cerca de 24 anos, tinha o cabelo quase sempre apanhado numa trança, vestia jeans, umas all stars e uma t-shirt. Nos braços levava os cadernos, apertados de tal força que devia ter receio de os deixar cair.

Júlia gostava dela. E pensando bem, aquela sua nova aluna poderia ser uma fonte útil sobre o seu ex-namorado. Como ela queria saber como ele estava, o que tinha feito em mais um dia, como se estava a sentir sem ela. Júlia poderia perguntar a Carolina o que era feito do seu patrão, mas não o faria naquele dia. Talvez noutra altura qualquer, quando tivesse mais confiança com ela, mas não naquele dia.

- Sim, eu compreendo. Enquanto estudava também trabalhava, fazendo uns estágios, e sentia-me super cansada e nem sempre tinha tempo para comparecer a tudo. Mas consegui e também vais conseguir.

Carolina não tinha estudado no ensino superior, mas percebia-se que tinha gosto pelos estudos, porém não tinha possibilidades. Era por isso que com 23 anos era ama e não outra coisa qualquer. A vida não lhe tinha sorrido em relação ao emprego e ela tinha de aproveitar a primeira oportunidade que pudesse. Naquele caso foi ser ama de Santiago. Santiago Rodrigues. Filho de Afonso Rodrigues, o seu Afonso. Depois de divagar por mais uns instantes acerca do seu querido ex-namorado, sim porque era isso que ele era, Júlia acompanhou Carolina àquela que seria a sua secretária.

- Espero que gostes. Se tiveres dificuldades basta dizer.

Ela acenou afirmativamente, com o entusiasmo estampado no rosto, e abriu cuidadosamente o caderno, como se fosse o seu primeiro dia de escola.

- Boa tarde meninos. – Começou Júlia por dizer. Por maiores que fossem os seus alunos, ela chamava-os sempre de meninos. Pareciam ser mais dependentes de si se os chamasse daquela forma. Olhando para Carolina com um sorriso doce, Júlia deu a entender que ia apresentá-la à turma. Carolina assentiu e Júlia avançou. – Caso não

tenham reparado, temos uma nova colega na sala. É a Carolina. – Disse ela apontando com a mão na sua direcção. – É da Ribeira Grande e é ama, mas neste momento é apenas uma aluna como todos vocês.

A turma sorriu e deu as boas vindas ao novo elemento e Júlia prosseguiu com a sua aula.

- Bom, hoje vamos estudar a história da freguesia de São Brás. Sei que temos alguns elementos deste local da Ribeira Grande, por isso se tiverem algo a acrescentar, estejam à vontade, como sempre. Peço-vos que olhem para o slide que estou a apresentar aqui no data show e que acompanhem a matéria. – Todos os alunos assim o fizeram e ela começou a apresentação. – Com uma área de 9, 08 quilómetros quadrados, o nome da freguesia de São Brás teve origem numa ermida quinhentista dedicada a São Brás. Não se sabe exactamente quando foi fundada, mas o mais provável é ter sido pela altura em que foi o Porto Formoso, ou seja pelo século XVI. Mas não só na data da sua fundação está a relação entre Porto Formoso e São Brás. Esta freguesia pertenceu ao Porto Formoso até 1980. Foi neste ano que São Brás foi elevada a categoria de freguesia. É importante dizer que esta freguesia esteve ligada às lutas absolutistas e liberais. É por isso que ainda hoje encontramos nesta freguesia a Roca do Louro, uma gruta natural que serviu de esconderijo à comunidade de São Brás durante as lutas. Também se situou em São Brás o Forte de Nossa Senhora da Graça. Este, aquando do desembarque das tropas liberais, foi abandonado pela guarnição miguelista. No ano de 1817, este forte estava em ruínas, por isso, foi reconstruído em 1820. Hoje em dia, restam apenas alguns escombros do mesmo.

Parando alguns instantes para ver se alguém tinha perguntas, Júlia começou a preparar-se para avançar para outro ponto da matéria: a religião.

- A igreja paroquial de São Brás começou a ser edificada em 1866, num terreno doado pelo Conde da Fonte Bela. Porém, o templo só ficou concluído em 1961, com a edificação das torres sineiras.

A aula demorou mais uns quantos minutos. Quando terminou, Júlia começou a arrumar todo o material. Foi quando se virou para a sua secretária, que a professora percebeu que Carolina ainda se encontrava no recinto. Percebendo que ela deveria querer falar consigo, Júlia disse:

- Queres dizer alguma coisa Carolina?

- Sim. – Afirmou ela, acenando com a cabeça. – O meu patrão manda-lhe cumprimentos.

De facto ele tinha-lhe mandado cumprimentos, Carolina não havia inventado aquilo, só que Júlia não tinha certezas nenhuma sobre aquela atitude. No fundo, Afonso não queria mandar cumprimentos, queria mandar lhe um abraço apertado, do fundo do coração. Mas não podia fazê-lo...ninguém poderia saber que ele ainda nutria sentimentos pela sua ex-namorada. Mas o facto era que ele nutria. Batia-lhe o coração de cada vez que Carolina falava das aulas de Júlia em casa e Antónia, esperta que era, percebia que o marido não estava indiferente a toda aquela situação.

Naquele dia, Júlia resolveu ir às compras antes de ir dar a aula. Passando numa loja de desporto, Júlia reconheceu logo que era ele. Além do mais, ele estava com uma criança, que parecia ser Santiago. Só podia ser ele. De calça de ganga bege, de bolsos nos lados, com um pólo vermelho e umas sapatilhas igualmente vermelhas, Afonso preenchia os requisitos que Júlia um dia colocara na sua lista de exigências para o homem perfeito. Ele estava completamente lindo e para ajudar aquele quadro fantástico, ali estava ele agachado ao pé do filho a escolher bolas de futebol. Era incrível como ele conseguia por o seu corpo a andar a 100 quilómetros à hora. Toda a parte do seu corpo que tinha pele estava com pele de galinha. Ele nunca lhe iria ser indiferente, pelo menos era assim que Júlia pensava naquele momento.

Ela não o via há muito tempo. Sabia que ele estava bem, porque encontrava muitas vezes Santiago no parque com Carolina e o pequeno falava sobre o pai. Além disso, Carolina falava muito com Júlia e por vezes contava situações passada na casa onde trabalhava, nas quais Afonso entrava como personagem principal.

Sentindo-se mais tentada do que nunca a falar com Afonso, Júlia dirigiu-se, pé ante pé, em direcção a ambos. Santiago foi o primeiro a vê-la e a sorrir com o encontro.

- Olá Júlia. – Disse o pequeno com um sorriso que lhe preenchia o rosto de um lado ao outro.

Afonso ainda pensou se seria a mesma Júlia que lhe ocupava os pensamentos todos os santos dias. Mas quando a mulher respondeu ao filho, ele não teve mais dúvidas. Era mesmo ela.

- Olá Santiago. Como estás?

- Eu estou óptimo, e tu?

Júlia acenou com a cabeça, mas não continuou a falar, porque Afonso estava a virar-se neste momento. O impacto foi tão grande que nenhum dos dois falou. Deixaram que os seus olhos navegassem por dentro do corpo um do outro, como se estivessem a penetrar um no outro, mas sem se mexerem. Era fantástico perceber que ambos ainda sentiam o mesmo; que ambos sentiam um frenesim imenso ao trocar um simples olhar. Eles apenas regressaram à vida real, quando Santiago puxou a blusa do pai.

- Cumprimenta a minha amiga.

- Tua amiga? – Perguntou Afonso indignado.

- Sim. Vejo a Júlia muitas vezes no parque quando lá vou com a Carolina.

Afonso sorriu e dirigiu-se a Júlia para a cumprimentar. Ele deixou que os seus dedos deslizassem pelo braço quente de Júlia, que estava nu até ao cotovelo. O seu perfume com aroma a framboesa invadiu a mente de Afonso e por momentos, ele teve o leve desejo de a abraçar, de a sentir de novo em si.

- Como estás?

Ela respirou e disse:

- Estou bem, obrigada. E tu?

- Também estou bem. – Coçando o nariz vagamente, Afonso sugeriu: - Que achas de tomarmos um café?

O ar estava muito abafado no café. O recinto tinha esplanada, mas Júlia sabia que Afonso não queria correr o risco de ser visto com ela. No entanto, tinha corrido o risco e isso era importante, pensava ela. Enquanto Santiago comia um grande gelado de morango e chocolate que o pai lhe havia comprado, Júlia bebericava vagarosamente o seu café, como se assim fosse mais fácil evitar a conversa que ambos tinham de ter.

Por momentos, Afonso desejou que aquele fosse o quadro habitual: ele, Júlia e Santiago. Seria tudo mais fácil se aquele filho fosse de Júlia em vez de ser de Antónia. Mas a realidade não batia certo com aquele sonho. Não havia maneira de tentar remediar aquela situação.

Olhando para o filho, Afonso começou a sorrir indelevelmente. Ele tinha a boca suja metade de cor-de-rosa, metade de castanho e parecia tão divertido e distraído que Afonso sabia que o que fosse falado entre ele e Júlia não entraria na pequenina mente de Santiago. Quando ele fazia algo de que gostava muito, podiam ter a maior discussão à sua frente que não se apercebia. Por este motivo, Afonso arriscou-se a dizer a Júlia:

- Sinto a tua falta!

Júlia baixou o rosto e coçou a testa como sempre fazia quando ficava pensativa. O que deveria ela responder?

- Não interessa que o sintas. Não podemos sentir isso, tu sabes. – Afirmou Júlia como forma de defesa. Se ela cedesse, seria tudo mais difícil. Concordar com Afonso seria um passo para ficar toda a noite acordada a pensar nele. Mostrar indiferença seria o melhor.

- Isso significa que ainda sentes algo por mim?

- Não disse isso. – Ripostou ela, fazendo o habitual movimento com os ombros quando não queria ser contrariada.

- Eu ainda gosto de ti. Tu sabes porque fiz o que fiz.

- Não sei nada. Não estamos no século XIV. Mas isso não interessa. – Disse Júlia apontando com a cabeça na direcção de Santiago. Afonso tranquilizou-a com um gesto de mãos, a tentar dizer-lhe que ele não prestava atenção. Júlia apreendeu a mensagem e prosseguiu. – Não podias ter feito aquilo. Eu já tinha dado tudo. Não me podias deixar naquele momento.

- Temos de nos voltar a ver. Por favor. Sinto-me mais perdido a cada dia que passa. – Disse ele.

Júlia apertou a testa, mas a sua alma sorriu. Ele queria voltar para ela, só que não sabia o que fazer para que isso acontecesse. Ela não disse que sim, mas Afonso percebeu que Júlia poderia aceitar aquela ideia, algum dia talvez.

- Não sei. – Disse ela.

- Podes admitir que ainda sentes o mesmo por mim. Estamos aqui só nós dois.

Ela sorriu a olhar para Santiago, afinal estavam três e não duas pessoas naquela mesa. Por isso mesmo, Júlia apenas olhou directamente nos olhos de Afonso e sorriu delicadamente. E porque não arriscar? Ele percebeu que ela queria voltar a estar consigo tanto como ele e sorriu como não sorria há muito tempo.

- Amanhã, depois das minhas aulas. – Afirmou ela, olhando fixamente para o fundo da chávena. Ela não sabia onde se estava a meter.

CAÍTULO 18

A freguesia de Matriz inclui os lugares de Caldeiras e Lombadas. Confronta com o mar e com as freguesias da Conceição, Ribeirinha, no concelho da Ribeira Grande, e com São Miguel, em Vila Franca do Campo.

O seu nome deve-se ao facto de esta ser a freguesia – mãe do concelho, tanto a nível geográfico, como histórico.

Não se pode esquecer a importância da Matriz da Ribeira Grande nos Açores, ou seja, esta freguesia é, sob ponto de vista patrimonial e cultural, um dos lugares do Arquipélago que apresenta maior riqueza. Para exemplificar, lembre-se das igrejas e dos edifícios de boa praça arquitectónica que a Matriz tem.

Como não podia deixar de ser, temos de falar da Igreja de Nossa Senhora da Estrela, a qual é um imóvel de interesse público. Encontra-se situada ao cimo de uma escadaria, à qual se chama Cascata.

Foi na era de 500 que esta igreja começou a ser construída, tendo sofrido muitas alterações com o passar do tempo. Actualmente, a sua feição data do século XVIII. É de referir que a igreja apresenta uma fachada barroca e um interior de três naves.

A Matriz possui ainda a ermida de Santo André, a de Santa Luzia e a de Nossa Senhora da Salvação.

Como se tudo isso não fosse suficiente para embelezar esta freguesia, deve ser referido ainda que a Matriz possui belos exemplares da arquitectura açoriana, como o Solar do Botelho e a Capela de São Vicente.

O edifício dos Paços do Concelho torna mais rica a freguesia. A sua escadaria exterior e a torre do relógio são já uma imagem de marca. No seu interior, podemos encontrar a antiga pedra de Pelourinho e uma colecção dos retratos dos chefes-de-estado.

Outro dos ex-líbrs da Ribeira Grande é a Ponte dos Oito Arcos. Foi edificada no século XIX e é uma obra do engenheiro militar Sousa Silva.

Azulejaria, cerâmica e etnografia também podem ser apreciadas sem ser necessário sair da Ribeira Grande. Basta visitar a Casa Municipal da Cultura, instalada no Solar de São Vicente, na qual se encontram colecções que vêm desde o século XVI até aos nossos dias.

E como o lazer e o deleite também tinham de ter um espaço nesta freguesia, aqui podemos encontrar as Caldeiras da Ribeira Grande. Localiza-se num pequeno vale. Este local possui um estabelecimento termal e várias nascentes de água mineral.

Júlia lia um livro para preparar a próxima aula, quando sentiu alguém a chegar. Ela tinha esperado por Afonso na escola depois da sua aula. Assim tinha ficado combinado. E como tinha matéria para preparar, resolveu ler uns textos, apesar de não estar muito concentrada.

Júlia respirou fundo, ajeitou o cabelo, passando os dedos finos pelos fios lisos e sacudi os ombros. O que ela não sabia era que Afonso já estava a espreitar.

- Estás a pôr-te bonita para mim? – Perguntou ele, com o rosto encostado à porta. O seu sorriso malicioso deixava Júlia com a pele arrepiada, o que lá no fundo era sempre bom de sentir.

Ela não respondeu à provocação do ex-amante. Em vez disso, levantou-se e puxou a saia preta um pouco para baixo. A blusa decotada vermelha combinava perfeitamente com o par de sapatos da mesma cor. Enquanto andava, as pulseiras douradas de Júlia faziam barulho, quebrando o silêncio entre ambos. Mas não estavam calados por não saberem o que dizer, até pelo contrário. Estavam em silêncio, porque queriam descobrir qual a melhor forma de começaram a beijar-se. Sim, porque apesar da quantidade de vezes que já o tinham feito, eles agora precisavam de todo um ambiente para que tal acontecesse.

Júlia dirigiu-se à porta e puxou, lentamente, Afonso pela mão. Ele obedeceu e fechou a porta. Eles sabiam o que iria acontecer depois. Já não estava ninguém na escola àquela hora, como era habitual, o que significa que a tinham só para si. De qualquer forma, Júlia fechou os estores. Dirigindo-se novamente para Afonso, Júlia sorriu levemente. Apesar de ele estar casado, era aquilo que ela desejava, nem que fosse apenas naquele momento. Amanhã seria outro dia. Ele estava sentado numa enorme cadeira, que por acaso era a de Júlia. Ela baixou-se, olhou-o fixamente e beijou-o nos lábios. Inicialmente, aquele contacto era leve e suave. Depois, rapidamente as respirações de ambos ficaram mais aceleradas e Júlia já estava encaixada na anca de Afonso. A saia dela estava toda enrugada junto à sua cintura, enquanto Afonso passeava as suas mãos pela pele lisa e fina da sua ex-amante. Ele não fazia sexo desde que tinha deixado Júlia, tal como ela. Ambos estavam ávidos um do outro o que tornou aquele momento mais importante e excitante.

A blusa de Júlia rapidamente lhe saiu do corpo, assim como a de Afonso. Calculando uma melhor posição para fazerem amor, Júlia levantou-se e puxou Afonso pelos ombros. Retirou a sua saia, os sapatos e as calças de Afonso. Estavam colados da transpiração e dos corpos totalmente nus, quando se deitaram no sofá no corredor. Júlia deitou-se em cima de Afonso e com um sorriso meigo, mas atrevido ao mesmo tempo, começou a mexer-se dentro dele.

Tal como o beijo, o movimento começou muito lento, mas não demorou muito para que ambos se mexessem rapidamente, respirando o mais rápido que conseguiam. As mãos de ambos deslizaram pelos corpos nus a 100 quilómetros à hora, era como se quisessem ter a certeza de que aquele momento era real. Já sentados no sofá, Júlia deixou pender o pescoço, gemendo de tanta paixão. Afonso beijou-lhe o pescoço, os seios, demorando-se mais aí, e sorriu. Há muito que ele desejava que aquilo acontecesse.

Eles nunca pronunciaram uma única palavra. Quando acabaram de fazer amor, ficaram deitados, com os olhos postos um no outro, mas não falaram. Ambos sabiam que aquilo não deveria acontecer.

Claro que era errado. Júlia sabia que não deveria fazer aquilo, tal como Afonso também o sabia. Mas, ambos sentiam uma sede imensa de se verem. Há uma semana que andavam a ver-se às escondidas. Carolina tinha-se revelado muito útil, pois sabia de tudo e ajudava-os nos encontros secretos. Ela sabia como Antónia e Afonso não se amavam e como ele gostava muito de Júlia, por isso não hesitou em ajudá-los.

Assim, Júlia e Carolina começaram a ser amigas. Eles iam todos para o parque com Santiago e depois Júlia e Afonso encontravam-se noutra sítio qualquer. Ela estava cada vez mais desconcentrada. Só pensava no momento em que Afonso encontraria a sua boca e a faria numa mulher deveras feliz. Tudo poderia ser tão mais fácil. O único receio de ambos era que Antónia descobrisse. Havia uma criança naquele triângulo amoroso que por acaso não era de Júlia.

Ela estava à espera que ele chegasse a sua casa para poderem conversar. Alguma decisão deveria ser tomada, o problema era que Júlia já sabia, de antemão, que Afonso não era capaz de deixar o seu filho.

Tocaram à campainha e Júlia sabia que era ele. O seu coração saltou e, fazendo força no sofá branco da sua sala, ela levantou-se. Quando abriu a porta, lá estava ele: de calça de ganga e de pólo cor-de-rosa. Com a mão esquerda no vão da porta e com a outra livre,

Afonso puxou Júlia para si e beijou-a. Ela emoldurou-lhe o rosto, num gesto claro de preocupação. Estavam com as testas coladas, mas sempre à porta, quando ele disse:

- O que se passa?

Júlia saiu da porta e fez com que Afonso lhe repetisse o gesto. Sentaram-se na sala e, com as mãos caídas sobre o colo, ela preparou-se para falar.

- Isso não pode continuar. Nem sei para que raio alinhei nessa loucura contigo. – Proferiu ela. Afonso não lhe respondeu, deixando-a falar. – Não é certo para ninguém o que estamos a fazer. Temos de tomar uma decisão. Não vou permitir a mim mesma passar por isso.

Afonso assentiu com a cabeça e disse.

- É verdade que temos de fazer alguma coisa, mas eu não posso deixar a Antónia, nem consigo viver sem ti.

- Mas que propício, assim podes andar com as duas ao mesmo tempo. – Afirmou Júlia, levantando-se e batendo com as mãos nas pernas.

- Não é nada disso. Mas tens de compreender que a minha decisão é muito complicada.

- Pois claro que é, como se a minha fosse pêssego doce. Achas que é fácil para mim deitar-me contigo e saber que dali a um par de horas vais deitar-te com outra mulher?

- Já falamos disso. Já te disse que não temos relações desde que soube que Santiago era meu filho.

Júlia interpretou aquela afirmação da única maneira que podia ser interpretada. Assim, apertou as sobrancelhas e perguntou a Afonso:

- Por acaso antes de voltares para ela tiveste relações com ela? Que eu saiba quando ela voltou, estavas comigo.

Afonso passou as duas mãos pelo cabelo despenteado, pensando a sorte que teve em Júlia não ter descoberto tudo.

- Claro que estava contigo. Quero dizer que não tenho nada com ela desde que voltamos.

Júlia assentiu, mas não percebeu muito bem a resposta do amante.

- Só preciso saber o que vais decidir da tua vida. Da tua decisão depende a minha vida, a de Santiago e a de Antónia. – Afirmou ela, apontando-lhe o dedo.

- E a minha, não? Tenho de pensar em mim também.

Júlia revirou os olhos, como se aquilo fosse óbvio e continuou à espera da resposta definitiva de Afonso.

- Eu não sei o que vou fazer. Por um lado quero ficar contigo, porque te amo, mas por outro tenho um filho que não posso abandonar. E deixando Antónia, perco automaticamente o meu filho, não achas?

- Claro que não acho. – Protestou Júlia. – Hoje em dia podes muito bem ter o teu filho, ser divorciado e teres uma namorada, que seria eu.

Afonso achou piada à forma que Júlia arranjou para lhe dizer que queria que ele ficasse consigo. Mas sabia que se lhe dissesse o que pensava, a sua amante ia ter um ataque de raiva, tal era o seu estado de nervosismo.

- Eu sei que tens razão, mas a teoria e a prática são coisas muito diferentes.

Júlia sabia que Afonso não seria capaz de abandonar a sua mulher e o seu filho, mesmo que isso significasse ter de deixar Júlia para sempre. Ele teria de escolher e ia ser naquele exacto momento.

- Eu percebo isso tudo e também percebo que tens muito receio de tomar decisões difíceis. Mas hoje eu vou decidir a minha vida, mesmo que não saibas o que fazer com a tua, eu vou saber o que fazer com a minha. Diz-me agora e já qual vai ser a tua posição, se fazes favor. Desculpa a pressão, mas isso não pode continuar.

Naquele exacto momento, alguém tocou à campainha. Afonso respirou fundo, como se achasse que tinha sido salvo por aquela visita inesperada. Júlia olhou para a porta com um ar de espanto, pois não estava à espera de ninguém. Olhou para Afonso, como que para lhe dizer que não se tinha esquecido do ponto em que a conversa tinha ficado e dirigiu-se para a porta. Por momentos, nenhum deles se lembrou que não era suposto Afonso estar na casa de Júlia. Apenas quando perceberam quem era a visita, tomaram consciência da gravidade do problema.

Júlia sentiu os olhos a abrirem cada vez mais, enquanto mordida o lábio inferior. Aquela mulher não podia estar ali, mesmo à sua frente, na sua porta, enquanto Afonso estava confortavelmente sentado na sua sala. A única reacção que ele conseguiu ter, foi colocar as mãos cruzadas junto ao nariz.

- O que faz aqui? – Perguntou Júlia.

- Não me disse isso quando precisei de lhe fazer o aborto. – Afirmou Antónia. Júlia não conseguiu controlar a sua raiva e revirou os olhos mesmo em frente à sua rival. – Vai deixar-me aqui à porta? Olhe que posso dizer o que quero mesmo aqui na sua porta. Só acho que os vizinhos não iriam gostar de ouvir ou não seria conveniente para si que eles ouvissem.

Júlia percebeu que não seria conveniente ter aquela conversa na rua. Além disso, entendeu também que não seria uma conversa fácil. Depois de fechar a porta, Júlia ficou com a mão aberta encostada à porta durante algum tempo.

- O que fazes aqui? – Perguntou ríspidamente Afonso à sua mulher.

- Segui-te. Precisava de saber para onde ias e com quem andavas a perder tanto tempo. Não era normal as tuas ausências tão rotineiras e sempre à mesma hora. Pensaste que eu não ia desconfiar? Já devias saber que não sou assim tão ignorante.

Afonso ficou boquiaberto, mas mais ainda quando Júlia decidiu meter-se ao barulho.

- Vão-me desculpa, mas não vão ter esta conversa na minha casa. Já sabe onde o seu marido estava. Agora hão-de conversar em casa. Pode sair? É que ainda não acabei o que tinha a fazer com Afonso.

Antónia não queria acreditar no que tinha acabado de ouvir, assim como o próprio Afonso. Ele sabia que Júlia era decidida, mas aquela situação devia estar a afectá-la. Como poderia ela ser tão forte perante eles? Não interessava, o facto era que ela estava a ser extremamente extraordinária, para não variar.

- Não vamos discutir agora. Antónia vai embora que eu já vou.

- Eu até ia meu amor, mas ainda não acabei. – Disse ela com firmeza. – Isso não vai ficar assim. Tens de descobrir aquilo que queres para ti.

- Eu já sei disso. Não preciso de duas mulheres coladas ao meu ouvido a dizerem-me isso ao mesmo tempo. Vou-me decidir sozinho.

- Acho que vou dar um empurrão à tua decisão. Sozinho não chegas lá. – Afirmou Antónia. – De certo que quando Júlia souber do nosso pequeno segredo não vai querer mais saber de ti. E aí só te resta uma solução. – Afonso susteve a respiração, porque sabia do que Antónia estava a falar. Ela ia contar tudo a Júlia e ela jamais queria saber da relação que ambos tiveram. – O teu querido amante traiu-te. – Disse ela, apontando para Júlia.

- Eu sei muito bem que ele está contigo, portanto se alguém foi traída este alguém foste tu.

- Não me refiro à relação que vocês mantêm agora. Refiro-me a antes. Quando eu regresssei ainda estavas a namorar com o meu marido, certo?

Júlia assentiu e colocou a mão na cintura do lado esquerdo, fazendo companhia à outra que já se encontrava estagnada do outro lado. Aparentemente, ela estava pronta para o

trabalho, mas afinal estava pronta para matar alguém. Nesse caso, a mulher que se encontrava à sua frente.

Depois de uns segundos a fazer suspense, Antónia disse:

- Eu e Afonso estivemos juntos, mesmo quando eu regresssei. – Vendo o ar de espanto de Júlia, Antónia continuou com o discurso. – Sim, nós fomos para a cama juntos e acredito que ele nunca te tenha contado.

Era óbvio que não tinha contado. Como poderia ter ele feito uma coisa daquelas? Ele que dizia que a amava, que ela era a mulher mais especial da sua vida, como poderia ele tê-la traído com a sua esposa? Aquilo era tudo muito complicado. Ela não conseguia entender. Se fosse mentira, de certo que Antónia não se arriscaria a dizer uma barbaridade daquelas em frente a Afonso. Na mesma, Júlia olhou o seu amante nos olhos e o seu ar de resignado deu-lhe a resposta: ele tinha estado com ela. Era mesmo verdade. Ali acabava tudo. Se ele a tinha traído uma vez voltaria a fazê-lo com frequência e Júlia não podia permitir-se a uma humildade daquele género.

Solenemente, ela abriu a porta e convidou-os a sair. Todas as dúvidas ficavam ali esclarecidas. Eles saíram e Júlia percebeu que, ao fechar a porta, fechava também mais um capítulo da sua vida.

Ingerindo ainda aquela situação, Júlia sentou-se de costas para a porta da rua, onde permaneceu até se conseguir levantar.

CAPÍTULO 19

- Olá mãe. – Disse Júlia em mais uma manhã do mês de Maio. O tempo estava a começar a aquecer e ela queria mesmo entrar na praia, só que sozinha não gostava de o fazer. Tinha por hábito fazê-lo com a mãe, mas naquele Verão seria algo muito difícil de concretizar. Desde que tinha terminado tudo com Afonso, Júlia falava com a mãe todos os dias, assim que acordava. Antes ela fazia isso com Afonso, mas como isso não era possível, julgou que fazê-lo com a mãe seria o mais correcto. – Estou a morrer de calor. Está uma humidade que nem te conto. Devias ver o calor que aqui está. Gostava muito que cá estivesses, pois íamos à praia todos os dias. – Júlia sabia que precisava da mãe não só para ir à praia. Ela precisava de alguém que a ouvisse, que a ajudasse a sair daquele marasmo em que se encontrava desde aquele derradeiro dia. Percebendo isso, a mãe sugeriu:

- Eu posso ir, sabes que não é um sacrifício para mim ir uns tempos para São Miguel. – Claro que a mãe sabia tudo por que a filha estava a passar e custava-lhe saber que ela o estava a fazer sozinha. Há muitos dias que queria ir ter com ela, até já tinha comentado a ideia com o marido, mas não o queria fazer sem ser ideia de Júlia. A filha, estranha como costumava ser naquelas situações, poderia muito bem querer ficar sozinha.

- Estás a falar a sério? – Pela primeira vez desde que tinha terminado tudo com Afonso, Júlia rejubilou de alegria. Era fantástico a mãe ir ter com ela.

- Claro que estou. Quando queres que vá?

- No primeiro avião que conseguires apanhar. – Depois de sorrir como uma criança, Júlia lembrou-se de um pormenor: - E o pai?

- O pai é crescido, não é? Não te preocupes com ele, que ele fica bem.

- Mas vai ficar tão sozinho. Ele pode não gostar. Eu também já sou crescida e tu vens de propósito para ir para a praia comigo. Ele pode não achar muita piada.

A mãe não tolerou a ideia de deixarem de falar claramente sobre aquele problema. Júlia estava a enganar-se, a fingir que estava tudo bem para não demonstrar que estava em baixo. Elas eram mãe e filha e por isso precisavam de falar abertamente. Júlia tinha contado toda a história à mãe, mas depois desse dia, apesar de falarem com muita frequência, nunca mais tocaram no assunto directamente.

- Vamos parar com isso, minha filha. Porque raio não me dizes directamente o que estás a sentir? – Percebendo que Júlia não iria falar, a mãe continuou. – Tu e eu sabemos

muito bem que não queres que eu vá ter contigo só para ir a banhos nas praias da Ribeira Grande. Tu precisas de mim, precisas de ajuda, mas não a pedes, não é?

Júlia já falou. Ficar calada só iria fazer a mãe repetir aquela ideia imensas vezes até que ela dissesse qualquer coisa, por mais simples que fosse.

- D. Margarida, não se preocupe comigo. Mas claro que se quiseres vir para me dar colo eu agradeço.

A mãe riu desalmadamente do outro lado da linha telefónica e disse:

- Não te preocupes querida. Vou já tratar disso e amanhã devo estar aí.

Custou imenso para chegar às oito da noite do dia seguinte. Parecia que Júlia não via a mãe há imenso tempo. De facto não a via há algum, mas nada que não se suportasse. Nos últimos dias, Júlia e Margarida estavam muito chegadas. Eram como unha e carne, coisa que deixava a mãe muito feliz. Júlia nunca pensou ter tanta vontade de receber a sua mãe, uma vez que anteriormente elas relacionavam-se extremamente mal.

Sentada no banco do aeroporto, Júlia lembrou-se de diversos momentos vividos com a mãe, quer os bons, quer os maus. Agora quase com 30 anos, Júlia esperava poder ter uma família, assim como a mãe tinha construído a sua, mas via esta hipótese cada vez mais longe. Era como se fosse impossível. Rodou as chaves do seu carro na mão e apercebeu-se que o voo da tinha chegado. Um sorriso quase infantil percorreu-lhe o rosto, fazendo-a esquecer a dura realidade que há pouco passeava pela sua mente. Naquele momento, tudo o que ela queria era a sua mãe, quer para ir para a praia, quer para muitas outras coisas.

Júlia levantou-se rapidamente e, em bicos de pés, foi a correr esperar que a mãe passasse para aquela parte da sala onde ela se encontrava. O voo devia vir bastante cheio, pois não paravam de sair pessoas da sala de desembarque, mas da mãe de Júlia nem sinal. Ela começou a soprar cansada de esperar, mas quando olhou em frente deu de caras com a sua mãe que vinha cheíssima de malas e, claro, com um grande sorriso no rosto. Tanto a mãe como a filha ansiavam muito por aquele momento e vê-lo de facto acontecer, era algo muito importante.

Colocando o carrinho das malas a um canto, Margarida chegou-se para bem perto de Júlia e abraçou-a. Sabia-lhe tão bem ter a filha nos braços, que ela nem acreditava que aquilo pudesse estar a acontecer. Júlia cheirou o perfume a lavanda da mãe e apercebeu-se, naquele momento, de quantas saudades tinha.

- Estás tão diferente, minha filha. Mais magra, não te tens alimentado bem, pois não?
Júlia baixou o rosto e entrelaçou as suas mãos com as da mãe. Claro que ela não se estava a alimentar bem. Tinha perdido o homem que mais amara e não estava a ser fácil recuperar da queda. Como se quisesse dizer exactamente isso, mas não tendo coragem, Júlia fez um simples sinal de rendição com os ombros, ao qual a mãe respondeu com uma festinha no rosto.

- Eu agora cheguei e tudo vai ser diferente. Quando me levas à praia na Ribeira Grande?

- Pode ser amanhã, que achas?

A mãe assentiu e lá foram elas rumo à Ribeira Grande. No caminho, falaram de imensas coisas, menos do mais importante: de Afonso.

O dia amanheceu radiante, não estava muito calor, mas também não estava frio. Margarida acordou cedo, irrequieta. Tinha mesmo vontade de ir passear pelas ruas da sua terra Natal e quem sabe banhar-se um pouco nos mares açorianos. Presentindo a vontade da mãe, Júlia também se levantou cedo. Quando chegou à sala, já a mãe estava sentada na varanda com uma grande caneca de café na mão. Amanda fazia companhia a Margarida, apesar de estar deitada no chão a olhar para o jardim. Ali estavam duas coisas muito importantes da sua vida. Agora que a mãe de Júlia tinha chegado, ela sentia-se mais confiante, mais capaz de alcançar as suas metas, mesmo que isso significasse ter de esquecer Afonso. A sua mãe iria ser muito importante e, por isso, Júlia resolveu agarrar aquela oportunidade da melhor maneira que poderia.

- Bom dia. – Disse Júlia.

- Olá filha, bom dia. Tens uma óptima vista aqui da tua casa.

- Pois tenho. Gosto muito de cá estar. É tranquilo.

- Também acho. Tenho a sensação de que vou ficar por aqui muito tempo. – Disse a mãe a sorrir.

- Mãe, não precisas de atrasar a tua vida para ficares comigo. – Referiu Júlia, olhando para o vazio, enquanto bebia o seu café quente.

- Não estou a atrasar nada. És a minha filha e precisas de mim neste momento.

- Eu estou bem, acredita.

- Sempre foste assim. Sempre tentaste mostrar aos outros que estás bem quando assim não acontece. Não tens de estar sempre bem, não tens de ser forte todos os dias.

Júlia sabia que a mãe tinha razão. Ela era assim desde criança. Até quando se magoava não chorava em frente a ninguém. Era orgulhosa demais para o fazer. Naquele momento passava-se o mesmo. Se Júlia conseguisse, deitava-se junto à mãe e chorava tudo o que não tinha chorado desde o último dia em que beijara Afonso. Desabafa tudo o que estava preso no seu peito, mas algo a impedia de fazer isso. Ela tinha medo que as pessoas não percebessem as suas aflições, os seus medos, as suas angústias. Mesmo assim, sem se mexer, Júlia olhou para a mãe e sentiu os olhos a humedeceram. Aquele gesto deu a Margarida a certeza de que a filha não estava bem e de que precisava muito de si.

- Eu sei que não preciso ser sempre forte, mas também não sei como ser frágil.

- Basta mostrares, nesse exacto momento, o que sentes. Eu sou tua mãe, não tens de ter vergonha de mim. – Margarida parou por uns segundos a olhar para a filha. Ela era extremamente bonita. Mas o seu rosto, apesar de bonito, estava deformado, como se estivesse cansado. Esta característica era apenas um reflexo da sua alma. Os olhos estavam rodeados por umas grandes olheiras, que demonstravam cansaço. Júlia precisava de descanso, de alguém que a ajudasse e que lhe desse apoio. Há muito tempo que ninguém fazia isso à filha de Margarida. E ela precisava de o fazer. Levantando-se lentamente, sem tirar os olhos da filha, Margarida arrastou-se, literalmente, para junto dela, juntamente com a sua caneca do café da manhã. Sentou-se ao lado da filha, que, percebendo a intenção da mãe, deixou-se levar. Encostou a cabeça ao ombro esquerdo da mãe e chorou, silenciosamente, tudo o que estava atrasado. Assim passaram uma hora, sem nada dizerem. Já era um bom começo. Mais dia menos dia, Júlia falaria à mãe de tudo o que a atormentava.

A manhã foi passada da melhor maneira possível: depois de Júlia ter chorado tudo o que tinha para chorar, ela e a mãe sentaram-se no jardim com Amanda e riram-se imenso de pequenos pormenores da vida uma da outra. Não se falavam assim, tão detalhadamente, há muito tempo. Era bom ter uma manhã como aquelas. Almoçaram uma boa e fresca salada de frango e foram para a praia de Santa Bárbara, por volta das quatro horas. Foram a pé, o que as deixou cansadas, mas relaxadas. Quando chegaram ao areal, Margarida entrou logo na água. Tal como a filha, Margarida adorava a água do mar e aquela era de facto muito boa. Depois de ambas terem tomado um bom banho, deitaram-se ao sol. Qual não foi o espanto de Júlia quando viu a sua aluna Carolina. Há alguns dias que ela não ia às aulas. Júlia não sabia se isso tinha algo a ver com a

situação dela com Afonso, mas algo se passava. Percebendo que a filha estava a reconhecer alguém, Margarida perguntou:

- Que se passa filha?

- Estou a ver uma aluna minha que não me aparece nas aulas há alguns dias.

- E achas que se passa alguma coisa é?

- Não sei, mas é muito estranho ela faltar desta maneira. Foi difícil para a Carolina começar a frequentar as aulas, porque tinha muito trabalho, mas quando começou, ia frequentemente.

- Devias falar com ela.

- Se calhar, mas tenho receio de parecer que estou a forçá-la a ir às aulas. Ninguém é obrigado a ir, entendes mãe?

- Claro que sim. – Afirmou a mãe com uma expressão que parecia querer perguntar à filha se, por acaso, ela se tinha esquecido que a mãe também já tinha sido professora. – Mas de qualquer forma ela pode precisar de te explicar a sua ausência e ter receio de se dirigir a ti.

- Achas?

- Claro. Quantas vezes isso me aconteceu com alunos meus? Mas tu é que sabes. – Olhando fixamente para Carolina que se aproximava lentamente, Margarida disse: - Onde mora ela?

Lembrando-se da relação que Carolina tinha com Afonso, Júlia respirou fundo para falar da sua aluna à mãe. Isso porque ela ainda se sentia fragilizada quando falava do ex-namorado.

- Ela é ama do filho de Afonso.

- Filho de Afonso? Mas nunca me contaste que ele tinha um filho.

Não tinha contado aquela parte como faltava contar tantas outras, quer da sua relação com Afonso, quer da sua própria vida.

- É uma longa história mãe.

- Que é longa eu já sei, mas como é que a mulher desaparece e agora ele já tem um filho?

Júlia sorriu com o jeito da mãe. De facto a situação era complicada e até um pouco caricata. Afonso tinha uma vida muito atribulada e no meio dela estava Júlia, a tentar sair.

- Aparentemente, quando a mulher dele desapareceu, já estava grávida. Só que Afonso não sabia. E como ela agora voltou, ele ficou a saber que era pai.

- E porque raio disseste “aparentemente”? – Perguntou a mãe de Júlia com as sobrancelhas em bico.

- Porque desconfio desta história. A versão dela bate certo. Antónia desapareceu durante cinco anos e o miúdo, o Santiago, tem esta idade.

- Então? – Estranhou Margarida.

- Não sei. Há algo que não faz sentido. Ela esteve fora muito tempo, também pode muito bem ter andado com outro homem.

- Eu acho que estás a dizer isso, porque, se fosse mesmo assim, bastava Afonso descobrir a verdade e voltaria para ti.

- Não é nada disso. Mas ele é muito teimoso. Nem quis fazer um teste de paternidade. Só de pensar que podemos estar separados por uma mentira dá-me vontade de sair daqui e nunca mais voltar. Se eu pudesse descobrir...

- Pois filha, mas não podes. Isso só diz respeito a eles. Mas mudando de assunto, quem é então aquela pequena?

- Como disse, é ama do Santiago e eu conhecia-a um dia no parque, quando ela estava com o miúdo. Começamos a falar e eu descobri a relação dela com Afonso. Depois, ela disse-me que gostaria de frequentar as minhas aulas e, claro, eu disse logo que tinha muito gosto. Depois ela apareceu nas aulas e até começamos a falar bem. Ela é muito simpática e sabia tudo o que eu tinha com Afonso, por isso não sei se deixou de ir às aulas por algum motivo específico.

Margarida ficou pensativa e, passados alguns segundos, disse:

- Pode ser, mas o quê? A não ser que a esposa de Afonso a tenha proibida.

Júlia assentiu, mas resolveu não prestar muita atenção. Pensar em Afonso era o pior que ela podia fazer. Vendo Carolina instalar-se na praia, Júlia disse à mãe.

- Ela é natural da Ribeira Seca, mas agora vive mesmo em casa de Afonso. Antónia não se pode cansar a tomar conta do filho nem de noite. – Afirmou rindo numa boa gargalhada, à qual Margarida se juntou.

- Não falemos mais de Antónia e de Afonso. Fala-me antes da Ribeira Seca. Deves saber alguma coisa sobre esta freguesia não é? Eu lembro-me de gostar muito daquele sítio, mas nunca soube muito sobre o mesmo.

- Claro que sei. Falo de todas as freguesias da Ribeira Grande nas minhas aulas. Tenho alunos de quase todo o concelho e é importante para eles saberem a história da sua terra.

- Acho que fazes bem. Mas e então, quando foi povoada a Ribeira Seca?

- O seu povoamento ocorreu por volta do século XV, e foi constituída paróquia a 12 de Dezembro de 1575. E sabes porque se chama Ribeira Seca?

- Isso sei.

- E como é que sabes?

- Porque tinha uma grande amiga que morava lá e o pai dela contava-nos muitas coisas sobre a freguesia. Ele dizia que se chama Ribeira Seca, porque a ribeira que atravessa a freguesia não tem água no Inverno.

Júlia assentiu e sorriu com as lembranças da mãe.

- Também foi esta a história que eu ouvi. É bom ter-te aqui. Eu sei que nem sempre fomos as melhores amigas, mas agora somos e o passado não conta.

A mãe de Júlia simplesmente assentiu.

- Mas não falemos disso que vou ficar chorona. – Afirmou Júlia. – Sabes o que podemos fazer? Continuar a falar da Ribeira Seca. A Igreja Paroquial de S. Pedro é muito bonita, já lá estive com Afonso. Havia de gostar.

- Então vamos visitá-la. Gosto de saber as histórias e as datas das construções destes sítios. Costumam ser tão antigos e aguentam-se sempre firmes, ao contrário de nós humanos.

Júlia assentiu, lembrando-se de pormenores, aparentemente insignificantes, da sua vida. Estes também eram assim, tal como a comparação que a mãe fez sobre os humanos: caíam todos por terra perante alguma dificuldade.

- Esta igreja é do século XVI. Tem ainda uma valiosa imagem quinhentista do seu orago e está ligado às Cavalhadas de S. Pedro. Também temos de visitar o Solar da Mafoma. Este solar tem nos seus anexos uma antiga fábrica de chá e a capela de Nossa Senhora do Bom Sucesso. É no pátio desse solar que saem a 29 de Junho, os participantes nas Cavalhadas.

- Hei-de voltar a ver este ano. Tenho saudades. Talvez diga ao teu pai para vir também. Ele havia de gostar. Vamos a ver se ainda estou cá por esta altura.

Júlia sorriu. Era bom ter os pais por perto daquela forma. Aliás, era confortável.

- E o que se vê mais na Ribeira Seca? Eu ia muita vez para a casa da Constança, a tal minha amiga, mas era bastante nova, por isso não me lembro de muita coisa.

- Um dia destes fui visitar a Ribeira Seca, para preparar a minha aula, e gostei muito de ver o Fontanário do Largo de S. Pedro. É uma construção do século XVI e um vestígio da antiga povoação destruído pela erupção de 1563.

- As coisas que tu sabes minha filha. – Disse a mãe com orgulho.

Júlia sorriu e disse:

- Trabalhei e pesquisei muito, mãe. Mas estou a gostar muito desta aventura, sim porque vir sozinha para esta ilha e leccionar uma matéria tão específica como esta para pessoas de cá, é uma aventura.

- E tens tido boas experiências. – Disse a mãe à espera que a filha falasse mais detalhadamente da sua relação com Afonso. Margarida queria perceber o que tinha falhado, porque mesmo sendo Afonso pai de Santiago, ele podia muito bem ter continuado com Júlia. Ela queria saber de quem era o problema.

- Pois tenho. Já conheci muitas pessoas e acho que me estou a integrar muito bem. Até estou a pensar ficar por aqui uns quantos anos.

Isso era um pouco lógico, uma vez que Júlia já tinha comprado casa na Ribeira Grande, mas mesmo assim, Margarida não gostava da ideia de ter a filha tão longe de si.

- Eu calculei que quisesses ficar por aqui uns tempos, mas tenho pena de te ter tão longe de casa.

Júlia sabia daqueles sentimentos da mãe, mas sentia-se melhor na Ribeira Grande do que no Continente. Pelo menos por enquanto queria ficar por lá.

- Vou a casa muitas vezes, não te preocupes. – Afirmou Júlia a fazer uma carícia na pele da sua mãe, já com algumas rugas. Margarida fechou os olhos como se quisesse descansar um pouco. Percebendo o sinal, Júlia disse:

- Importas-te que eu vá falar um pouco com Carolina?

- Claro que não, filha. Fico aqui a descansar. – Retaliou Margarida, sempre sem abrir os olhos.

Júlia levantou-se, com a mão presa na parte de cima do seu chapéu grande e castanho. Este dizia muito bem com o biquíni que era bege e castanho. Nos pés Júlia levava uns chinelos castanhos. Ela sentia-se bem com a figura que via ao espelho todos os dias, mas não gostava de se sentir sozinha. Por mais que a sua companhia sempre tivesse importante para si própria, o que ela sempre desejou e sempre sonhou foi ter alguém com quem partilhar certos momentos...aqueles que, por mais rotineiros que possam parecer, só se vivem uma vez na vida.

Passo a passo, Júlia foi-se dirigindo para junto de Carolina. Ela estava sentada na toalha vermelha de praia e com um livro na mão. Estava de costas por isso não deu por Júlia a chegar. A professora tocou levemente no ombro da sua aluna, o que a fez saltar.

- Ah Júlia, que susto. Estava tão embrenhada na leitura que nada me desconcentrava.

Júlia sorriu com a boa disposição natural de Carolina. Elas davam-se muito bem, apesar de não se verem há já alguns dias. Desde o dia em que a conheceu que Júlia sentiu uma grande afeição por Carolina. Ela era afável, esperta, bonita e inteligente. O suficiente para chamar a atenção de Júlia. Quantas alunas se tinham tornado suas amigas por terem apenas algumas daquelas características? Muitas, era verdade. Fugindo do seu devaneio momentâneo, Júlia tirou o chapéu e disse:

- Desculpa, não te queria assustar.

- Oh eu sei que foi sem intenção, não faz mal. – Afirmou Carolina com um gesto de indiferença. – Então como estás? – Perguntou Carolina, querendo saber, indirectamente, como é que a sua professora se estava a aguentar depois de Afonso ter voltado novamente para Antónia. Ela sabia de tudo. Apesar de serem professora e aluna, tinham um tratamento muito simples e despreocupado. Tinham idades semelhantes e feitios igualmente parecidos. Começavam a ser muito amigas uma da outra, mas para reforçar esta amizade só precisavam de passar mais algum tempo juntas, fora das aulas, claro.

- Sim, estou bem. Passo a passo chego lá. – Afirmou Júlia, piscando o olho por causa do sol. – Minha mãe veio visitar-me. Vais ficar durante uns tempos. Ela percebeu que eu precisava de companhia. – Fazendo um pequeno compasso de espera, Júlia perguntou aquilo que mais a preocupava: - Como está ele?

Carolina sorriu e, coçando a sobrancelha esquerda afirmou:

- Está como tu, parece-me: passo a passo ele chega lá.

Se ele estivesse como Júlia não estaria bem, porque passo a passo não é propriamente um bom ritmo para se viver. Ele tinha feito uma escolha, aliás, Júlia tinha decidido por ele, mas o facto importante era que Afonso não tinha mais voltado atrás para procurá-la, para se explicar e isso ela queria que tivesse acontecido.

- Como assim?

- Oh Júlia, todos sabemos que vocês ainda são apaixonados um pelo outro. Mas também sabemos que ele não é homem de deixar a Antónia e o filho para ter uma outra relação.

Júlia acenou afirmativamente, sabendo que aquilo que Carolina estava a dizer era bem verdade. Era isso que tornava aquela situação mais frustrante ainda: saber que eles podiam estar juntos se não fosse a maneira convencional de ser de Afonso.

- Se ele gostasse mesmo de mim acho que fazia um esforço por manter estas duas vidas.

- Não é nada disso. Achas que ele está feliz com ela? Nem penses nisso. Ele está com ela pelo filho.

- Como sabes disso? Ele conta-te é? – Ironizou Júlia.

- Claro que não. Ele não é propriamente meu amigo, mas eu moro com ele. É normal que perceba que tipo de relação é que eles têm, não achas?

Júlia sorriu e acenou afirmativamente.

- Acho que devias voltar a tentar. Nunca se sabe quando a felicidade te volta a bater à porta.

- Mas qual felicidade? Ele tem outra mulher e um filho. Eu não entro no esquema de vida dele.

- Pois não, mas se insistires, se o fizeres entender que as coisas podem funcionar assim, pode ser que tudo volte a ser como dantes.

- Não, nunca mais poderá ser o mesmo. – Referiu Júlia, passando a mão pelos cabelos. – Mas mudando de assunto. Quando voltas para as minhas aulas? Estás a perder imensa matéria e fazes falta!

- Não tenho tido oportunidade. O Santiago ocupa-me muito tempo. Mas assim que puder volto.

- Tens de te apressar. Daqui a nada perdes a matéria toda.

- Toda não, porque eu já apanhei umas quantas aulas.

- Tu percebeste o que quis dizer.

- Claro que sim. E depois a Antónia não gosta muito que eu frequente as tuas aulas. Ela diz que és uma má influência. – Disse Carolina a rir.

- Ai de ti se sei que não vais às minhas aulas por causa dela.

- Achas? Só disse isso para te rires um pouco.

- Ah, acho bem. – Retaliou Júlia, batendo com o ombro em Carolina, como sinal de cumplicidade. – Olha, que tal ires jantar hoje a minha casa para conheceres a minha mãe?

- Iria adorar. – Respondeu Carolina a sorrir.

O relógio batia nove horas da noite quando alguém tocou na campainha da casa de Júlia. Era Carolina, de certo. Elas tinham combinado jantar àquela hora e, como Júlia calculava, ela não se iria atrasar. Júlia limpou as mãos no avental cor-de-rosa, pois estas estavam um pouco sujas da sobremesa que havia acabado de fazer. Ainda lambendo o dedo indicador, a dona da casa dirigiu-se à porta.

- Uma mulher muito pontual! – Afirmou Júlia a sorrir.

- Sempre fui assim. – Retorqui Carolina, passando a Júlia a garrafa de vinho tinto. – É dos melhores do concelho. – Acrescentou ela com um leve arrebatar dos olhos.

- Ah, não era preciso, mas obrigada. Quanto a seres pontual, também sempre fui.

Elas sorriram uma para a outra, sem se aperceberem da cumplicidade que as uniu. Com o tempo haveriam de perceber.

- A minha mãe está a acabar de tomar duche. Esteve toda a tarde a cozinhar, como se fossemos servir um banquete a alguém do Estado. – Ironizou Júlia.

- Se fosse para dar tanto trabalho não tinha aceite o convite. – Disse Carolina a sorrir.

- Não sejas tonta, é um prazer ter-te cá. Senta-se enquanto a cozinheira não chega. – Pediu Júlia, apontando para o sofá. Carolina seguiu o conselho e quando ia começar a falar, de algo que Júlia não fazia ideia do que fosse, Margarida entrou na sala.

- Olá Carolina. Como estás?

- Muito bem. E a senhora?

- Também. Estão com fome? É bom que estejam, porque fiz uns pratos deliciosos.

- Sim, por acaso tenho bastante fome. – Salientou Carolina. – Não precisava de se preocupar, não lhe queria dar trabalho.

- Não te preocupes. Para mim é um prazer fazer este tipo de jantares. E se for para uma amiga da minha filha, tanto melhor. – Afirmou Margarida, agarrando na mão de Carolina. Aquela rapariga parecia-lhe familiar, mas não conseguia perceber porquê. – Vamos para a mesa?

As duas jovens seguiram a ordem de Margarida e tomaram as suas posições na mesa. Esta estava recheada de boa louça e de bons copos. Estava tudo preparado ao pormenor, ou não teria sido Margarida a preparar o jantar. No fogão estava uma panela média com uma fumegante sopa de cenoura, a qual Margarida se apressou a servir. No forno, estava um tabuleiro de legumes gratinados e outro de bacalhau à gomes de sá; não fosse Carolina não gostar de uma das comidas.

- A sopa está óptima, D. Margarida. – Afirmou Carolina, sem parar de mexer com a colher.

- Muito obrigada. Sempre adorei fazer sopas.

Júlia sorriu como há muito não fazia, constatou a mãe. Carolina era uma boa influência para a filha e ela fazia tudo o que fosse possível para mantê-la assim.

- Está a pensar ficar por cá muito tempo?

- O suficiente para poder deixar tudo em ordem. – Respondeu Margarida, olhando para a filha. Esta sorriu, com cumplicidade, e levou uma colher de sopa à boca.

- Espero que seja o suficiente para falarmos muito. Já vi que é como a sua filha: uma língua de trapos.

Margarida riu. De facto era mesmo assim, ambas eram muito faladoras e, regra geral, bem-dispostas.

- E tu moras cá há muito tempo?

- Desde que nasci. Não conheço outra terra melhor que essa para viver.

- E os teus pais quem são? Se calhar ainda os conheço.

- É provável. A minha mãe deve ser da sua idade. Sou filha da Constança e do Aníbal Gonçalves. Não sei se os nomes lhe dizem alguma coisa.

Margarida pousou, educadamente, a colher na beira do prato. Sentiu um sorriso invadir-lhe o rosto e a mão cada vez mais próxima da zona do coração. Aquela pequena não podia ser a filha da sua amiga Constança, mas se fosse, era muito engraçado.

- És filha da Constança da Ribeira Seca?

- Sou. – Respondeu Carolina sem perceber o espanto de Margarida.

- A Constança filha do senhor Mário?

- Exactamente. Também conhece o meu avô?

- Claro que sim. A tua mãe foi a minha melhor amiga até me ir embora. É certo que éramos muito novas, mas nunca a esqueci. Podíamos ter sido grandes amigas se continuássemos juntas.

- Oh que engraçado. Estou estupefacta. – Disse Carolina.

- E eu? Tenho de ver a tua mãe. Nem acredito nisso. A minha melhor amiga é mãe da amiga da minha filha. As voltas que o mundo dá.

- É mesmo engraçado mãe. Que faziam vocês quando eram miúdas?

Margarida contou imensas aventuras por que ambas passaram. Tinham sido tempos muito bons e inesquecíveis, apesar de serem muito novas.

Depois de passarem quase duas horas a jantar, porque nunca se calavam, passaram à sala e aí comeram a sobremesa e falaram durante mais algum tempo.

Antes de Carolina sair, ficou combinado que o próximo jantar seria com a presença de Constança. Porém, Margarida não queria que levasse muito tempo. Por isso, combinaram para o mesmo dia e para a mesma hora da semana seguinte.

CAPÍTULO 20

- Inicialmente, a localidade de Santa Bárbara era conhecida como Lomba. Isso porque a mesma se situava numa lomba ou numa pequena elevação. Assim, foi no século XVIII que a localidade conseguiu o patronímico de Santa Bárbara, quando foi construída uma igreja dessa evocação. Foi a 11 de Junho de 1971, que Santa Bárbara foi elevada a freguesia. – Explicava Júlia aos seus alunos.

- E antes estava integrada em que parte do concelho? – Perguntou Carolina. Ela tinha voltado às aulas no dia em que Júlia havia falado com ela. Carolina era muito esperta e era uma pena que perdesse os seus dias a tomar conta de um bebé, quando poderia ser uma grande estudiosa. De qualquer forma, Júlia sabia que iria fazer tudo o que pudesse para ajudá-la a ser mais alguém na vida.

- Fazia parte da Ribeira Seca, da tua freguesia. – Esclareceu Júlia a rodar o lápis nos dedos. – Outro ponto muito relevante de Santa Bárbara são os fontenários e os bebedouros. Alguns têm mais de 100 anos. Muito mais havia a dizer desta freguesia, mas o nosso módulo está a acabar, por isso vamos avançar para outra parte da matéria. Têm dúvidas? - Perante o silêncio da sala, Júlia percebeu que poderia avançar. – Muito bem. Vamos estudar, agora, a freguesia de Nossa Senhora da Boa Viagem, a freguesia das Calhetas. O nome da freguesia surge dos recifes e outras rochas que sobressaem na sua orla marítima. No início, esta freguesia pertencia a Rabo de Peixe e foi só a 30 de Janeiro de 1924, que a localidade das Calhetas foi elevada a freguesia. Um dia destes vamos visitar o Mosteiro de Nossa Senhora das Mercês. É um edifício com construção do século XX, que recebe em clausura irmãs clarissas. Estas dedicam-se à contemplação e a trabalhos piedosos.

- E a Maia, quando é que surge no mapa da Ribeira Grande? Quero dizer, quando é que começamos a falar sobre esta freguesia? É que é tão rica e interessante, que tenho curiosidade em saber os pormenores. – Proferiu um homem com cerca de 30 anos.

- A Maia surge exactamente a seguir às Calhetas. E é verdade: é uma freguesia muito interessante que merece toda a atenção. Por isso, vamos já passar a isso. Já que o nosso colega avançou com esta matéria, perguntou-lhe se sabe algo de relevante sobre a Maia. O rapaz sorriu, percebendo que teria de dizer alguma coisa. Coçando a cabeça, quase toda careca, disse:

- A freguesia da Maia inclui os lugares da Gorreana e da Lombinha da Maia. A única coisa que sei sobre a freguesia é que, segundo dizem, o seu nome é Maia porque foi Inês da Maia, uma fidalga que aqui esteve nos finais do século XV, quem fundou a freguesia.

- Muito bem. É já uma informação muito importante. A este dado, eu posso acrescentar que a Maia é uma das freguesias mais antigas da Ribeira Grande e que o seu povoamento se iniciou logo após ter sido descoberta a ilha. Esse facto é comprovado pela construção da igreja que data, provavelmente, dos finais do século XV. Por isso, a Maia foi um dos lugares da costa norte que mais depressa se desenvolveu. Não é por acaso que 100 anos depois da sua fundação, era já freguesia.

Júlia entregou umas cópias a todos os alunos, os quais ficaram muito atentos aos pormenores detalhados na ficha. Descreviam quais os edifícios mais importante da Maia, no que toca a património edificado e outras anotações sobre aquela freguesia.

No documento podia-se ler que a igreja paroquial dedicada ao Espírito Santo foi fundada em 1812, e que teve a sua origem numa capela do século XVI, a qual foi ampliada nos séculos XVII e XVIII.

Além disso, fazia também referência ao Solar do Lalém. Esta estava caracterizada como uma casa nobre refeita no século XIX, com uma capela e um portão que remontam ao século XVIII. Esta casa é um belo exemplar de arquitectura açoriana.

Estes eram apenas dois pormenores que a ficha continha. Os alunos leram em voz baixa, até Júlia dar ordem para agirem de forma diferente.

- Agora vamos seguir a ficha que vos dei e saber o que são os lugares que constituem a Ribeira Grande. Começamos pela Gorreana. De onde vem este nome, perguntam-me vocês? Ora, respondo eu que no início dos tempos residiu naquele sitio um homem de alcunha “O Gorreana” ou “o Gorro de Ana”. Não se sabe bem. Não podemos esquecer a riqueza da Gorreana, uma vez que esta encerra em si plantações de chá únicas na Europa. E falando nisso, vou ensinar-vos umas coisinhas sobre a Fábrica do Chá da Gorreana. Pois bem. No último quartel do século XIX, desapareceu a produção das laranjas. Assim sendo, foi preciso encontrar alguma outra produção agrícola para ocupar os antigos laranjais. Por isso, a Sociedade Promotora da Agricultura Micaelense introduziu diversas espécies. O chá camíllia foi das que teve mais sucesso, tanto na produção, como na comercialização. Mas foi em 1874, que foram instaladas as primeiras plantações. Porém, só quase dez anos depois, em 1883, foi provado o primeiro

chá produzido nos Açores: em São Miguel e no Faial. Porém, a ilha do Vulcão dos Capelinhos não teve muito sucesso com a produção do chá.

Em 1940, dá-se o apogeu do chá, continuou Júlia a dizer. As famílias começaram a dedicar-se muito ao chá e até algumas tiveram fábricas em sua posse. Neste caso, é de destacar a **Fábrica do Chá da Searam**, a da Flor da Rosa, a do José do Canto e a da Corte Real.

Contudo, hoje restam apenas algumas fábricas. Encontramos neste nosso concelho a Fábrica do Chá da Gorreana e a do Porto Formoso. A da Gorreana mantém-se a produzir desde 1883.

- A minha mãe trabalha na Gorreana e diz-me que, em anos ditos normais, a fábrica produz cerca de 35 toneladas. – Disse uma aluna, interrompendo o raciocínio de Júlia.

- Exactamente. É uma fábrica muito importante esta vossa; aliás, esta nossa fábrica. – Corrigiu ela sorrindo. – Mas continuando, vamos falar agora do outro lugar da Maia: a Lombinha da Maia. Este lugar tem esse nome por estar localizado numa pequena lomba que pertence à Maia. Em 1986, foi edificada uma ermida que tem como orago Nossa Senhora da Dores. Seguidamente à Lombinha da Maia, temos a Lomba da Maia, os Fenais da Ajuda e a Lomba de S. Pedro. Alguma dúvida?

Ninguém respondeu. Júlia sentia-se cansada naquele dia. Tinha trabalhado muito e além disso, tinha dado muita matéria. Fechando os cadernos e deixando a sala organizada, a professora saiu disparada pela porta da escola, com o intuito de passar um fim-de-semana descansado e relaxado.

Quando tocaram na campainha, Júlia ainda estava de camisa de dormir. Já era quase meio-dia, mas era sábado, pelo que ela não se preocupou com horários; nem ela nem a mãe, que estava deitada a ler, na cama de Júlia, desde que acordara. Arrastando os pés numas pantufas azuis e extremamente confortáveis, Júlia dirigiu-se à porta. Claro que Amanda já lá estava à espera de perceber quem era a visita. Júlia abriu a porta e deu de caras com Carolina e com a mãe. Deixando o espanto passear pelo seu semblante, Júlia não hesitou em levar a mão à boca. Nunca mais se tinha lembrado que ficaram de almoçar juntas no sábado. Ela nunca era irresponsável àquele ponto, mas naquele dia foi impossível conseguir lembrar-se daquele almoço, tal era o seu cansaço.

- O que fazes assim vestida para receberes a minha mãe? Não acredito que te esqueceste! – Afirmou Carolina, pousando a mão direita na anca. Júlia nem sequer

respondeu; limitou-se a rir envergonhada. – A tua sorte é que o combinado era a minha mãe cozinhar, pelo que não vamos ter de esperar pela comida. Vá, deixa-me entrar. – Pediu Carolina, deixando a mãe passar primeiro. – Não faz mal, a sério. Estou a brincar. Tens andado cansada, eu sei.

- Desculpa Carolina! Não tive intenção de te magoar. – Desculpou-se Júlia.

A mãe de Carolina riu desalmadamente e olhou para a filha à espera que ela aceitasse o pedido de desculpas da amiga.

- Não há problema nenhum. Esquece isso. Vai tomar um duche e colocar outra roupa, a não ser que queiras sentar-te à mesa assim. – Disse ela a rir à gargalhada.

- Tens razão. Vou só chamar a minha mãe.

- Onde está ela? Ela também não se lembrou?

- Parece que não! Que horror! Desculpe-me D. Constança.

- Não há qualquer problema, minha querida.

- Mas onde está ela? – Voltou a perguntar Carolina.

- Está a ler desde que acordou. Está tão atenta que nem se apercebeu que vocês chegaram. Vou chamá-la. – Júlia saiu da sala para ir chamar a mãe. Quando chegou ao quarto, encontrou-a como a tinha deixado: deitada, com os óculos descaídos, a ler o seu romance.

- Mãe, sabes quem chegou? A Carolina e a D. Constança.

- Ah! Não acredito que nos esquecemos filha. Que horror!

- Pois é. Já lhes pedi desculpa. Já está resolvido. Vai ter com elas, para eu me arranjar.

- Vou já, vou já. – Disse Margarida atirando o livro e os óculos para cima da cama, mesmo sem marcar a página onde estava. Apercebendo-se deste pormenor, a mãe de Júlia voltou a olhar para o livro e pensou que não haveria problema. Ela sabia em que página tinha ficado. – Não vejo a Constança há tanto tempo...tenho tantas saudades. – Afirmou Margarida, enquanto vestia o robe. Ela saiu do quarto a correr e quando entrou na sala ficou parada a olhar para a amiga. – Constança estás tão diferente. – A mãe de Júlia abriu os braços e recebeu a amiga num abraço apertado, como há muito tempo não fazia.

- Tu também Margarida, mas sempre bonita. Há quantos anos não nos vemos?

- Não faço ideia, mas são muitos com certeza.

Ambas sorriram, mas havia algo de estranho no comportamento de Constança. Algo que não a deixava estar completamente à vontade com Margarida.

- Está tudo bem? – Questionou Margarida, pensando que se perguntasse a amiga responderia.

- Tudo ótimo! – Mentiu Constança. – Sabes, só estou emocionada por rever-te. Que mundo pequeno: as nossas meninas tinham mesmo de se conhecer, de uma forma ou de outra!

- Porque dizes isso? – Perguntou Margarida, esticando os braços da amiga para ver a sua expressão.

- Oh porque de uma forma ou de outra teríamos de nos reencontrar.

- Mas conta-me: vais ficar por aqui muito tempo? – Perguntou Constança.

- Ainda não sei. Fico até que Júlia se sinta bem.

Constança acenou afirmativamente, uma vez que sabia de toda a história da filha de Margarida. Enquanto elas falavam, Carolina colocava a mesa. Quando Júlia chegou, ambas começaram a conversar, enquanto as mães contavam todos os pormenores das suas vidas de quando estiveram distantes.

O almoço correu muito bem, como seria de esperar. Constança e Margarida nunca se calaram, mas continuava a haver algo estranho no comportamento da mãe de Carolina. Depois da sobremesa, Constança ganhou coragem e disse:

- Margarida queres ir dar uma volta comigo aqui no quarteirão? Está uma tarde fantástica e enquanto as meninas arranjam a cozinha não podemos fazer nada.

- Ora muito obrigada mãe. – Disse Carolina em tom de brincadeira. – Ficamos nós com a cozinha? Estou a brincar. Fazem muito bem em ir. Quando acabarmos aqui vamos ter convosco, sim?

As quatro mulheres acharam uma ótima ideia passar a tarde a passear a pé e assim, as mães saíram rumo ao seu passeio. Depois de descerem no elevador, Constança respirou fundo e apontou para um banco do outro lado da rua, onde elas poderiam conversar. Margarida aceitou a ideia e, quando já estavam sentadas, a mãe de Júlia disse:

- Não te vejo há muitos anos, mas desde criança que ficas com esta expressão quando escondes algo de alguém.

- Tenho esta expressão desde que Carolina nasceu. – Acrescentou Constança. – Sei que se calhar não me vais querer ver mais para o resto da vida se falar contigo sobre isso, mas tenho de te contar.

- Como assim? O que fizeste de tão grave para me estares a dizer isso? Como podes ter feito algo que me prejudicasse se não nos vemos há mais de 20 anos?

Não havia maneira de adiar aquela questão. Quando Constança aceitou almoçar com Júlia e Margarida, já sabia que não iria conseguir aguentar o segredo. Até então tinha sido fácil, porque ela não se encontrava com Margarida nem com o marido, mas começou a ser pior quando ela soube que Margarida estava em São Miguel. Ultimamente não conseguia dormir e sentia sempre um aperto quando Carolina dizia que ia ter com Júlia. Aquilo não estava correcto. A qualquer altura poderia morrer e ninguém saberia daquele ponto da história. Fazendo estalar os ossos dos maxilares como forma de relaxar, Constança afirmou:

- A Carolina e a Júlia são irmãs.

Foi um choque para Margarida, até porque ela não tinha percebido como raio aquele parentesco poderia ser possível. Constança sempre fora assim: muito explosiva e sem rodeios. Tudo o que queria dizer, dizia e, pelos vistos, em todos os anos que estiveram separadas ela não tinha mudado. Agora restava saber o princípio e o meio daquela história. O final, este seria decidido um pouco depois.

- Conta-me tudo. – A sua calma aparente tornava-se uma tortura a cada segundo que passava e se Constança não começasse a contar naquele instante que raio se tinha passado, Margarida tinha quase a certeza que ia explodir. Era óbvio que só podia ser pelo seu marido; qual seria a outra hipótese de Júlia ser irmã de Carolina? Nenhuma. Coçando o nariz como uma espécie de terapia, Margarida olhou a sua amiga nos olhos e esperou que ela começasse a falar.

- Foi uma vez só. Quando o teu marido veio cá sem ti. Eu também o conhecia muito bem antes de ele ir embora. Além disso, ele sempre foi um grande amigo do meu marido, por isso ia muito à minha casa quando cá vinha. Naquele Verão, ele veio cá por uma semana e houve um dia que o meu marido não estava em casa, por isso ele esperou que ele voltasse. Foi quase imediato. Eu sempre soube que tinha uma atracção por ele, mas nunca pus esta ideia em prática.

- Até àquele dia Constança, até àquele dia. – Afirmou Margarida já irritada.

- Não conseguimos evitar. Chegamos perto um do outro sem nos apercebermos e...

- Poupa-me dos pormenores, se faz favor. – Exigiu Margarida, levantando-se bruscamente do banco. Ela sentia a sua mente completamente embriagada, como se tivesse bebido uma garrafa de vinho sozinha. Não era possível. O seu marido tinha-a traído e agora era tarde para remediar a situação. Ambos eram relativamente velhos para que Margarida pensasse em divórcio. Ela ficaria sozinha o resto da vida se o mandasse

embora por um erro cometido há mais de 20 anos e sozinha ela não sabia viver. Uma filha bastarda... não podia ser. Ele nunca mais tinha querido filhos e de um momento para o outro tinha outro.

- Claro que nenhum de nós queria que isso acontecesse. Refiro-me à parte de nascer um filho. – Disse Constança, como se lesse os pensamentos da amiga.

- Então quer dizer que queriam ir para a cama; a parte de conceber é que não fazia parte do esquema. É preciso ter muita lata.

- Não era isso que queria dizer.

- Mas disseste. E esperaste 20 e tal anos para contar isso? Como conseguiste? Agora que te reencontro dás-me uma bofetada deste tamanho? Tens noção do que me estás a contar? Estás a destruir a minha vida! A minha vida!

- Desculpa, mil vezes desculpa. Ninguém sabe disso. Só tu. Nem o pai da Carolina!

- Qual deles? Sim, porque a partir de agora ela vai ter dois pais, não um, coitada da miúda! Vai perceber o horror de mãe que tem.

- Ela não vai saber!

- Não? Se não contares a elas, sim porque a minha filha tem de saber que tem uma irmã, conto eu. Posso-te garantir isso.

- Não faças isso, por favor! Vou ficar com a minha vida toda trocada.

- Pois, a minha também ficou quando te lembraste de te deitar com o meu marido. Como é que ele me fez isso? Então é por isso que ele não gosta nada de vir cá, muito menos quando eu venho sozinha. Não queria que houvesse alguma maneira de eu descobrir toda a canalhice que vocês fizeram juntos. Pulhas, é o que vocês são, uns pulhas.

- Então não me perdoas? Nem gostando da minha filha como gostas?

- Perdoar-te, eu? A que respeito? Tens muita lata, tu! Não eras assim... a tua filha não tem nada a ver com isso, não sai a ti, graças a Deus! Vou continuar a tratá-la da mesma maneira. – Respondeu Margarida, preparando-se para ir embora. Porém, nesse momento, ela viu que Júlia e Carolina estavam a chegar. Claro que ela queria contar-lhes tudo, naquele mesmo momento para não ter mais que se atormentar com aquele segredo, mas não conseguia. Não naquele instante em que parecia que o seu coração estava a ser despedaçado a cada momento que passava e que as suas pernas tremiam como se estivesse drogada e não se aguentasse em pé. A única sensação que tinha era a de que alguém a tinha apunhalado pelas costas. Naquele caso tinham sido duas pessoas:

a sua melhor amiga da infância e o seu marido, o amor da sua vida. Margarida sempre pensara que tinha um casamento completamente feliz, como aqueles com que ela tinha sonhado. E saber daquela notícia naquele dia, que aparentemente seria um dia feliz, tinha-a deitado ao chão, como um soldado raso a tentar fugir da bomba. Deveria ela levantar-se? Não, naquele momento ela não conseguia. Mas se continuasse deitada no chão, outras pessoas seriam afectadas pela sua impotência e a situação já era má o suficiente. Puxou o vestido preto citado de forma a ficar minimamente apresentável e pôs um sorriso no rosto para que a filha não percebesse a sua expressão de decepção. Olhou para a mãe da outra filha do seu marido e, sem dizer uma única palavra, deu-lhe a entender que naquele momento ninguém falava com as raparigas sobre o assunto. Constança acenou afirmativamente e cruzou as mãos, como se não falar daquele problema naquele momento fosse o suficiente para fazê-lo desaparecer.

Margarida olhou para Júlia e pensou como seria a reacção da sua filha ao saber que tinha uma irmã bastarda. O facto de ser Carolina tornaria as coisas um pouco mais fáceis, uma vez que elas se davam muito bem. Porém, seria um choque para a filha de Margarida saber que o pai havia traído ambas. Ela sempre adorara o pai e imaginava que a relação entre o pai e a mãe era algo de fantástico e que, por isso, não teria que se preocupar com eles. O pai nunca trairia a mãe, era o que Júlia pensava, mas agora tudo era diferente, e ela teria de enfrentar a realidade.

Júlia vinha tão bem-disposta acompanhada de Carolina. Trazia um vestido de fundo branco, com um padrão embolado de vermelho. No cabelo levava uma fita vermelha e umas sandálias da mesma cor. Estava com um ar tão feliz e descontraído. Ela ficava sempre assim quando estava com Carolina, parecia que sabiam de tudo e que, por isso mesmo, se davam tão bem como irmãs. Se Júlia ainda não tinha recuperado totalmente da situação de Afonso, ficaria mais fragilizada ainda com aquele novo problema. Como iria Margarida contar à sua filha que o pai havia traído toda a família concebendo outra menina em outra mulher? A parte de contar a Júlia que ela e Carolina eram irmãs não seria difícil, o pior seria o resto: as conclusões que Júlia tiraria sem precisar de ouvir mais nenhuma palavra.

A cada passo que elas davam em direcção às suas mães, Margarida sentia o seu coração mais apertado do que nunca. Teria de mentir à sua filha sobre algo muito importante, nem que fosse por apenas alguns dias.

Mas não era apenas Margarida quem estava com o coração apertado. Também Constança se sentia assim. Há mais de 20 anos que ela guardava aquele segredo só para si; um segredo que a consumia dia após dia, ano após ano. Agora que tinha sabido que Margarida estava na ilha, Constança não conseguiu aguentar mentir mais. Ela não queria morrer com aquilo só para si. Também ela tinha uma estima muito grande por Margarida e foi exactamente isso que a fez contar tudo, mesmo que isso fizesse com que ambas nunca mais se olhassem directamente.

Era uma pena que naquela tarde o pai de Júlia estivesse tão bonito que a fizesse não ser capaz de resistir. Ela ainda se lembrava como se fosse ontem. Há alguns dias que sempre que ele ia falar com o seu marido, ela sentia um arrepio quando o via. Não entendia como tinha surgido aquela atracção repentina, mas o facto era que ela tinha surgido. Ele também olhava para Constança com atenção, ela percebia isso, mas fingia que não entendia. Mas naquele dia, quando ela lhe abriu a porta e o viu, tão bonito, estremeceu como cana verde, sem saber o que fazer. Claro que o tinha de convidar a entrar, mas nunca imaginava as consequências daquele acto.

- O meu marido não está. – Disse ela ao pai de Júlia. – Mas podes e entrar e esperar se quiseres. Ele não deve demorar.

Ele aceitou o convite e entrou, olhando-a de cima a baixo, como se a quisesse devorar naquele mesmo instante. Ele sentou-se, enquanto Constança preparava um uísque para a visita. Entretanto, ela ligou ao marido para o informar de que o amigo estava em casa de ambos à sua espera. Foi esse telefonema que estragou tudo, quando o marido de Constança disse que iria demorar um pouco mais do que o suposto, porque tinha-se atrasado no trabalho, mas que ele esperasse e jantasse com eles. Era óbvio que com aquele tempo todo eles poderiam conversar muito e fazer algo mais interessante até. Foi quando Constança estava a preparar um martini para si que sentiu a presença do marido de Margarida junto a si. Aquele corpo quente estava colado às suas costas e a sua boca prestes a beijar o seu pescoço. Constança voltou-se e foi o embate fatal. O seu copo caiu, tal como o seu corpo nos braços do seu amante esporádico. A casa estava completamente vazia, não havia perigos de nada. A mão dele entrou pelas suas pernas, enquanto a sua boca percorria a de Constança. O êxtase era tanto que ela arfava a cada movimento que faziam. Agarrando as suas pernas à anca dele, Constança disse as palavras fatais:

- Podemos ir para o quarto de hóspedes. Quando o meu marido se demora, demora-se mesmo.

Claro que ele ficou confuso com toda aquela situação. Nunca tinha traído a mulher, mas naquele momento estava prestes a fazê-lo. Ela nunca descobriria, pensou, nunca. Nunca passaria de um segredo entre eles os dois, esperaria ele.

Chegados ao quarto, Constança sentiu-se ser deitada na cama pelo amigo do seu marido e fechou os olhos como se estivesse num sonho. A sensação era ótima, mas apenas quando ela não pensava nas consequências. Naquele momento ia deixar-se levar...e deixou-se. O marido de Margarida tirou-lhe ferozmente o vestido laranja e beijou-lhe cada parte do corpo. Depressa eles estavam um no outro e Constança sentia-se a ser penetrada tão depressa, como se o mundo fosse acabar naquele momento. Na realidade, ambos queriam terminar aquele acto ilícito o mais rapidamente possível, apesar de estar a ser muito agradável. Quer Constança quer o seu amante estavam a passar uma má fase no casamento e aquele escape poderia ser benéfico, ou não. O facto é que daquele momento frenético e bombástico nasceu uma menina: a sua Carolina e agora que toda a verdade vinha ao de cima, as coisas seriam muito mais complicadas.

CAPÍTULO 21

Tinha chegado o momento. Júlia tinha de saber. Havia passado um mês desde que Margarida soube do parentesco de Júlia e de Carolina. Elas tinham destinado aquele domingo para visitarem a Caldeira Velha, sítio que Júlia ainda não conhecia, mas a mãe já. Talvez seria estragar o dia, mas Margarida tinha a certeza que se contasse aquela bomba à filha num sítio calmo seria muito melhor. Júlia não tinha por hábito explodir perante grandes problemas, mas um como aquele seria mais complicado de digerir.

- Estás pronta mãe? Não te demores, porque daqui a pouco já é meio-dia e as horas passam a correr.

Margarida estava sentada na sala com o comando na mão, meio perdida entre as cores do ecrã. Não tinha ouvido Júlia chamar por si, até sentir a sua mão quente e suave no seu ombro.

- Mãe, ainda estás a dormir? – Perguntou Júlia a sorrir. Parecia tão bem naquele dia. E contar-lhe aquela ‘novidade’ iria tirar-lhe aquele ar tão feliz do rosto. Mas, infelizmente tinha de ser. Ela queria que Carolina e a mãe tivessem ido com elas passar o dia à Caldeira Velha, mas Margarida não concordou, claro. Ela andava a evitar a sua melhor amiga desde o dia que soubera do acontecido. Ela tinha conhecido muitas mulheres no Continente, muitas amigas, mas nenhuma a tinha cativado tanto como Constança. Tinham sido grandes amigas em pequenas e agora estava tudo estragado; tudo perdido. E a partir do momento em que Júlia soubesse da verdade, também a amizade com Carolina poderia estar prejudicada. Mas ela não iria permitir que as raparigas continuassem na ignorância, não depois de Constança ter escondido aquele segredo de tudo e de todos.

- Não minha filha, não estou a dormir. Só estava distraída. Já estou pronta. Já preparei as sandes, as águas e tudo o que é necessário. Por mim podemos ir.

Ambas saíram, a pé, e pelo caminho tiveram uma conversa fácil e leve. Porém, Margarida não conseguia deixar de pensar. Ela não tinha comentado nada com o marido, apesar de falar com ele todos os dias. Queria enfrentá-lo cara a cara. Aliás, ela ainda não sabia o que deveria fazer: se ficava com ele ou se o deixava. Ora aí estava uma decisão para a qual precisava da filha, mas Júlia só a podia ajudar depois de saber do sucedido.

Chegaram à Caldeira Velha pouco depois das 11. Esticaram-se no chão e ficaram, mais meia hora, na conversa. Júlia aproveitava todos os momentos que podia para treinar a matéria que andava a estudar sobre a Ribeira Grande. Aquele caso não foi uma excepção. Ela queria ter tudo na ponta da língua, para que nada corresse mal nas suas aulas. Por isso, sugeriu à mãe:

- Podes fingir que és minha aluna por uns momentos?

- O que queres de novo?

- Quero que ouças aquilo que sei sobre a Caldeira Velha, já que aqui estamos... - Sugeriu Júlia, com um sorriso tridente no rosto. Mais parecia uma criança quando pede algo muito disparatado aos pais.

- Começa. Se eu dormir já sabes, continua na mesma.

A sugestão foi motivo de risota entre mãe e filha. Margarida não morria de amor por história, mas quando era a sua filha a falar não pregava o olho, por mais que o assunto fosse aborrecido.

- Bem, começemos: a Caldeira Velha situa-se na periferia da Reserva Natural da Lagoa do Fogo. Tem muitos motivos para o ensino de diversas disciplinas, como a geologia, a vulcanologia, a história natural, botânica e zoológica. Além disso, a Caldeira Velha presenteia-nos com fumarolas, nascentes de água quente e cascatas, o que a torna mais interessante. A nível científico, a Caldeira Velha não deixa de ser importante. Isto porque, é um importante campo fumarólico localizado numa falha do complexo vulcânico do Fogo. Estás a acompanhar mãe?

- Claro que sim. Mas diz-me, qual é a semelhança entre o campo fumarólico da Caldeira Velha e o das Caldeiras da Ribeira Grande? Já ouvi qualquer coisa sobre isso, mas não me recordo o quê!

- Ah sim, isso. É que ambos os campos fumarólicos constituem as principais manifestações de vulcanismo secundário no maciço vulcânico de Água do Pau. No que respeita à fauna e à flora da Caldeira Velha, em 1985, podia-se encontrar aqui criptómerias, do Japão, incensos, da Austrália, e plátano. Hoje em dia, podemos encontrar o feto pente, o feto de botão, o feto-arbóreo, o queiró, o junco, o feto-real e o incenso, por exemplo. Algumas plantas endémicas, como a urze e a malfurada, também podem ser vistas neste local.

- Achas que estou a dizer coisas interessantes ou nem por isso?

- Oh tontinha, claro que é interessante! Muito mais para os teus alunos, que são de cá e estão nas tuas aulas por livre vontade. Não tens de recear, estás a ter muito sucesso por aqui.

- Pois, lá no fundo, também acho que sim. – Respondeu ela baixinho, como se fosse um segredo. – Ah, falta falar de um aspecto.

- Qual?

- A avifauna. Nos dias de hoje, podemos ver aqui milhafres, o pombo torcaz, o tentilhão, o canário estrelinha e o melro negro.

- Muito bem filha. Tens a lição toda estudada. Onde pesquisaste isto tudo?

- Num texto de Teófilo de Braga.

- Tens boas referências. Tenho muito orgulho em ti.

Júlia sorriu e sabia que a mãe estava a falar a sério. Para ela também era um orgulho poder estar bem, ou razoavelmente bem, naquele momento. O que ela não sabia era que algo de errado se estava a passar e que tudo iria mudar. Depois de almoçarem, Margarida preparou-se para ter uma conversa com Júlia. Arranjando uma forma simples de começar aquela conversa complicada, Margarida disse:

- Filha, como reagirias se não fosses filha única?

- Estás grávida mãe? Estás doida? – Perguntou Júlia com preocupação.

- Claro que não filha, só estou a sondar.

- A sondar para quê? Estás a pensar ter mais um filho?

- Oh rapariga não. Responde e pronto.

- Eu já não tenho dez anos, tenho quase 30. Antes é que tu me perguntavas estas coisas subtilmente para ver o que eu dizia.

- Ainda não respondeste. Estás a desobedecer à tua mãe.

- O que faria se não fosse filha única?

- Não, como reagirias.

- Oh, sei lá. Nunca pensei muito nisso. Sempre cresci a pensar que eu era o suficiente para mim mesma e para a minha família. Mas, estou muito habituada a ser filha única, não sei se ia gostar.

Margarida riu-se, sabendo de antemão que aquela seria a resposta da filha. Ela já a conhecia suficientemente bem para descobrir qual era a sua ideia sobre aquele assunto.

- Já respondi. Agora diz-me porque perguntaste.

Não havia mais escapatória. Se Margarida não contasse nada naquele momento, Júlia ia ficar com a pulga atrás da orelha e nunca mais se calaria com aquele assunto. Além disso, para quê adiar? Directa como sempre foi, Margarida disse:

- A Carolina é tua irmã.

Júlia sentou-se, colocou as mãos à volta da cabeça e, muito calmamente, disse:

- Como?

Margarida ocupou uns bons 20 minutos para contar a história do princípio ao fim.

- Então é por isso que tens evitado a Constança.

Parecia tão estúpido que a única conclusão que Júlia conseguisse tirar fosse aquela.

- É só isso que tens para dizer?

- Que queres que eu diga? Que foi a maior desilusão da minha vida, que o pai para mim morreu? É o que sinto neste momento, mas nada vai mudar por eu dizer isso, pois não? Continuo a ter uma irmã bastarda, que por acaso é, actualmente, a minha melhor amiga.

– Júlia tinha explodido, sem sombra de dúvidas e até era bom, porque Margarida detestava aquele jeito calmo e sereno de ser da filha, quando muitas vezes ela queria berrar e desatar a chorar. – O pai traiu-me. – Continuou.

- Achas que foi só a ti?

- Não, não acho. Nunca pensei que isso pudesse acontecer.

- Mas aconteceu minha filha e não podemos fazer mais nada. Aliás, temos de fazer mais uma coisa: contar à Carolina.

- Deixa estar. Eu conto-lhe!

- Nem vais acreditar quando eu te contar. – Gritou Carolina quando Júlia entrou na sua casa. Aquela frase significava que havia mais problemas do que aqueles que Júlia pensava poderem existir, ou então, Constança também tinha contado a verdade à filha.

- O que foi? – Perguntou ela com desânimo. Desde que soubera da notícia, Júlia andava cabisbaixa e triste. Evitava falar com o pai ou com quem fosse. Sentia-se traída não só pelo pai, mas pelo mundo inteiro.

- Eu estava a trabalhar, a tomar conta do Santiago; a brincar com ele e enfim...ah tu já sabes o que eu faço. – Disse Carolina enquanto rodopiava na sala. Ela não sabia como iria contar aquilo à amiga. Era uma notícia que lhe podia mudar a vida.

- Desembucha mulher! Daqui a nada dá-te uma coisinha má e não me contas o que se passa.

- Eu estava com Santiago no quarto e Antónia estava na salinha ao lado. Ela não sabia que estávamos em casa, porque àquela hora era suposto estarmos no parque. Deve ter sido por isso que ela teve aquela conversa em casa: porque estava supostamente vazia. – Pensou Carolina, como se estivesse a fazer um monólogo. Percebendo que a situação estava relacionada com Afonso, Júlia redobrou a atenção.
- O que é que a Antónia fez?
- Ah já estás curiosa?
- Não sejas assim Carolina, conta-me. – Pediu Júlia meio a sorrir.
- O Santiago não é filho de Afonso. – Disse ela por fim. Júlia levou as pontas dos dedos ao coração para sentir se estava acordada. Como podia ser aquilo? Era bom demais para ser verdade. – Se Santiago não é filho de Afonso...
- Pode ficar contigo. – Disse Carolina, terminando a frase da amiga.
- Tens a certeza? Por favor, podes estar enganada. – Júlia sorria como uma perdida; o seu conto de fadas podia acontecer e se aquilo fosse verdade a bruxa má seria afastada por suas próprias mãos.
- Claro que tenho...como poderia não ter? Ela disse com todas as palavras: “Não posso mentir toda a vida ao Afonso. O poder até podia, mas mais cedo ou mais tarde ele vai descobrir que Santiago não é seu filho”.
- Mesmo assim?
- Mesmo, mesmo...com todas as letras, com vírgulas e tudo. Sabes o que isso significa, não sabes?
- Não sei. Sei?
- Claro que sabes. Tens de pegar o touro pelos cornos...não o deixes escapar, pelo amor de Deus.
- Não posso deixar. Eu amo-o. E se ele agora não quer voltar para mim? Há sempre esta hipótese. Ele pode ter-se agarrado ao menino e não querer sair de lá.
- Isso pode ser. Ele gosta muito do Santiago, apesar de o conhecer há pouco tempo, mas não me parece que ele vá deixar de estar contigo por isso.
- Achas mesmo?
- Acho. Quando o vais ver?
- Sei lá Carolina. Tenho medo.
- Olha, espera que ela engravide novamente, e desta vez mesmo dele, e aí é que nunca mais o vêes. Não percebes que esta é a oportunidade que sempre quiseste?

- Percebo.

- Então não precisas de mais.

- E quem será o verdadeiro pai?

- Não faço a mais pálida ideia. Deve ter sido um qualquer com quem ela andou durante estes anos todos em que esteve longe. – Disse Carolina a rir como uma criança quando conta uma piada. Júlia, por sua vez, não sorriu muito. Não sabia como dar a volta àquela situação, apesar de ter a certeza que Afonso a amava tanto como ela a ele. – No fim do mês são as comemorações das Cavalhadas de S. Pedro; porque não aproveitas para falar com ele nessa altura? – Sugeriu a amiga. – Não tens de ir a casa dele e sempre podes fugir com ele para algum recanto. Acho que é a melhor altura para o veres, senão vai ser complicado para se encontrarem sem que Antónia saiba.

- E achas que ele vai?

- Claro que sim. Ele vai fazer o discurso do início das comemorações. Está todo excitado com esta ideia.

Júlia sorriu. Já estava a imaginar o seu Afonso no dia do discurso. Ele devia estar mesmo a entregar-se de corpo e alma àquele dia. E porque não fazer-lhe uma surpresa?

- Acho que tens razão. Pode ser uma ótima ocasião. Mas a Antónia pode estar com ele e aí já não dá.

- Achas? Aquela mulher quer é um bom dia de compras e mais uma futilidade qualquer. Ela cá quer saber das tradições da Ribeira Grande.

O plano era perfeito. Júlia só tinha de arranjar coragem para contar tudo a Afonso, de forma a que ele não pensasse que ela estava a dizer uma mentira só para ficarem juntos. Mas este assunto podia esperar. Ela tinha ido a casa da irmã para lhe contar o que a sua mãe lhe tinha dito e não ia sair de lá sem o fazer.

- Ainda bem. Depois vejo isso. Agora tenho outra coisa para te dizer.

- Então diz. – Afirmou Carolina sem olhar para a irmã. Ela não fazia ideia do que ia acontecer, daí não ter dado importância nenhuma à declaração de Júlia.

- Eu descobri uma coisa muito importante, Carolina.

- Sim, isso eu já percebi. Quanto te pões com esse ar sério coisa boa não é.

- Mas olha para mim, estou a falar contigo. – Pediu Júlia, para tentar ganhar tempo e coragem.

- Oh rapariga, mas o que se passa? – Perguntou Carolina, levando ambas as mãos à anca.

- Somos irmãs. É isso que se passa. – Disse Júlia muito directamente.

Ambas as mãos de Carolina caíram-lhe ao longo do corpo. O seu rosto ficou completamente vermelho, até que, lentamente, a cor se começou a desvanecer. Júlia só podia estar a brincar. Assim esperava ela.

- Tens muita graça tu. Agora estás toda contente e queres pregar-me um susto destes. – Disse Carolina, tentando disfarçar a preocupação.

- Achas mesmo que eu estou a brincar?

- Isso não pode ser verdade. Estás a inventar isso. Eu só tenho uma irmã e não és tu, com certeza. – Gritou Carolina. Ela sabia que estava a ficar nervosa e quando assim era costumava ficar agressiva.

- Achas que eu gostava que isto estivesse a acontecer? É claro que não. Mas é uma realidade e se gritares não deixamos de ser irmãs. Até pelo contrário, mais pessoas vão ouvir e deixa mesmo de ser um segredo. Se por acaso queres que isso fique por aqui, cala-te. – Ordenou Júlia.

Carolina sentou-se junto a Júlia, sua irmã, e começou a rir. Aquela situação começava a ser caricata o suficiente para uma boa gargalhada.

- Irmãs? – Ambas as raparigas começaram a rir e, de um momento para o outro, estavam de mãos dadas a olharem-se mutuamente. – És minha irmã? Desde quando sabes?

- Desde ontem. – Respondeu Júlia a sorrir.

- Não acredito. Como é que isso aconteceu? Qual das nossas mães andou fora uns dias?

- Júlia sorriu com a expressão. Provavelmente, Carolina já tinha aceitado a ideia, mais rápido do que ela.

- Foi a tua e o meu pai, claro. Simplesmente somos irmãs e nunca soubemos de nada. A tua mãe contou à minha, que, por sua vez, me contou.

- Como reagiste?

- Muito mal, sinceramente.

- Querias ser filha única toda a vida, era? Desculpa se te estraguei os planos. – Disse Carolina, muito mais calma, mas ainda a pensar em toda aquela situação.

- Não. Só não gostei de perceber que o meu pai nos traiu.

- Oh a minha mãe também nos traiu e não vai ser por isso que vou deixar de falar com ela. Eles erraram, mas quem não o faz?

Carolina tinha razão. Ela própria já tinha engravidado na hora errada e escolheu tirar o bebé. De certa forma, ainda bem que Constança não tinha sequer pensado nisso: ganhar uma irmã como Carolina era muito bom.

- Tens razão. Eu tenho evitado falar com o meu pai e ele liga-me imensas vezes. Mas não consigo falar com ele sem lhe dizer o que penso sobre isso tudo.

- Então diz. Também vou falar com a minha mãe. Achavas que íamos esquecer isso e seguir em frente? Quero ser tua irmã: oficialmente. Já que eles fizeram isso – Disse ela a apontar para si e para Júlia – vamos por os pontos nos IS.

Júlia baixou o rosto e sorriu.

- Então, não gostaste da ideia de sermos irmãs?

- Não é isso. Sempre quis ter mais uma irmã, só que nunca pensei que fosse acontecer agora nem desta forma, entendes? O meu pai nunca tinha tempo para ter mais um filho, mas em contrapartida fê-lo com outra mulher. É como se ele fosse meu marido e me tivesse traído directamente, entendes?

- Claro que sim. Só que eu não vejo as coisas desta forma. Vejo que eles cometeram um erro para nos unir, senão com quem ias falar enquanto cá estás?

- Também é verdade. Enquanto cá estou? Não me vou embora assim tão depressa.

- Pois, agora tens uma irmã cá.

- E a minha casa e Amanda. Amanda podia ir comigo, mas e a minha casa?

- Estás a esquecer-te do mais importante: e Afonso? Não podes ir embora agora minha irmã, tens a oportunidade da tua vida ao virar a esquina.

- Pois tenho e vou agarrá-la, vais ver. Mas voltando ao nosso assunto, já pensaste no que o teu pai e a minha mãe estão a sentir?

- Por acaso não tinha pensado. Eles devem estar mal, quer dizer o meu pai não, porque ainda não sabe.

- Acho que foi mais fácil, porque somos muito amigas. Por isso esquecemos alguns pormenores, mas os sentimentos deles não são pormenores, pois não?

- Não, mas também não somos nós que temos de lhe pedir desculpa. Não temos culpa de nada. – Declarou Carolina, com um ar muito inocente.

- Não, não temos minha irmã. Agora não há mais nada a fazer, pois não?

- Claro que não. Podemos apenas ir passear e na volta falamos com a tua mãe. De certo que ela vai gostar de conhecer a enteada.

CAPÍTULO 22

Júlia considerava uma falha muito grande não falar do historiador Gaspar Frutuoso nas suas aulas. O seu programa inicial não incluía esta matéria, mas depois de perceber a importância que o historiador tinha para os ribeiragrandenses, decidiu dedicar uma aula inteira a ele. E já tinha chegado o dia. Era o último daquela temporada de aulas. As lições iam parar durante quatro meses e depois regressariam, com novos alunos e, quem sabe, com nova matéria. Júlia estava a gostar muito daquela experiência e não tencionava sair da Ribeira Grande nem tão cedo.

A mãe tinha regressado a casa há uma semana. Júlia tinha ficado novamente sozinha em casa, mas em princípio seria por pouco tempo. Margarida tinha perdoado o pai, como Júlia calculava que ela fizesse, e o pai de Carolina tinha feito o mesmo em relação a Constança. Na altura da vida onde eles se encontravam, seria muito difícil tomar outra decisão. Eles não tinham a mentalidade e a coragem da actualidade. Para eles era muito mais difícil estragar um casamento de uma vida inteira apenas porque um dos cônjuges tinha ‘pulado a cerca’. No fundo, Júlia sentia-se mais descansada com a situação resolvida daquela forma entre os pais. Se a mãe estava bem, então tudo estava bem. E estava mesmo.

O dia das Cavalhadas de S. Pedro estava a chegar e Júlia andava a reunir coragem para abordar Afonso. Eles não se viam há muito tempo, pois a situação não se proporcionava. E o dia que Carolina tinha sugerido parecia óptimo.

Depois de escrever no quadro todas as indicações que achava importante sobre Gaspar Frutuoso, Júlia começou a falar com a sua turma.

- Bem, como sabem, esta é a última aula deste módulo. Por isso, escolhi um tema fundamental para fechar o nosso curso com chave de ouro. Vamos falar de Gaspar Frutuoso.

Todos assentiram e gostaram da ideia. Distribuindo uns apontamentos, a professora começou a falar.

- Para apresentar esta aula escolhi a *Notícia Biográfica do Dr. Gaspar Frutuoso*, escrita por Rodrigo Rodrigues, historiador e investigador, em 1923. – Esclareceu Júlia. – Ricardo Rodrigues foi um dos maiores estudiosos do espólio frutuosiano. Aproveito para vos dizer que esta nota foi publicada em anexo à primeira edição do livro terceiro das *Saudades da Terra*. No que diz respeito aos dados biográficos de Gaspar Frutuoso,

existem muito poucos sobre a sua filiação, sobre a sua juventude e sobre outras circunstâncias que viveu no período em que esteve fora de S. Miguel, local onde nasceu. Mas foi na sua terra natal que viveu a maior parte do seu tempo. Para quem não sabe, também vos digo que este grande homem foi padre. – Acrescentou Júlia. Ela tinha estudado muito bem a lição sobre Gaspar Frutuoso, mas também gostava de recorrer aos apontamentos; era uma forma de não cometer nenhum erro na nova matéria que estava a leccionar. – Gaspar Frutuoso foi o primeiro cronista insulano. Além disso, representa o tipo humanista da Renascença. Com isto quero dizer que ele era um enciclopédico quinhentista, literato, artista e músico, muito observador aos fenómenos naturais que aconteciam. Coube ao Dr. Ernesto do Canto iniciar a crítica documental da vida de Gaspar Frutuoso. Assim, Ernesto do Canto encontrou algumas incorrecções na biografia deste padre. Por isso, mandou investigar nas Universidades de Salamanca, Coimbra e Évora os registos de matrículas e graus, com o intuito de encontrar vestígios que provassem a passagem de Gaspar Frutuoso por aqueles estabelecimentos de ensino.

Nos documentos de Júlia também se podia ler que Gaspar Frutuoso foi padre na Matriz de Santa Cruz da Lagoa, sensivelmente, entre 1558 e 1560. Mais tarde, em 1565, foi vigário na Matriz de Nossa Senhora da Estrela na Ribeira Grande, durante 26 anos. Nesta altura tinha 43. Note-se que Frutuoso nunca lavrou um registo de óbito enquanto foi padre na Ribeira Grande, mas existem registos de outros padres a fazê-lo. Segundo se lê na notícia biográfica escrita por Ricardo Rodrigues, Frutuoso escrevia com clareza e com uma boa caligrafia.

Falando mais especificamente nas origens deste homem da Ribeira Grande, é de salientar que o mesmo nasceu em Ponta Delgada, em 1522, como filho de pais ricos e nobres.

Calcula-se que seu pai desse por nome de Frutuoso Dias e, provavelmente, Isabel Fernandes será a mãe de Gaspar Frutuoso.

Porém, existem poucas referências à família de Frutuoso; até alguns críticos dizem que o objectivo do padre era mesmo ocultar as suas origens.

Os pais do padre tinham terrenos e, por isso, mandavam o filho cultivá-las. Mas, Gaspar Frutuoso tinha mais talento para as leituras e para as escritas e assim ingressou na Universidade de Salamanca, onde fez um bacharelato em Artes, em 1549. Desta fase da vida do nosso historiador não existem muitos registos.

Mais tarde, Frutuoso veio a S. Miguel para tomar ordens de sacerdote. Depois de ordenado, o padre regressou a Salamanca para se graduar em Teologia. Naquela altura, Salamanca possuía um ambiente de grande cultura intelectual. Nela, Gaspar Frutuoso conseguiu-se destacar, levando o apelido de *El grande sabio de las Islas de Portugal*. Foi a 9 de Fevereiro de 1558 que conseguiu o grau de bacharel em Teologia. Dizem que se doutorou na Universidade de Salamanca, mas nada há que confirme tal ideia.

Foi quando regressou definitivamente à sua terra, com 43 anos, que Frutuoso se começou a dedicar com mais afinco à investigação dos documentos e às tradições das histórias das ilhas. Foi assim que esboçou o plano das *Saudades da Terra*.

O padre deve ter percorrido muitos sítios dos Açores; isto porque há nas *Saudades da Terra* muitos pormenores e descrições dos locais que revelam a observação que ele deve ter feito.

Parece que morreu a 24 de Agosto de 1531, com quase 70 anos de idade. Foi enterrado na capela maior da sua igreja, na Ribeira Grande, acima dos degraus defronte do altar maior, com uma campa. No letreiro mandou-se gravar a seguinte mensagem: “*Aqui jaz o Dr. Gaspar Frutuoso que foi vigário e pregador deste igreja, vere varão apostólico, insigne em letras e virtudes.*”

Mas parece também importante falar do meio em que Gaspar Frutuoso nasceu e cresceu. Naquela altura, e de uma forma muito resumida, São Miguel tinha como principal ocupação a agricultura. Se esta não era a única ocupação de todos os habitantes, era a de quase todos. Por isso, formavam quase uma só classe. Todos tinham uma vida igual, sem luxos, mas sim com muito trabalho. Na sua obra, Frutuoso descreve muitas vezes os trabalhos árduos e difíceis executados pelas pessoas de então. Foi só em 1520, que parece que a vida micaelense mudou e se desenvolveu, pelo que uma grande parte da vida de Gaspar Frutuoso foi vivida da forma acima descrita.

Parece que Frutuoso teve muitas relações com os Jesuítas, quer em Salamanca, quer em Bragança. É de referir que o padre leccionou no Colégio de Bragança. E como bom leitor que era, nas suas preferências literárias estavam Cícero, Virgílio, Horácio, Ovídio, Plutarco e Cornélio Tácito, os mestres da cultura clássica daquele tempo. Mas não só de leituras vivia esse padre. A música também tinha um importante papel na sua vida. Assim sendo, na sua obra encontram-se muitas referências à música, através de termos musicais.

Gaspar Frutuoso era uma pessoa muito amiga e muito preocupada com os pobres. Era muito disciplinado e jejuava às quartas, às sextas e aos sábados, e na Quaresma, a pão e água, jejuava às sextas. Por ser uma pessoa muito virtuosa, chamavam-no de Dr. Gaspar Virtuoso.

Estava terminado mais um curso. O essencial tinha sido explicado e ensinado e Júlia sentia-se contente com o trabalho que tinha feito.

Depois de se despedir dos seus alunos, relativamente saudosa porque se tinha ligado aos mesmos, Júlia fez sinal à irmã para que esperasse por ela.

- Gostaste da aula?

- Sim, muito. Contaste imensos pormenores que achei interessante. Era uma boa temática para um trabalho que tenho de apresentar para a próxima semana na Universidade. – Carolina tinha ingressado num curso de história, o que deixava Júlia muito orgulhosa. Para a irmã mais velha de Carolina, aquela área era uma boa escolha para quem queria seguir estudos. Isto porque ela própria o tinha feito e porque já havia a hipótese de alargar o curso a mais pessoas e Carolina podia leccionar também além de Júlia. Seria interessante partilhar as aulas daquele curso, que não tinha prazo para terminar, com a sua irmã. Porém, Carolina ainda não sabia daquela hipótese.

- Quando terminas o curso? – Era um curso livre, por isso Carolina deveria terminá-lo no início do Outono.

- Lá para Outubro, porquê?

- E depois o que pensas fazer com ele? – Carolina ainda era ama de Santiago, mas não pretendia continuar a fazê-lo depois de a irmã falar com Afonso. Se ela ficasse por lá, de certo que Antónia lhe faria a vida negra.

- Ora Júlia, sabes que não é fácil encontrar trabalho nesta área, não sabes?

- Pois sei, mas acho que se calhar já tenho uma proposta de trabalho para ti.

- Como assim? Nem conheces muitas pessoas por aqui. – Disse Carolina a sentir-se entusiasmada.

- Pois, mas parece que vais ter de me ajudar com o curso.

- Hem? – Reagiu Carolina um pouco incrédula.

- Os interessados neste curso são cada vez em maior número. Mais dia menos dia eu não consigo dar conta do recado sozinha, ou então terão de ficar muitas pessoas em lista de espera, o que não é nada agradável.

- E depois? Como é que entro nesta história? – Questionou Carolina com uma leve desconfiança do que Júlia queria dizer.
- Tu vais dar estas aulas comigo. – Carolina deixou cair o queixo levemente, de tão assustada que ficou. – A não ser que não queiras, claro. Não te posso obrigar. – Ripostou Júlia, arrumando as suas coisas. Nos lábios mantinha um sorriso matreiro, enquanto os seus olhos fixavam, disfarçadamente, a reacção da irmã. Ela sabia que Carolina não ia negar.
- Não, não. Claro que quero. Só que nunca pensei nessa hipótese. - Respondeu Carolina aos pulos, como se tivesse conseguido o primeiro encontro com o seu príncipe encantado, situação que não estava fácil de acontecer para os seus lados.
- Ora aí está uma coisa que tinha a certeza que ias dizer. Não podias negar esta oportunidade. Vai ser muito engraçado, vais ver. – Opinou Júlia, enquanto abraçava a irmã. – Vai ser bom seres minha aprendiz.
- Achas que sim? E se não corre bem?
- Não sejas tontinha. Vai ser óptimo. – Respondeu Júlia. – Queres jantar comigo? Já podemos começar a estudar juntas e ajudo-te no teu trabalho, que achas?

CAPÍTULO 23

Tinha chegado o dia. Finalmente era 29 de Junho, ou seja, dia das Cavalhadas de S. Pedro na Ribeira Grande. Júlia acordou muito cedo para poder seguir as festividades desde o início. Estava nervosa, muito nervosa. Iria enfrentar Afonso e dizer-lhe o que tinha descoberto. E se ele não acreditasse nela? Poderia acontecer. Afonso poderia, eventualmente, já se ter apaixonado de novo por Antónia e deste modo não querer saber o que Júlia tinha para lhe dizer. Além desta havia ainda outra hipótese...ele poderia não querer deixar Santiago. Afonso era do tipo de pessoa que se apegava muito a quem estava ao seu redor e ele já estava há algum tempo a morar com o seu suposto filho.

Fosse como fosse, Júlia iria tentar. Ficar sem tentar é que não...desistir antes do final não era algo a que ela estivesse habituada.

Ela saiu da cama sem dificuldade nenhuma, pois estava à espera daquele dia há muito tempo. Tomou um duche rápido e vestiu umas calças de ganga justas e uma blusa castanha igualmente apertada. Nos pés tinha umas sandálias altas castanhas, que lhe davam um toque feminino. Apanhou o cabelo em coco e colocou uma sombra muito leve nos olhos em tons de castanho. Faltavam alguns acessórios. Umas pulseiras claras deslizavam no seu braço esquerdo, fazendo com que, assim que se mexesse, alguém desse pela sua presença.

Estava bonita. Ela assim o achava e isso era bom. Sempre que se sentia mais perto de Afonso, sentia-se confiante e bonita. Ele transmitia-lhe esta segurança, a qual lhe fazia muita falta. Era lógico que Júlia não gostava de se sentir insegura quando não estava com Afonso, mas nem sempre conseguia controlar tal sentimento. Ser insegura era algo que a caracterizava há muito tempo. Fosse como fosse, ela iria falar com o seu ex-namorado e só esperava que o seu plano desse resultado.

Enquanto estava perdida nos seus pensamentos, Júlia sentiu alguém bater à porta. Por momentos não percebeu quem seria, mas logo se lembrou que tinha combinado com Carolina para poderem ir juntas para a festa. Desceu as escadas a fugir, como sempre fora habituada a fazer, e abriu a porta. Júlia teve muita satisfação em ver a irmã. Elas davam-se realmente bem. Estavam a traçar um caminho juntas, que nunca seria tão fácil se uma não estivesse na presença da outra. Era bom ter uma irmã com aquela idade; Júlia nunca mais tinha alimentado o sonho de ter outra irmã, porque havia percebido

que a mãe não queria, mas naquele momento, o seu sonho mais antigo tinha sido realizado.

- Olá minha irmã. – Disse Júlia. – Estás muito bonita. – Carolina estava simples, mas de facto bonita. Tinha um vestido sem mangas cor-de-rosa, que lhe tocava abaixo dos joelhos.

- Eu sei que estou, mas hoje conta é que tu estejas. Hoje é o teu dia. Deixa-me dar-te outro toque. - Afirmou ela, entrando em casa.

- Não quero. Estou bem assim ou achas que não? – Perguntou Júlia com um ar preocupado, enquanto fechava a porta.

- Claro que estás bem. Só queria brincar contigo. Mas trago uma coisa para ti, aliás para nós.

- Sim, já percebi que deves ter qualquer coisa neste saco.

- Ainda não tomaste o pequeno-almoço, calculo.

- Não tenho fome, como deves imaginar.

- Ah mas eu trouxe umas sandes mistas e uma garrafa de café com leite que só a minha mãe sabe fazer.

Júlia riu. Era de facto verdade. Constança cozinhava muito bem e naquele dia não seria excepção.

- Pronto, vamos lá experimentar esse café.

- E as sandes. – Retaliou Carolina.

- Sim, pode ser. Mas só um pouco...tenho o estômago feito num nó.

- Não tens de estar nervosa. Não é como se fosse o primeiro encontro, ou é? Quantas vezes já foram para a cama até? – Perguntou Carolina descaradamente e a rir muito.

- Não sejas assim. Apesar de tudo isso que já disseste, é normal que eu me sinta nervosa e indecisa, não achas?

- Sim, eu percebo. Mas tu conheces o Afonso muito bem. Pensaste mesmo que ele iria desconfiar de ti?

- Não sei. Há muito tempo que não falo com ele. Pode ter mudado as suas atitudes e a sua forma de pensar.

- Não sei se terás tanta razão assim. Eu cá estou optimista. – Afirmou Carolina, enquanto beliscava na sua sandes. – Estas sandes estão mesmo saborosas, não estão?

- Não desconverses. Estou mesmo nervosa. Se calhar deveria deixar tudo como está, em águas de bacalhau e pronto.

- E esperar que o destino vos volte a unir, se calhar. Oh Júlia tem dó. Em que século é que vives? Já não são eles que nos vêm procurar. Somos nós que temos de ir à luta, ou também nós.

Júlia mexeu nervosamente no cabelo, sem saber exactamente o que dizer. Carolina tinha razão, mas ela tinha nervos a mais para pensar racionalmente.

- Mas que lhe vou eu dizer? Não, isto não é nada fácil.

- Vais lhe dizer que o amas. Ou não é verdade?

- É.

- Então? Não compliques, mulher. Vou acabar por perder a paciência contigo...pensa bem! Não é todos os dias que encontramos uma pessoa que se encaixe tão bem na nossa vida. A felicidade não bate à porta duas vezes. Se o miúdo fosse mesmo filho dele eu seria a primeira a dizer-te para desistires, porque seria uma causa perdida. Mas assim? Ele gosta de ti ainda. Eu moro lá esqueceste-te? Ele não gosta de Antónia, não vive com ela como se fossem casados e provavelmente tu és a barreira que não o deixa chegar à sua esposa legal. Já pensaste nisso?

- É verdade. – Respirando fundo, Júlia continuou: - Então não tenho mesmo solução, não é? Tenho mesmo de me confessar ao homem da minha vida! – Júlia já sorria como uma jovem apaixonada, acreditando que, se calhar, o plano poderia dar resultado.

- Claro que sim. Nem eu deixaria que fosse de outra maneira. – Disse Carolina, sorrindo. – Então vamos despachar que daqui a nada os cavaleiros saem da igreja da Ribeira Seca e do Solar da Mafoma.

- É com muito gosto que aqui estou a comemorar convosco mais um feriado municipal, no nosso 29 de Junho.

Afonso começava o seu discurso de uma forma solene, delicada e inteligente. Outra coisa não seria de esperar. Ele vestia um camiseiro rosa claro, umas calças de ganga e uns sapatos castanhos. Na cara tinha o seu ar sério e o seu sorriso sempre prestes a rasgar. Júlia ouvia o discurso das festividades com a maior atenção possível, mas afinal ela não estava atenta às palavras, mas a quem as proferia. Sem perceber nada do que ele dizia, Júlia sentia que aquelas palavras lhe faziam um solavanco no estômago, deitando-o debaixo a cima, de tanta ansiedade.

- Desde 1910 que é feriado no nosso concelho da Ribeira Grande. É mesmo importante para nós estarmos aqui hoje. E se quase todos nós já sabemos as várias lendas que este dia acarreta, temos sempre algum visitante ou algum habitante acabado de chegar que

precisa de conhecer a nossa cultura e as nossas tradições. Então foi assim. – Continuou o historiador. – Muitas são as versões sobre este dia das Cavalhadas de São Pedro. Uns dizem que há mais de 400 anos os vulcões que enterravam a ilha de São Miguel levaram um governador a vir, em cavalgada, acompanhado por mordomos do Divino Espírito Santo agradecer a São Pedro, da Ribeira Seca da Ribeira Grande alguns milagres ocorridos. Outros ainda pensam que o Rei das Cavalhadas representa o chaveiro do céu, quando fazendo a pregação congregava multidões para a fé no Senhor. Mas a imaginação e a tradição deste dia vão mais longe e há ainda quem acredite que os cavaleiros de São Pedro parecem torneios e manifestações teatrais de épocas medievais. O agradecimento pelo renascimento da terra também é visto como uma explicação para este dia. Isto porque, há quem pense que os cachos armados em flores e os frutos temporãs surgem como uma forma de agradecimento pelo renascer da terra depois de estéril, por causa das crises vulcânicas. Explicações mais tardias dizem-nos que as Cavalhadas aproximam-se do Culto do Divino Espírito Santo, em simultâneo com o de São Pedro. Seja como for, ano após ano aqui estamos nós. Sempre dispostos a enfrentar um novo ano, acreditando que o próximo será sempre melhor e que teremos sempre mais forças para vir agradecer, neste mesmo dia, a São Pedro por tudo o que nos tem acontecido. Pensem, neste momento, em cada situação feliz que viveram ao longo deste ano e agradeçam. – Afonso parou de falar por uns segundos. Lembrou-se de Júlia, claro. E de que forma ela tinha sido o momento mais importante daquele ano para si. Tinha sido, mas, infelizmente, já não era, mas podia bem voltar a ser. Afonso recompôs-se e continuou, sorrindo afavelmente. – Aproveitemos este momento de tradição e cultura e apreciemos da melhor maneira que conseguirmos o cortejo do rei, acompanhado pelos dois vassalos.

Todos bateram palmas e Afonso agradeceu com um aceno. Ele adorava falar para multidões como naquele dia. Afonso sabia que no meio daquela multidão estava Júlia, só queria encontrá-la e isso poderia ser o mais difícil. Entretanto, o cortejo começou. Depois do rei e dos vassalos, podiam-se ver os cavaleiros e os três corneteiros, fechando com os dois lanceiros.

Era um espectáculo digno de ser visto. Apesar de já o ver há anos sem fim, Afonso tinha sempre muito gosto em assistir àquele evento.

O desfile começou na Ribeira Seca, mais concretamente no Solar da Mafoma e na igreja paroquial. Neste local, foi declamada uma Embaixada a São Pedro e dadas sete voltas. Segundo a tradição, estas sete voltas são dadas pelos dons do Divino Espírito Santo.

De seguida, o cortejo seguiu caminho para os Paços do Município e para o Jardim Municipal. Aí, decorreu uma embaixada de cortesia junto das autoridades municipais e foram dadas três voltas em redor do jardim. Logo de seguida, o cortejo percorreu a Igreja Matriz, onde deu uma volta. A Ermida de Santo André não foi esquecida, pois este apóstolo é irmão de Pedro. Aí o cortejo deu três voltas e partiu para as ruas de todas as freguesias citadinas.

O cortejo era algo abismal. Júlia já tinha visto, mas há muito tempo, quando vinha, esporadicamente, com os pais à Ribeira Grande. Ela reparava em todos os pormenores, como se posteriormente precisasse fazer uma descrição detalhada a alguém.

Os cavaleiros estavam trajados a rigor. Vestiam uma camisa branca, com uma calça da mesma cor, tendo nos lados uma fita vermelha e na boca da calça uma renda branca e estreita. A gravata e as faixas na cintura também eram vermelhas. Mas como se aquele aparato já não fosse o suficiente para tornar a indumentária dos cavaleiros completamente interessante, os senhores levavam ainda laços de fitas armados em flor nos ombros, no peito, nas costas e nos braços. Na cabeça podia-se ver um chapéu alto enfeitado com objectos de ouro ou flores de papel prateado, que enchia totalmente a parte exterior. No ombro direito, e cruzando o peito até à cintura, os cavaleiros envergavam uma faixa vermelha que continha as iniciais S. P. referentes a São Pedro. O que também levava as referidas iniciais, algumas em amarelo, outras em branco era a avara extremada de lança, empunhada de uma bandeira vermelha. As mãos não podiam estar a descoberto, pelos que nestas os cavaleiros envergavam luvas brancas.

Ter a rua repleta de pessoas com todo aquele cenário festivo era inspirador para Júlia. Aquele era o cenário perfeito para retomar a relação com o homem da sua vida, mas não ainda. Seria muito difícil de o encontrar.

No outro lado da rua, mais perto de Júlia do que ela poderia imaginar, estava Afonso. Também ele queria encontrá-la, mas nem tinha a certeza que ela lá estava. O mais provável era que estivesse, mas mesmo assim, tentar encontrá-la naquele momento era como tentar encontrar uma agulha num palheiro. As ruas estavam repletas de pessoas curiosas e interessadas no cortejo e Afonso nem sequer tentaria percorrer as ruas da Ribeira Grande à procura de Júlia. Mas para que queria ele vê-la senão a podia tocar

como desejava? Pensando por uns momentos, perdeu o desejo de a procurar e concentrou-se no cortejo. Claro que a vontade de falar com Júlia não tinha desaparecido, mas a realidade tinha tomado conta de si e então percebeu que não poderia pensar mais nela daquela forma. Pelo menos por enquanto. Agora tinha de se concentrar no cortejo e ver o seu filho que ia desfilhar.

Antónia também estava lá para ver o filho, mas tinha sido Afonso quem a tinha convencido, pois ela não queria de forma alguma participar naquelas festividades. Quando Afonso falou a Santiago sobre o cortejo, o filho do historiador logo quis participar e ver como era, o que irritou profundamente a sua mãe.

Saindo dos seus pensamentos, Afonso viu uma mulher que lhe parecia familiar. Bastou que algumas pessoas se desviassem para que os seus olhos pairassem sobre Júlia. Ele já não a via há muito tempo e lá estava ela: bonita, imponente, risonha. Carolina estava ao lado dela e falavam sem parar, como se fossem duas meninas do colégio. De que falariam elas? Como ele gostava de saber. A única coisa que ele não sabia era que Júlia estava a falar de si; ansiosa por falar com ele e montar a peça que faltava no puzzle da relação de ambos.

- Ainda falta muito para este cortejo acabar? – Perguntava Júlia a Carolina, como uma criança que chateia muito a mãe para ver a prenda de anos antes da festa.

- Falta um pouco, tem calma.

- Ah não posso esperar mais. Nem sei como o vou encontrar no meio desta multidão.

- Primeiro espera que o cortejo acabe e depois logo vamos à procura dele. – Afirmou Carolina, afagando o braço da irmã. – Olha o Santiago. Eu ouvi o Afonso dizer qualquer coisa sobre ele vir no cortejo, mas já não me lembrava.

- E não me soubeste dizer? De certeza que a Antónia está cá, e tu a dizer que ela não deveria mesmo vir.

- Uma coisa não tem nada a ver com a outra. Aquela mulher tem muita coragem para nem vir ver o filho a desfilhar. Não te preocupes tanto, Júlia.

- É fácil dizer quando não se está dentro da situação.

- E que queres que te faça? Que me apaixone pelo Afonso repentinamente só para saber o que estás a passar? – Ironizou Carolina a rir muito alto, tanto que fez as pessoas olharem para trás. Revirando os olhos, como se não se preocupasse com os comentários do povo, Carolina encontrou os seus olhos com os de Santiago e acenou-lhe com um sorriso enternecedor. – Olha, Júlia, o meu menino.

Júlia olhou e viu o pequeno. Ele era mesmo engraçado. Trazia um traje tal e qual como o dos outros cavaleiros. O seu cavalo, tal como os outros, tinha um lençol branco preso na base do pescoço com um laço de fita de tamanho grande. No seu pescoço estava pendurada uma campainha e na testa um laço rosa de papel. Por fim, levava flores de papel nos quadris. O miúdo tinha os lábios abertos num sorriso contagiante. Júlia não conseguia perceber como Antónia tinha sido capaz de meter o filho naquela história. Ela estava a brincar com os sentimentos de todos, principalmente com os do seu filho. Ele estava a gostar muito de Afonso e quando soubesse que afinal não era ele o pai, a criança ia sofrer e muito.

Antónia fazia tudo aquilo para manter Afonso perto de si. Como seria possível que nos dias de hoje alguma mulher ainda fosse capaz de fazer uma coisa daquelas? Fosse como fosse, se tudo corresse bem, naquele dia Afonso voltaria para Júlia e tudo terminaria. Entretanto, Santiago continuava a sorrir e agora acenava para alguém. Júlia seguiu a mão do pequeno cavaleiro e qual não foi o seu espanto quando deu de caras com Antónia. Lá estava ela, muito prepotente e sorridente. Com ela no recinto Júlia não se sentia capaz de procurar Afonso e de lhe contar a verdade. Não. Iria desistir da ideia. Havia de ficar para outro dia ou quem sabe para nunca mais. E se Antónia os visse a conversar? Poderia fazer um escândalo e com certa razão. Já não era a primeira vez que ela apanhava o marido na companhia de Júlia e se aquilo acontecesse de novo não seria nada bom.

Júlia começou a ficar desesperada partiu em direcção a qualquer sítio que lhe desse mais segurança. Saber que no mesmo local onde ela estava também se encontrava Afonso e Antónia deixava-a com uma agonia tal, que Júlia já nem conseguia pensar em mais nada. Ela começou a fugir por entre os corredores de pessoas na rua. Entretanto, Carolina percebeu o que se passou e correu atrás dela. Júlia nem se deu conta que a irmã seguia atrás de si e que a chamava muito alto. Ela respirava muito rapidamente, sentindo que nunca mais ia conseguir ter Afonso de novo. Nunca se tinha sentido assim por ninguém e ele agora estava a fugir-lhe por entre os dedos. Como tinha aquilo acontecido? Teria ela entregue os pontos facilmente? Porque raio não tinha ela lutado mais e feito Afonso perceber que poderiam ser felizes juntos mesmo havendo um filho de outra mulher? Poderia ela ter lutado mais? Não, se calhar não, concluiu Júlia. Afonso nunca iria querer ter uma vida dupla, mesmo que isso fosse algo normal nos dias de hoje. Júlia já estava a correr como louca, sempre a ouvir o som alto da música da festa,

quando sentiu alguém a agarrar-lhe no braço com força. Ela olhou para trás e começando a sentir as lágrimas a descerem pelo seu rosto disse:

- Deixa-me ir. Não posso fazer mais nada aqui. Ela está cá, não posso lutar contra ela. Eles têm um filho em comum.

- Ele não é filho de Afonso. – Afirmava Carolina enquanto enxugava as lágrimas reprimidas da irmã. – Quantas vezes tenho de te dizer isso?

- Ele pode não acreditar em mim e eu não quero que Antónia nos encontre novamente juntos. Não é fácil para mim enfrentar esta situação, tens de entender isso Carolina.

- Eu entendo. O que eu não compreendo é como é que és capaz de deixá-lo fugir assim, quando dizes que o amas tanto.

- E amo, como nunca amei ninguém.

- Então vai atrás dele. Não esperes mais.

- Não posso. Deixa-me ir. Só me vou sentar num sítio onde não esteja ninguém. Preciso de estar sozinha.

- Para onde vais, Júlia?

- Para a igreja, acho que lá vou estar sozinha e em segurança. Lá ninguém me encontra. Carolina deu um beijo na face húmida e salgada da irmã e disse:

- Vai, se te sentes melhor assim.

Carolina ficou a ver Júlia a ir embora. O seu corpo estava meio dobrado, porque agora Júlia chorava de revolta; sentia o seu corpo tremer por cada soluço que dava e a dor de ter perdido a pessoa que mais amava estava bem presente naqueles soluços. Júlia sentia-se despedaçada, porque apesar de ter um trunfo na mão que a podia levar de volta para o caminho do Afonso, só o facto de ver Antónia a deixou completamente de rastos. Aquela mulher tinha o dom de a deixar sensível e incapaz de avançar fosse com que plano fosse e daquela vez não seria diferente. Antónia tinha um poder de persuasão muito forte e por certo que Afonso já se tinha voltado a apaixonar pela mulher. A insegurança de Júlia era algo que não conseguia controlar, nunca tinha conseguido, porque iria conseguir daquela vez?

Quando entrou na igreja, católica como era, Júlia benzeu-se e fechou os olhos com muita força. A sua vontade era abri-los e perceber que aquilo tudo não tinha passado de um sonho ou de um pesadelo. Mas isto não ia acontecer. Então, Júlia abriu os olhos, limpou as lágrimas que teimavam em cair e subiu toda a nave da igreja. Quando chegou ao primeiro banco ajoelhou-se, cruzou os dedos para começar a sua prece e rezou muito

baixinho, enquanto as lágrimas continuavam a rolar nas suas faces. Ela não sabia há quanto tempo estava naquela posição; não sabia se alguém tinha entrado ou saído da igreja; só sabia que estava perdida naquele seu mundo e que nem tão cedo queria se encontrar. Mas, como nem todos os desejos dos homens são atendidos, naquele momento o silêncio penetrante e perturbante de Júlia foi perturbado.

Ele tocou-lhe com as pontas dos dedos no ombro direito, como sempre fazia quando a queria apanhar de surpresa. Reconhecendo o seu toque, Júlia tirou os dedos da posição de prece e estendeu a mão direita para tocar nos dedos que roçavam o seu corpo. Os dedos de ambos entrelaçaram-se e Júlia fechou os olhos com muita força. Recomeçou a chorar, mas desta vez alto, muito alto. Bastava de fingir que estava bem, bastava de tentar por para trás o sentimento mais nobre que tinha experimentado.

- Olá. – Sussurrou-lhe ele ao ouvido.

Júlia virou-se e olhou Afonso nos olhos.

- Olá querido. Tive saudades tuas. - Afirmou Júlia, agarrando com muita delicadeza as mãos do seu amado. Ele sentou-se a seu lado, passou-lhe um dedo pela face e beijou-a, suavemente na testa.

- Como sabias que eu estava aqui?

No meio da multidão, Afonso corria como um louco à procura de Júlia ou de Carolina. Ele viu quando elas fugiam em direcção a algum sítio que não percebeu qual. Subitamente, viu Carolina a regressar do lado da igreja sozinha e não hesitou em chamá-la. Ela ouviu rapidamente.

- Onde está a Júlia?

- Ela quer ficar sozinha. – Retaliou Carolina.

- Mas porquê? O que se passou?

- Ela viu Antónia e ficou assim. A Júlia quer falar contigo, voltar para ti, mas sente que Antónia é uma ameaça muito grande e que não a consegue enfrentar.

- Diz-me onde ela está, por favor.

Carolina olhou para Afonso muito atentamente, sem saber o que fazer. Por um lado, queria respeitar a vontade da irmã, quando esta lhe pediu para ficar sozinha, mas por outro sabia que tinha de fazer o que estava ao seu alcance para unir Júlia e Afonso.

- Ela está na igreja. Disse que ia para lá para pensar, porque precisava de ficar sozinha. Ela tem algo para te contar.

Afonso sentia-se mais corajoso do que nunca. Nem queria saber se tinha um filho ou uma mulher, pois ele sabia que as coisas agora eram mais fáceis. Naquele momento, só queria saber de Júlia, do amor da sua vida. Ficou tão contente por saber que podia estar uns minutos com a sua amada sem que ninguém os visse que abraçou Carolina e disse:

- Obrigada, mil vezes obrigada.

Carolina ficou a vê-lo correr em direcção à igreja, pensando que a paz e o silêncio da irmã iam ser interrompidos por sua culpa. Ficaria ela muito chateada?

- Então foi ela que te contou? Ela não existe. Tinha que te dizer.

- E não fez bem? – Perguntou Afonso?

- Claro que fez. Mas não sei se isto é o mais correcto.

- Ela disse que tens uma coisa para me contar. O que é?

Júlia coçou o nariz e respirou fundo. Estava na hora, não era? Ela tinha fugido da verdade, mas a verdade tinha ido até ela. Agora já não havia mais solução. Afonso estava à sua frente, onde ninguém os podia perturbar e Júlia iria contar tudo o que sabia.

Alguma coisa havia de acontecer, boa ou má.

- Sim é verdade. Tenho uma coisa para te contar.

- É o quê?

- Não é fácil!

- É bom ou mau?

- Tem um lado negativo e um lado positivo.

- E porque não contaste mais cedo?

- Porque não encontrei o momento ideal.

- Porquê?

- Isto é alguma espécie de charada? – Perguntou ela sorrindo.

- Sim, é. Para ver se ficas menos tensa.

- Eu não estou tensa, apenas cansada.

- Então conta-me. O que se passa?

Se Júlia começasse a enrolar, era bem capaz de não contar a verdade e de inventar alguma coisa de última hora, mas se fosse directa demais poderia magoar Afonso. O seu único medo era que ele não acreditasse em si. Alguma coisa tinha de fazer e por isso escolheu ser directa.

- O Santiago não é teu filho.

Afonso parou de mexer com os dedos de Júlia, respirou fundo e preparou-se para dizer:

- Eu já sabia.

- Como assim já sabias?

- Eu descobri há poucos dias. Ouvi a Antónia a falar com a mãe e a dizer-lhe que não me podia esconder isso por muito mais tempo.

- Deve ter sido a mesma conversa que Carolina ouviu.

- A Carolina também sabia? Eu pensava que não estava mais ninguém em casa.

- Também ela pensou o mesmo. E já sabes quem é o pai?

- Eu confrontei Antónia com esta situação e ela disse-me que o pai de Santiago é o homem com quem ela sobreviveu do acidente de avião.

Júlia levou a mão à boca, não acreditando no que estava a ouvir. Só naquele momento lhe ocorreu perguntar a Afonso porque raio ele ainda vivia com Antónia.

- E mesmo sabendo disso tudo continuas com ela. Porquê?

- Porque ela disse que me proibia de ver o Santiago se eu saísse de casa.

- Mas ele não é teu filho. Preferiste ficar longe de mim a entrar nos jogos daquela mulher? És demais! Cobarde demais! – Afirmou ela, começando a ficar enraivecida.

- Fala baixo e não começas com os insultos. Estamos numa igreja.

- Então explica-me porque ainda moras com eles. – Disse Júlia muito baixo, contrariamente à afirmação anterior.

- Como viste, o Santiago foi hoje no desfile. Este foi o maior desejo dele desde que nos lhe falei nas Cavalhadas. Conte-lhe sobre esta tradição e ele adorou a ideia. Claro que fui eu que tratei de tudo e não o podia deixar na mão por causa da irresponsabilidade da mãe, não achas? – Depois de Júlia ter acenado afirmativamente, Afonso continuou. – Desde o dia que descobri tudo decidi que assim que passasse o dia de hoje ia te procurar. Vai-me custar muito não ver o Santiago, pois já me habituei demais a ele. Ele era uma ótima companhia para mim e vai sentir muito a minha falta. Tenho muita pena de o deixar assim, mas não posso perder a mulher da minha vida, não achas?

- Sim, acho. Então escolhemos o mesmo dia para voltarmos um para o outro. Até isso é bonito. Temos mesmo de ficar juntos. – Afirmou Júlia, encostando a sua testa à dele. – Vamos morar juntos?

- Antes disso temos de casar.

- Mas tu não querias casar mais, por causa do teu primeiro casamento, pois não?

- Há casamentos simbólicos que valem muito mais do que grandes cerimónias como a que eu tive com Antónia, por exemplo.

- E o que sugeres?

- Que nos casemos já!

Júlia descolou o seu rosto do de Afonso e ficou a olhá-lo incrédula.

- Como assim? Estás maluco?

- Não. Só tens de responder: queres ser a minha mulher?

Júlia ainda parou um pouco antes de alinhar naquele jogo, mas depois pensou: e porque não? Não era por casar no civil e ter de assinar um monte de papéis no dia do casamento que as pessoas se tornavam mais felizes. O que eles precisavam para ser felizes estava naquela igreja: eles e a bênção de Deus.

- Acho que estamos a desafiar os limites da razão com esta atitude.

- E já não os desafiamos demasiadas vezes? – Ela olhou para ele fixamente, à espera que ele enumerasse os casos que tinha acabado de referir. – Até fui eu quem começou com estes desafios e parece que vou acabar com eles. Desafiei os limites da razão quando usei o teu texto para a minha apresentação, quando andamos juntos às escondidas da minha mulher e quando nos proibimos de ver um ao outro.

- Mas aí desafiamos os limites do coração, não achas? – Perguntou Júlia a entrar a brincadeira do amante.

- Desde o momento que deixamos que alguém nos separasse, desafiamos quaisquer limites possíveis.

- Pois foi, mas agora estamos juntos. – Disse ela a sorrir.

- E afinal, aceitas ou não ser minha esposa?

- Sim, Afonso! Aceito ser tua esposa.

Eles beijaram-se ternamente, como se nunca se tivessem beijado na vida e ali começava um novo capítulo da vida de cada um. Depois de um longo abraço, Júlia prendeu os seus dedos no do marido, olhou-o nos olhos e disse:

- Há laços que estão destinados a existir para sempre e o nosso é um deles.